UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS
INSTITUTO DE ARTES
MESTRADO EM ARTES CÊNICAS

Lorraine Albina Tomaz

Um olhar para a Política Cultural de Uberlândia: desafios e perspectivas para as Artes Cênicas - um estudo de caso sobre o Projeto Circo

UBERLÂNDIA
2025

Lorraine Albina Tomaz

Um olhar para a Política Cultural de Uberlândia: desafios e perspectivas para as Artes Cênicas - um estudo de caso sobre o Projeto Circo

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas/Mestrado do Instituto de Artes (IARTE), da Universidade Federal de Uberlândia – UFU como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes Cênicas.

Área de Concentração: Artes Cênicas

Linha de Pesquisa: Estudos em Artes Cênicas – Conhecimentos e Interfaces da Cena

Orientador: Prof. Dr. Alexandre José Molina

UBERLÂNDIA
2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

T655 Tomaz, Lorraine Albina, 1990-
2025 Um olhar para a Política Cultural de Uberlândia: desafios e perspectivas para as Artes Cênicas - um estudo de caso sobre o Projeto Circo [recurso eletrônico] / Lorraine Albina Tomaz. - 2025.

Orientador: Alexandre José Molina.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Artes Cênicas.
Modo de acesso: Internet.
DOI http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.733
Inclui bibliografia.

1. Teatro. I. Molina, Alexandre José ,1978-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Artes Cênicas. III. Título.

CDU: 792

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1V - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4522 - ppgac@iarte.ufu.br - www.iarte.ufu.br

ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Artes Cênicas				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico				
Data:	29 de Julho de 2025	Hora de início:	9h45	Hora de encerramento:	11h30
Matrícula do Discente:	12312ARC015				
Nome do Discente:	Lorraine Albina Tomaz				
Título do Trabalho:	Um olhar para a Política Cultural de Uberlândia: desafios e perspectivas para as Artes Cênicas - um estudo de caso sobre o Projeto Circo				
Área de concentração:	Artes Cênicas				
Linha de pesquisa:	Estudos em Artes Cênicas: conhecimentos e interfaces da cena				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Formação e atuação profissional em dança: desafios e perspectivas				

Reuniu-se por Webconferência pela plataforma RNP, a Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, assim composta: Professores Doutores Jarbas Siqueira Ramos (PPGAC/UFU), Lia Calabre de Azevedo Felix (Fundação Casa de Rui Barbosa) e Alexandre José Molina (PPGAC/UFU), orientador da candidata.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Alexandre José Molina, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.

Documento assinado eletronicamente por **Lia Calabre de Azevedo Felix**, **Usuário Externo**, em 06/10/2025, às 11:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Jarbas Siqueira Ramos**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/10/2025, às 19:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Alexandre José Molina**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 08/10/2025, às 14:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6729037** e o código CRC **133FFB1B**.

Referência: Processo nº 23117.051721/2025-32 SEI nº 6729037

AGRADECIMENTOS

Eita, que é gente para agradecer, viu!

Gostaria de agradecer a meus amigos Gabriel Rimoldi, Hugo Cezar Palhares, Eliézer Silva, Fábio Vianna, Letícia Palhares, Camila Amuy, Andreia de Jesus, Vivian De Brino, Caetano Vieira, Valéria Friso, Eluhara, Mariana Mendes, Marina Maschio, a galera do vôlei Underground pelas trocas, pelo ombro amigo, pelas risadas, pelo apoio e afins. Teve momentos muito difíceis que a companhia de vocês durante essa jornada fez muita diferença. Em especial, gostaria de agradecer à Natânia Borges, Vitória Etra e Adriana Francisco que pegaram na minha mão para podermos subir num palco e tocar. Eu ali, toda insegura, cheia de monstros que me atormentavam e me travavam com relação ao palco. Muito obrigada!

À minha mãe, irmãs, avós e sobrinhos, os quais são a base do que sou. Mesmo nesse finalzinho e com tanta coisa nova acontecendo, respeitaram meu tempo. Obrigada!

À minha psicóloga Fabiana Cardoso e à minha psiquiatra, Karen Guassú, por me medicar e ajudar a lidar com esse turbilhão sem surtar mais do que o normal. Sem vocês, a conclusão deste trabalho não aconteceria mesmo, real oficial. Viva a ciência!

À Fapemig pela bolsa durante o segundo ano. Sem a bolsa, seria mais impossível entregar uma pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação de Artes Cênicas da Universidade Federal de Uberlândia, por aceitar que este trabalho tenha sido desenvolvido sob seu metiê. Para mim, é essencial que a discussão acerca das políticas culturais aconteça também no Instituto de Artes, nos cursos de graduação e pós-graduação. Afinal de contas, com uma política cultural bem estruturada, haverá um mercado de trabalho melhor resolvido nos entes federativos para os formandos destes cursos.

Ao Alexandre Molina, por aceitar me orientar nessa caminhada.

Amo vocês!

"... Precisa parar com essa história de achar que Cultura é uma coisa extraordinária. Cultura é ordinária. Cultura é igual feijão com arroz. É necessidade básica. Tem que estar na mesa, tem que estar na cesta básica de todo mundo. E pra isso é preciso ainda que haja uma conscientização muito grande. Porque muita gente, inclusive muitos dos governantes, acham que Cultura é uma coisa excepcional. A responsabilidade com a Cultura é a responsabilidade com a sua própria vida porque tudo é Cultura. (...)" (Gilberto Gil. 2003.)

Resumo

Esta pesquisa analisa a construção da política cultural em Uberlândia, com foco na criação da Secretaria Municipal de Cultura, em 1984, tendo como estudo de caso a história do Centro Cultural Itinerante - Projeto Circo, que aconteceu até o início dos anos 2000. A autora levanta a hipótese de que a elite política de Uberlândia não investe em cultura por reconhecer o potencial transformador que o acesso à Educação e Cultura pode trazer para a população, visando manter as diferenças das classes sociais. Para dar suporte a esta análise, trazemos os conceitos de habitus, capital cultural e violência simbólica desenvolvidos por Pierre Bourdieu, passamos pelos conceitos de indústria cultural de Adorno e Horkheimer e de estigma, desenvolvido pelo Erving Goffman. As reflexões sobre o Projeto Circo contaram ainda com a colaboração de agentes participantes do projeto na forma de entrevistas. Os resultados do trabalho apontam que, apesar do município ter condição econômica para valorizar a Cultura local, o movimento para tal tem sido o inverso. Com os aumentos da inflação brasileira, que impacta na prestação de serviços e consumo atrelado ao crescimento econômico da cidade; a estagnação do orçamento estimado ano a ano para a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo impacta negativamente a construção e manutenção de políticas públicas de formação de público e/ou novos artistas, como o projeto estudado vinha realizando.

Palavras chave: Política Cultural; Uberlândia; Artes Cênicas; Projeto Circo.

Abstract

This research analyzes the construction of cultural policy in Uberlândia, focusing on the creation of the Municipal Secretariat of Culture in 1984, taking as a case study the history of the Traveling Cultural Center - Projeto Circo, which operated until the early 2000s. The author hypothesizes that Uberlândia's political elite does not invest in culture because they recognize the transformative potential that access to Education and Culture can bring to the population, aiming to maintain social class differences. To support this analysis, we bring the concepts of habitus, cultural capital, and symbolic violence developed by Pierre Bourdieu, as well as the concepts of cultural industry by Adorno and Horkheimer, and stigma by Erving Goffman. The reflections on Projeto Circo also included the collaboration of project participants through interviews. The results of the study indicate that, despite the municipality's economic capacity to value local culture, the movement has been the opposite. With increases in Brazilian inflation, which impacts service provision and consumption linked to the city's economic growth; the maintenance of the estimated annual budget negatively impacts the construction and maintenance of public policies for audience development and/or new artists, such as the project studied.
Keywords: Cultural Policy; Uberlândia; Performing Arts; Projeto Circo.

Sumário

Introdução....8
Capítulo 1 - MARCO TEÓRICO E CONCEITUAL....13
1.1 O Campo Cultural....13
1.2 As Três Dimensões da Cultura....15
1.3 Capital Cultural e Desigualdade de Acesso....18
1.4 "O Amor pela Arte" e a Construção Social do Gosto....21
1.5 Poder Simbólico e Violência Simbólica....24
1.6 Território Cultural e Políticas Públicas....25
1.7 Estigma e Exclusão Cultural....26
1.8 Indústria Cultural e Emancipação....28
1.9 Articulação entre Habitus, Campo e Estigma....29
1.10 Considerações....31
Capítulo 2 – Contexto Histórico e Político De Uberlândia....32
2.1 Evolução das Políticas Culturais no Brasil....33
2.2 Mecanismos de Financiamento à Cultura....35
2.3 História dos Conselhos de Cultura no Brasil....37
2.4 Formação Histórica de Uberlândia....38
2.5 Perfil Demográfico e Socioeconômico....40
2.6 Governança e Políticas Municipais....45
2.7 A Gestão Zaire Rezende e as Políticas Culturais....46
2.8 Institucionalização das Políticas Culturais em Uberlândia....51
2.9 Mecanismos de Financiamento à Cultura em Uberlândia....54
2.10 Considerações....58
Capítulo 3 - Estudo do Projeto Circo (1986 – meados dos anos 2000)....59
3.1 Contexto Político e Institucional....63
3.2 Metodologia e Funcionamento do Projeto....63
3.3 Desafios e Limitações....68
3.4 Alcance e Impacto do Projeto....72
3.5 Vozes da Comunidade: Percepções e Memórias....74
3.6 Considerações....77
4 - Conclusão....77
5 - Bibliografia....79
6 - Anexos....82
ENTREVISTA – DADOS DO ENTREVISTADO(A)....144
ENTREVISTA – DADOS DO ENTREVISTADO(A)....1
ENTREVISTA – DADOS DO ENTREVISTADO(A)....1
7 - Pós-créditos....1

Introdução

Ao me aproximar do encerramento da Graduação em Música na Universidade Federal de Uberlândia, veio a pergunta que vale um milhão de dólares: e agora, o que fazer? Pode parecer uma pergunta inocente para algumas pessoas, a depender do curso que será finalizado; para outras, pode gerar crises existenciais estrondosas; para o tio do pavê, a resposta é simples: música, ué!

Sendo de uma geração que ouviu dos adultos, muitas vezes frustrados por trabalhar com o que tinha, o famoso conselho "(...) tem que estudar bastante, para quando crescer, ser alguém na vida! Ter a casa própria aos 30 anos, o carro, conseguir trabalhar com o que gosta, porque assim você nunca mais trabalhará!", nos revisita. O problema é: e quando o que se gosta é Arte? E quando o que se gosta é Arte em uma cidade fora do eixo Rio - São Paulo? É possível viver de Arte sem precisar, obrigatoriamente, se mudar para os grandes centros? Neste momento da vida, só sabendo fazer coisas relacionadas com a Cultura (tocar, dançar, atuar) atrelada a uma "baixo estima alta" nutrida por pedras encontradas no caminho, faço uma análise do território[1] e decido deixar de lado o que sabia para aprender algo novo: produção cultural.

Escrevi meu primeiro projeto, meio sem entender o edital, o qual não foi aprovado e, ao ler um novo edital, o texto me pareceu, assim como o primeiro, ríspido/duro/frio e com um ar de desconfiança das pessoas que se submeteriam naquele processo que me incomodaram. Regras que pareciam ser construídas para que você desistisse. Indignada e sem tempo para reclamar para pessoas que não pudessem resolver, me indaguei sobre os responsáveis pela escrita deste edital. E assim entro em contato com uma estrutura curiosamente pouco explorada durante minha formação: a política pública voltada para a Cultura. Nesse momento, me candidatei para ser uma das delegadas representantes da área da Música na terceira Conferência Municipal de Cultura da cidade; em seguida, começo a participar das reuniões do Conselho Municipal de Política Cultural - CMPC.

[1] Aqui é importante trazer a lembrança do ano mais musical que vivi nesta cidade: 2011. Em 2011, a cidade recebeu o Congresso da Anppom e o MIMU - Movimento Internacional de Música de Uberlândia, que durou 15 dias, com a presença de músicos da Alemanha, Rússia, Estados Unidos, França e muitos músicos renomados brasileiros. Nestes dois eventos, fiz parte da produção. Além destes eventos, alguns docentes do curso tinham um *feeling* aguçado para a produção e trouxeram para a cidade muitos músicos de renome como João Donato, Toninho Horta, Paulo Jobim, Judicael Perroy, Lazhar Cherouana, Johannes Möller, dentre outros.

Até então, também realizei cursos sobre produção e gestão cultural, captação de recursos, marketing digital, capacitações para agente cultural, MBA em comunicação e Marketing e afins; e fui percebendo que, mesmo seguindo os passos aprendidos nessa trajetória, se a produção não envolvesse personas do *mainstream* ou com valores inacessíveis, as peças de teatro/ concertos musicais/ espetáculos de dança, mesmo com ingressos gratuitos, não lotavam o Teatro Municipal, em sua maioria. Por quê? Será por falha nas estratégias traçadas para a divulgação dos eventos? Por ausência de políticas públicas que garantam o acesso a espaços culturais? Quais as medidas que o Município vem tomando para garantir o acesso à Cultura para a sociedade civil? Como o Município está fomentando a Cultura na cidade? Como os artistas da cidade se sentem incentivados pelo Poder Público? Quais as políticas culturais da cidade? Como a ausência de políticas culturais voltadas para a Cultura impacta no mercado de trabalho do artista local? A caixa de Pandora abriu! E, entre 2019 e 2023, me tornei conselheira no CMPC. Infelizmente, um fato que já acionava uma luz vermelha não mudou durante esse percurso: a participação da sociedade civil na construção das políticas públicas.

Com o advento da pandemia da Covid-19, o setor cultural foi drasticamente atingido com as medidas de isolamento necessárias para a minimização dos contágios pelo vírus. É neste momento que a classe artística nacional faz uma movimentação histórica e constrói uma política cultural emergencial em tempo recorde: a lei 14.017/2020 que ficou popularmente conhecida como Lei Aldir Blanc 1. Considerando a concepção do texto, discussão com a sociedade civil no âmbito nacional, aprovação e implementação, além do advento de um governo de extrema-direita com ódio declarado à Cultura, a duração de todo o processo para a construção de uma política nacional girou em torno de 4 meses[2]. Talvez outro dos pouquíssimos pontos positivos deste período de isolamento social seja a possibilidade de fazer vários cursos que anteriormente seria possível participar apenas presencialmente. Em um desses cursos, ao dizer que sou de Uberlândia, o produtor e gestor cultural Chico Pelúcio brilhou os olhos e disse que no final da década de 80/90 ele vinha a Uberlândia para acompanhar os trabalhos do Projeto Circo, que se tratava de um centro cultural itinerante que passava pelos bairros periféricos. Projeto este que não sabia que um dia havia existido, mesmo tendo chegado à cidade em 2008.

Digo tudo isso, pois estou ao lado da atriz Denise Fraga, que disse em uma entrevista para o programa *Podcast da semana,* que foi ao ar no dia 26/02/2023:

[2] Se foi possível construir uma política pública nacional em 4 meses, por que não é possível propor alterações e novas políticas públicas voltadas para a Cultura no município?

> "Quem tem contato com a arte, quem vai ao cinema, quem lê é uma pessoa que se liberta da mediocridade dos dias. Entende que pertence a algo maior, não vai deixar de sofrer (…), mas está com a cumplicidade dos poetas e, portanto, sofre bonito. E sofrer bonito, no mínimo, é um alívio."

Não sei se se trata de uma inocência, cegueira ou um ideal pessoal, mas eu realmente acredito que a ausência de um capital cultural, conceito de Pierre Bourdieu explicado posteriormente, nos fragiliza enquanto coletivo e individualmente, nos limita na lida dos problemas cotidianos. Todos nós temos o direito de ter o "alívio de sofrer bonito". Partindo da premissa de que as demandas sociais surgem a partir da necessidade das pessoas, só sentiremos falta do que conhecemos. A cultura/arte, por atuar no sensível/subjetivo, dificulta a percepção da dimensão de sua importância no dia a dia e, consequentemente, compromete o entendimento do direito de acesso a ela como uma demanda social. Claro que essa cegueira *à lá Saramago* tem outros fatores facilitadores, como a indústria cultural, por exemplo.

Ao olhar para o contexto em que vivemos, em uma era marcada por uma aparente liberdade individual, na qual o sujeito é incentivado a ser empreendedor de si, a performar constantemente e a se manter produtivo a todo custo; a dedicação excessiva ao trabalho, em detrimento da vida pessoal e das questões sociais coletivas, é um mecanismo central do sistema político atual, que se utiliza da autoexploração como forma de alienação. Essa autoexploração torna o indivíduo cúmplice de sua própria exaustão, criando um cenário em que não há mais espaço para o ócio, o descanso e, sobretudo, para a reflexão crítica e a participação política. É nesse ponto que a alienação se instala de forma eficaz: ao fazer com que o sujeito se concentre exclusivamente em seu próprio desempenho e sucesso, o sistema o isola das dinâmicas sociais coletivas.

Byung-Chul Han (2015) aponta que:

> Cada um carrega consigo seu campo de trabalho. Isso leva a uma crise profunda do tempo livre, do ócio, da contemplação e da comunicação verdadeira. (Han. 2015. p. 30)

Esse esvaziamento do tempo livre afeta diretamente a capacidade do indivíduo de se conectar com o outro e de se engajar com causas coletivas. O tempo que antes poderia ser dedicado à vida em comunidade, à política, à arte, ao afeto e ao cuidado, é consumido por uma lógica de produtividade incessante.

Confesso que tenho um receio em admitir, mas esta pesquisa tem um leve caráter de manifesto. Porém, enquanto migrante na segunda maior cidade de um Estado de 853 municípios, cidade esta que possui o PIB maior que o de algumas capitais brasileiras, que apresenta um crescimento econômico de encher a elite municipal de orgulho, que ostenta sua

colocação em rankings que elegem as melhores cidades do país; deveria ser um lugar culturalmente melhor desenvolvido. A busca por Uberlândia como um destino de moradia não se trata somente pelo caráter de cidade grande com costumes do interior, como campanhas publicitárias de construtoras querem fazer parecer, mas sim por uma melhor qualidade de vida que passa pela garantia de acessos previstos na Constituição Federal.

Como é possível ter qualidade de vida sem acesso à Cultura? Além disso, assim como na Saúde, que a cidade recebe pessoas das cidades vizinhas e se responsabiliza por garanti-la para todos; a cidade também tem responsabilidade em áreas como a Cultura para estas cidades. Não toda a responsabilidade, é evidente, mas por ser mais estruturada. Também se trata de uma cidade que a universidade se federalizou inicialmente pelo curso de Educação Artística. Por que é preciso se mudar para a praia para viver da sua arte? Nada contra alçar novos voos, eu fiz isso ao vir para Uberlândia, e adoraria estar na praia vendendo a minha arte! Mas se ver obrigada a fazer este movimento para sobreviver de seu ofício ou ter que mudar de área, não me parece uma situação muito normal. Além, claro, do que a ausência de investimento na área pode causar a longo prazo para a população.

Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é traçar uma linha de raciocínio para compreender os caminhos percorridos na construção da política cultural de Uberlândia. Para isso, tenho como ponto de partida a criação da Secretaria Municipal de Cultura[3] em 1984 e analiso, na forma de estudo de caso, a história do Centro Cultural Itinerante - Projeto Circo, finalizado em meados de 2011. A escolha desse projeto em específico se deu devido à característica de ser um projeto voltado para a difusão da Cultura em áreas periféricas da cidade, além da formação artística e de público. A hipótese desta análise é que, para manter as diferenças das classes sociais da cidade de forma clara, a elite política uberlandense escolhe não investir em cultura por conhecer o potencial transformador que o acesso à Educação e Cultura traz para as pessoas.

No Capítulo 1 busco introduzir a discussão sobre a riqueza cultural comunitária em contraste com o conceito de capital cultural de Bourdieu, propondo uma expansão para incluir as experiências de comunidades racializadas. O texto aborda a visão de déficit cultural, o papel da educação e da família na construção social do gosto, a violência simbólica na exclusão cultural e a atuação da indústria cultural. Também discute a

[3] A Secretaria Municipal de Cultura permaneceu exclusiva para as questões culturais até 2021, quando foi aprovado na Câmara dos Vereadores que o Turismo seria direcionado para a Secretaria Municipal de Cultura. Portanto, todas as vezes que me referir à Secretaria Municipal de Cultura, a sigla será SMCT.

importância de Uberlândia como território cultural, a articulação entre *habitus*, campo e estigma, e a responsabilidade do Estado na democratização do acesso à cultura.

O capítulo 2, discorre sobre a evolução das políticas culturais no Brasil, os mecanismos de financiamento, oferece uma contextualização histórica e política da cidade, desde sua formação no "Sertão da Farinha Podre" incluindo seu perfil demográfico e socioeconômico. Apresenta um panorama da governança municipal e destaca a gestão de Zaire Rezende, com sua abordagem inovadora para as políticas culturais, e a institucionalização dessas políticas na cidade. Busco passar pela política cultural nacional e sua reverberação em Uberlândia, explorando a história dos conselhos de cultura no Brasil e a institucionalização das políticas culturais no município, destacando o pioneirismo de Uberlândia na participação social durante a redemocratização. O capítulo também discute os mecanismos de financiamento à cultura em Uberlândia, como o Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PMIC), e a discrepância orçamentária para o setor cultural na cidade, que compromete a continuidade das ações de fomento e democratização.

O Capítulo 3 é dedicado à análise do Projeto Circo – Centro Cultural Itinerante, uma iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia que buscou descentralizar o acesso à cultura. O capítulo descreve a idealização e implementação do projeto, a importância do engajamento comunitário e a visão da então secretária Iolanda de Lima. Discute o impacto multifacetado do projeto na formação artística e de público, bem como suas fragilidades, como a não concretização de centros culturais permanentes e o encerramento em 2011, que simboliza a descontinuidade das políticas culturais locais.

Esta pesquisa tem caráter qualitativo e a coleta de dados foi feita no Arquivo Público Municipal e entrevistas. A escolha por um roteiro semiestruturado para a realização das entrevistas nesta pesquisa justifica-se pela necessidade de conciliar a sistematização da coleta de dados com a flexibilidade exigida pela natureza do objeto investigado. Conforme destaca Gil (2002),

> a entrevista informal é recomendada nos estudos exploratórios, que visam abordar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador, ou oferecer uma visão aproximativa do problema pesquisado. (Gil, 2002. p. 117)

Essa abordagem permite ao entrevistado maior liberdade na construção de suas respostas, favorecendo o aprofundamento de experiências e percepções que poderiam não emergir em instrumentos mais rígidos, como o questionário estruturado.

Para tratamento dos dados, o método usado é a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016). As pessoas que foram entrevistadas são: Denise Vieira, ex-funcionários da

secretaria de Cultura que trabalhou com o Projeto Circo; Claudio Henrique, dançarino que se reconhece como artista nos palcos do Projeto Circo; professora Lídia Meirelles, que foi secretária municipal de Cultura de 2000 a 2003. A aplicação do Estudo de Caso como método de investigação se baseia em Robert Yin (2001), que afirma se tratar de uma abordagem empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em um contexto da vida real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto nem sempre são claros. Diferente de experimentos controlados, o estudo de caso se preocupa com a realidade complexa e multifacetada do fenômeno investigado, buscando entender suas relações com o ambiente em que ocorre, portanto, compreendemos que seu uso é apropriado para o recorte desta pesquisa.

Capítulo 1 - MARCO TEÓRICO E CONCEITUAL

A análise da política cultural de qualquer lugar requer um arcabouço teórico que permita compreender como se articulam poder, cultura, classe social e exclusão. Para tanto, este capítulo apresenta os principais referenciais utilizados nesta dissertação. Tentaremos articular neste capítulo diversos autores para lançar as bases da análise que se seguirá nos próximos capítulos: o entendimento da política cultural como espaço de disputa simbólica e política, que deve ser analisado em sua materialidade histórica e institucional, mas também em suas repercussões subjetivas e cotidianas.

A sociologia oferece importantes ferramentas teóricas para a análise das relações sociais, especialmente no que se refere aos processos de exclusão e legitimação simbólica. Neste sentido, os conceitos de estigma, de Erving Goffman, e de habitus e campo, de Pierre Bourdieu, possibilitam um diálogo para compreender as formas pelas quais indivíduos e grupos são posicionados e reconhecidos dentro do campo da cultura. A intersecção desses conceitos revela as camadas de dominação simbólica que operam tanto nos corpos quanto nas estruturas sociais e culturais.

1.1 O Campo Cultural

Bourdieu desenvolveu um modo de conhecimento do mundo social que nomeou de praxiologia.

> Ao propor a praxiologia como modo de conhecimento sobre a prática, Bourdieu esforça-se no sentido de construir uma teoria que possa - utilizando-se da fenomenologia e do estruturalismo - ultrapassar o subjetivismo das abordagens fenomenológicas (representadas na sociologia contemporânea pelo interacionismo simbólico e a etnometodologia, e, no pensamento econômico, pela teoria racional) e o objetivismo das abordagens de natureza estruturalista (representadas na sociologia pelo funcionalismo e pelo marxismo) - ser capaz de dar conta da prática. (Monteiro, 2018, p.19)

A praxiologia deseja compreender a ação social como um produto da inter-relação da estrutura objetiva e subjetiva. A proposta teórica do autor tem quatro teorias principais: campo, habitus, capitais e violência simbólica. Em resumo, a teoria do campo discute o espaço social que é estruturado e autônomo, e sua principal característica são as relações de competição e luta simbólica entre os indivíduos que estão neste espaço. Por exemplo, no mundo acadêmico, agentes (pesquisadores, alunos, professores) disputam prestígio e reputação por meio de publicações, participação em conferências, obtenção de bolsas para pesquisa etc.

A ideia de campo do autor é uma ferramenta teórica importante na compreensão das estruturas sociais e suas complexidades. Em vez de imaginar a sociedade como uma entidade única, o autor argumenta que a sociedade é dividida em uma série de campos relativamente independentes - o campo jurídico, o campo científico, o campo político e o campo cultural. Em cada campo, existem regulamentações, disputas, formas de trabalhar, tipos de recursos e relações de poder entre as pessoas que nele trabalham.

No campo cultural, encontramos o espaço da sociedade em que se aplicam, partilham e se disputam bens simbólicos, tais como a arte, os estilos de vida, os discursos e as artes. Diferentemente do mercado econômico, que na maioria visa o lucro, o domínio cultural baseia-se em capital simbólico: reconhecimento, prestígio, legitimidade e autoridade artística. O valor de um produto cultural, neste aspecto, não é determinado apenas pela sua vendabilidade no mercado, mas pela sua aceitação no seu próprio mundo/campo. Essa aceitação é auxiliada por instituições como museus, editoras, universidades, críticos especializados, concursos, políticas estatais, dentre outras. E existe uma tensão dentro da cultura entre dois polos: um polo da grande produção autônoma e o polo da produção dependente. De um lado estão os intelectuais e artistas que ganham prestígio entre os pares e seguem os seus próprios critérios estéticos, mesmo que o resultado seja a marginalidade econômica. No segundo grupo, estão aqueles que direcionam suas produções baseadas nas demandas do mercado, da mídia e das massas em prol do sucesso comercial imediato.

Bourdieu (1996) acrescenta que a autonomia do campo não é total, pois é constantemente ameaçada por interesses econômicos e políticos externos. Enquanto isso, é

essa mesma luta pela autonomia que torna o campo cultural um campo de batalha estratégico para manter – ou minar – a ordem simbólica dominante. A autonomia do campo cultural nunca é completa: ela se estabelece em constante tensão com interesses externos – políticos, econômicos e da mídia – que tentam se intrometer em sua própria lógica. Para manter posições dominantes neste campo, é preciso ter capital cultural (conhecimento, estudos, treinamento), capital social (conexões e pertencimento) e, às vezes, capital econômico. O acesso desigual a esses capitais torna o campo um lugar de luta, onde não são apenas as posições contestadas, mas também a definição do que é "real", “arte", "bom gosto", "alta cultura" ou "cultura popular". Como em todos os domínios, os que estão no poder tentam permanecer lá implementando padrões de beleza e critérios de julgamento vantajosos para seus próprios bens culturais. Ao mesmo tempo, os recém-chegados tentam ser reconhecidos e mudar as regras do jogo. Essa lógica explica, por exemplo, a oposição que enfrentam as produções culturais das periferias urbanas, povos indígenas ou comunidades tradicionais quando lutam por reconhecimento oficial, apesar de sua ampla aceitação social. Seus agentes possuem hábitos e tipos de capital diferentes daqueles que tradicionalmente dominam o palco. No entanto, é ao longo das bordas do campo (e nas lutas que o atravessam) que se abre o espaço para rearranjos simbólicos, novos significados estéticos e novas formas de sentir. Portanto, a cultura é um lugar de luta simbólica, onde decidimos quem fala, quem é ouvido e quem é reconhecido como um produtor legítimo de cultura.

Neste sentido, o campo é um local de luta política e social. Seus limites, critérios e centros de poder foram definidos ao longo do tempo e, portanto, podem (e devem) ser desafiados. A compreensão do campo da cultura é como um local de luta política e social ee de mudança das estruturas simbólicas, dependendo da democratização dos capitais e da abertura de acesso.

1.2 As Três Dimensões da Cultura

Isaura Botelho (2001) nos traz algumas considerações acerca do universo da Cultura e como este se dá no ponto de vista da elaboração de políticas públicas voltadas para a área. A autora começa seu artigo defendendo que é preciso ter clareza das dimensões que este universo alcança e sugere um ponto de partida para a construção de políticas culturais democráticas: o reconhecimento da pluralidade das formas de expressão cultural e da necessidade de estratégias diferenciadas para alcançá-las. Botelho (2001) também traz as diferenças entre duas perspectivas para nortear nosso olhar: a antropológica e a sociológica.

Na perspectiva antropológica, a cultura repousa no cotidiano, nos modos de vida, nos valores e nas práticas simbólicas que organizam o mundo vivido dos sujeitos. Já a dimensão sociológica diz respeito à produção institucionalizada e profissionalizada da cultura, ou seja, aquilo que é visível, mensurável e usualmente priorizado nas políticas públicas.

As duas apresentam-se igualmente necessárias, porém cada uma tem seus próprios desafios. Enquanto a antropológica exige mudanças estruturais, como reorganização social e redistribuição econômica, esta requer integração intersetorial (educação, transporte, habitação, etc.). Apesar de ser considerada como mais democrática e valorizada no discurso político, a atuação mais efetiva está no âmbito municipal, pela proximidade com a vida cotidiana. As transformações ocorrem lentamente, o que acaba tornando-a raramente alcançada de fato pelas políticas culturais. Já a dimensão sociológica envolve uma estrutura institucional e meios específicos de expressão cultural. As ações nessa dimensão são mais fáceis de planejar, mensurar e financiar, além de possuírem visibilidade pública. Aqui o Estado pode atuar mais diretamente, com políticas específicas (editais, formações, incentivos fiscais etc.). Por sua organização e visibilidade, acaba sendo o foco principal das políticas culturais, em detrimento da dimensão antropológica.

Até 2002, a construção da política cultural brasileira tinha mais características da dimensão sociológica, com algumas poucas pitadas antropológicas e gotas liberais. Em 2003, com a posse de Gilberto Gil no Ministério da Cultura, começamos a fazer uma espécie de transição para um viés mais antropológico, que foi bem marcado pelo ministro em seu discurso de posse. E é durante a gestão de Gil que temos, como exemplo, a criação do Programa Cultura Viva, além da promoção de Conferências Nacionais de Cultura, realizadas em 2005, ainda com Gil à frente da pasta, e 2009 com Juca Ferreira, que era secretário desde o início da primeira gestão e assumiu o ministério com a saída de Gil. Como uma das formas de consolidação da dimensão adotada, resultado das conferências, um marco fundamental na forma como o Brasil compreende e formula suas políticas culturais, o Plano Nacional de Cultura - PNC, foi instituído pela Lei n.º 12.343/2010. Longe de uma visão restrita à arte erudita[4], o PNC adota uma perspectiva abrangente, articulando a cultura em três dimensões: a simbólica, a cidadã e a econômica. Essa abordagem busca reconhecer a complexidade e a diversidade das manifestações culturais brasileiras, promovendo um desenvolvimento cultural mais inclusivo e estratégico para o país.

[4] A expressão “arte erudita” costuma designar manifestações artísticas associadas a tradições formais, letradas e acadêmicas, frequentemente vinculadas às elites culturais ocidentais. Tal categorização, porém, carrega uma hierarquização implícita, ao opor-se a noções como “arte popular”, reproduzindo distinções sociais excludentes e invisibilizando a diversidade e o valor de outras formas de produção estética.

A primeira dimensão da cultura adotada no plano, a simbólica, é talvez a mais intuitiva e abrange o vasto universo das manifestações que dão sentido e identidade a um povo. Neste ponto, a cultura brasileira adota o conjunto de modos de vida, fazeres, crenças, rituais, valores e formas de expressão de diferentes grupos sociais como cultura. Aqui engloba desde as expressões artísticas — como a música, a dança, o teatro e as artes visuais — até as práticas do cotidiano, as festas populares, o artesanato, a culinária e as diversas formas de patrimônio, sejam elas materiais ou imateriais. As políticas orientadas por essa dimensão buscam, primeiramente, o reconhecimento, a valorização e a preservação dessa riqueza cultural. Elas visam fomentar a diversidade de linguagens, garantir a liberdade de criação e fruição, e promover o intercâmbio entre as múltiplas expressões que compõem a identidade brasileira.

Em seguida, a dimensão cidadã da cultura consolida a ideia de que o acesso aos bens, serviços e equipamentos culturais não é um luxo, mas uma prerrogativa de todos. Alinhada com a constituição, essa perspectiva defende que a cultura é essencial para a formação humana integral, o desenvolvimento do pensamento crítico e a participação social ativa. As políticas públicas, nesse sentido, são desenhadas para garantir a universalização do acesso à arte e à cultura, derrubando barreiras sociais, geográficas e econômicas. Isso se traduz em ações de democratização do acesso a museus, teatros, bibliotecas e cinemas; no incentivo à formação e capacitação cultural; na promoção da inclusão de grupos historicamente marginalizados; e na descentralização da oferta cultural para todas as regiões do país, de modo que a cultura esteja ao alcance de todos os cidadãos.

Por fim, a terceira dimensão, que traz a cultura como potencial para o desenvolvimento econômico, destaca o papel estratégico do setor cultural na geração de riqueza e na promoção do desenvolvimento sustentável. Essa dimensão reconhece a chamada economia criativa, que engloba atividades tão diversas quanto a produção cinematográfica e musical, o setor editorial, o design, a moda e o turismo cultural. A cultura, sob essa ótica, é vista como um motor de emprego, renda, inovação e empreendedorismo. As políticas públicas voltadas para essa dimensão buscam fomentar a produção cultural com potencial econômico, fortalecer as cadeias produtivas criativas, capacitar profissionais do setor e atrair investimentos. O objetivo aqui é integrar a cultura à agenda de desenvolvimento nacional, reconhecendo sua contribuição substancial para o Produto Interno Bruto (PIB) e para o dinamismo socioeconômico das comunidades.

Assim, a adoção de políticas culturais verdadeiramente democráticas requer estratégias diferenciadas, conduta intersetorial e escuta atenta dos agentes culturais. Ou seja,

não pensar a cultura como produto ou espetáculo, mas sim como modo de vida e, como tal, atravessado por conflitos, desigualdades e potências coletivas.

1.3 Capital Cultural e Desigualdade de Acesso

Capitais, para Bourdieu (Monteiro, 2018; Bourdieu, 2011.), englobam diferentes formas de recursos que são acumulados e utilizados para se posicionar na estrutura social. Dentre todos os capitais considerados pelo sociólogo, Bourdieu (Monteiro, 2018; Bourdieu, 2011.) considera dois como os mais importantes e estruturantes da sociedade: o capital econômico e o capital cultural. O capital econômico diz respeito aos recursos financeiros, patrimônio material, salários, rendas, poupanças e investimentos. O capital cultural é o conjunto de habilidades, conhecimentos, gostos adquiridos por meio da educação formal, experiências culturais, entre outros, e é dividido em três formas: objetivado, que são objetos culturais adquiridos como livros, obras de arte, entre outros; incorporado, que se refere às habilidades e conhecimento acumulados e internalizados pelo indivíduo no decorrer da vida que influenciará na sua maneira de agir e de pensar; e institucionalizado, que se referem às certificações, diplomas e credenciais educacionais que trazem posição e reconhecimento social.

O conceito de capital cultural, embora fundamental para entender as desigualdades educacionais e sociais, pode, se interpretado de forma simplista, levar a uma visão elitizada da cultura, onde algumas formas de conhecimento e expressão são consideradas superiores a outras. A pesquisadora Tara J. Yosso (2005) propõe uma revisão crítica do conceito de capital cultural de Bourdieu (Monteiro, 2018; Bourdieu, 2011.) a partir das contribuições da Critical Race Theory (CRT)[5]. Para a autora,

> Olhar [o conceito] através de uma lente da CRT significa criticar a teorização do déficit e os dados que podem ser limitados pela omissão das vozes das Pessoas de Cor. Essa pesquisa informada pelo déficit frequentemente "vê" privação nas Comunidades de Cor. De fato, uma das formas mais prevalentes de racismo contemporâneo nas escolas dos EUA é o pensamento de déficit. O pensamento de déficit assume a posição de que estudantes e famílias minoritárias são culpados por baixo desempenho acadêmico porque: (a) os estudantes entram na escola sem o

[5] Segundo a autora, "... a CRT na educação como uma estrutura teórica e analítica que desafia as formas como a raça e o racismo impactam as estruturas, práticas e discursos educacionais. A CRT é concebida como um projeto de justiça social que trabalha para o potencial libertador da escolarização (Hooks, 1994; Freire, 1970, 1973). Isso reconhece a natureza contraditória da educação, na qual as escolas frequentemente oprimem e marginalizam, ao mesmo tempo, em que mantêm o potencial de emancipar e empoderar. De fato, a CRT na educação refuta a ideologia dominante e o privilégio branco, ao mesmo tempo, em que valida e centra as experiências das Pessoas de Cor." (...). (p.74) Tradução feita com uso da inteligência artificial Google Gemini. O artigo explicita que a Teoria Crítica da Raça (CRT) e o conceito de riqueza cultural comunitária se expandem para incluir as experiências racializadas de mulheres, latinas/os, nativos americanos e asiáticos-americanos.

> conhecimento e as habilidades culturais normativas; e (b) os pais não valorizam nem apoiam a educação de seus filhos. Essas suposições racializadas sobre as Comunidades de Cor geralmente levam as escolas a adotar o "método bancário" de educação criticado por Paulo Freire (1973). Como resultado, os esforços de escolarização geralmente visam preencher estudantes supostamente passivos com formas de conhecimento cultural consideradas valiosas pela sociedade dominante. (...) enquanto o trabalho de Bourdieu buscava fornecer uma crítica estrutural da reprodução social e cultural, sua teoria do capital cultural tem sido usada para afirmar que algumas comunidades são culturalmente ricas, enquanto outras são culturalmente pobres. Essa interpretação de Bourdieu expõe a cultura branca de classe média como o padrão, portanto, todas as outras formas e expressões de "cultura" são julgadas em comparação com essa "norma". Em outras palavras, o capital cultural não é apenas herdado ou possuído pela classe média, mas sim se refere a um acúmulo de formas específicas de conhecimento, habilidades e capacidades que são valorizadas por grupos privilegiados na sociedade. (YOSSO. 2005. p. 75 - 76.)[6]

Assim, Yosso (2005) sugere a utilização do conceito riqueza cultural comunitária, que representa um conjunto de conhecimentos, habilidades, capacidades e contatos que as comunidades de cor possuem e utilizam para sobreviver e resistir a formas macro e micro de opressão. Diferente de uma visão deficitária, que vê essas comunidades como carentes de capital cultural, a riqueza cultural comunitária foca nos recursos existentes na história e vida dos agentes. A riqueza cultural é composta por seis formas de capital interligadas: (1) capital aspiracional - capacidade de manter a esperança e os sonhos para o futuro, mesmo diante de barreiras reais e percebidas; (2) capital linguístico - as habilidades intelectuais e sociais adquiridas por meio de experiências de comunicação em mais de um idioma e/ou estilo; (3) capital familiar - os conhecimentos culturais nutridos entre os familiares (parentes) que carregam um senso de história comunitária, memória e intuição cultural, expandindo o conceito de família para incluir uma compreensão mais ampla de parentesco; (4) capital social - as redes de pessoas e recursos comunitários que fornecem apoio instrumental e emocional para navegar pelas instituições da sociedade; (5) capital navegacional - as habilidades de manobrar através das instituições sociais, especialmente aquelas que não foram criadas pensando nas Comunidades de Cor; e (6) capital de resistência - os conhecimentos e habilidades fomentados por meio de comportamentos de oposição que desafiam a desigualdade, enraizados no legado de resistência à subordinação exibido pelas Comunidades de Cor.

A proposta da autora com a "riqueza cultural comunitária" dialoga criticamente com o conceito de capital cultural do sociólogo francês e, ao problematizá-la, a autora subverte e propõe expandi-la, especialmente em relação às experiências de comunidades racializadas. Segundo a autora, a aplicação tradicional do capital cultural muitas vezes leva a uma "visão

[6] Tradução feita com uso da inteligência artificial Google Gemini.

de déficit", onde as culturas de grupos minoritários são vistas como "carentes" em comparação com a cultura dominante (branca e de classe média), que é implicitamente tida como o padrão de "capital cultural legítimo". O ato de sempre focar nas ausências e de como isso é facilmente entendido e utilizado para diminuir/menosprezar a classe trabalhadora, pode ser uma das formas adotadas pela classe dominante para manter as coisas como estão, para deslegitimar lutas. Afinal de contas, se a todo momento o que se vê e pontua na sua existência e pautas é um déficit, sobrará o quê? Ao propor as seis formas de capital (aspiracional, linguístico, familiar, social, navegacional e de resistência), a autora usou a estrutura conceitual de "capital" (recursos que conferem vantagens em um campo), que é bourdieusiana e propôs uma modificação no conteúdo e na fonte desse capital.

Ao defender dialogar criticamente com o francês, Yosso (2005) propõe um aprofundamento do conceito de capital e propõe uma extensão em uma perspectiva mais subjetiva, afetuosa, comunitária e relacional que o Bourdieu (Monteiro, 2018; Bourdieu, 2011.) que faz a análise de forma objetiva, estrutural e relacional com o campo de poder. Para este trabalho, "capital cultural" não deve ser entendido apenas como acesso à cultura "erudita", mas também como acesso a diferentes formas de conhecimento e expressão cultural. O acesso à cultura praticada em comunidades tradicionais, periferias urbanas ou de grupos que valorizam a oralidade, uma vez que essas formas de capital cultural, que não são necessariamente reconhecidas pelas instituições dominantes, são fundamentais para a identidade e coesão social. Acredito que as políticas culturais precisam reconhecer, valorizar e fomentar a diversidade cultural, evitando reproduzir hierarquias que privilegiam apenas as expressões legitimadas pelas elites.

No caso de Uberlândia, Elsieni Silva (1999) fez uma análise das duas primeiras gestões - 1984/1989 e 1989/1993 - da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo - SMCT conforme a imprensa local. Na análise da autora, as duas gestões tiveram como ponto de convergência práticas tradicionais - priorizando a promoção de eventos do que se entende por belas-artes, festas populares e patrimônio, apesar de um discurso moderno. Ainda segundo Silva (1999), a primeira gestão, de Iolanda de Lima, apresentou um maior esforço em construir conceitos e políticas culturais destacando a criação do Centro Cultural Itinerante - Projeto Circo, a promoção de encontros para discutir Política Cultural, inauguração da Casa da Cultura, reforma do Teatro Vera Cruz[7] e Teatro de Bolso; enquanto a segunda, com a

[7] Hoje conhecido como Teatro Grande Otelo, está fechado desde 2011. Apesar de tentativas de reforma, as obras foram paralisadas em abril de 2025 devido a divergências entre a Prefeitura de Uberlândia e a empresa responsável.

secretária Terezinha Magalhães, a prioridade recaiu sobre eventos midiáticos gerando críticas por falta de diálogo democrático com os artistas.

Até o momento, não foram encontradas pesquisas que realizassem uma análise aprofundada das gestões seguintes da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia. Porém, Wilma Ferreira de Jesus (1999) faz uma análise das campanhas eleitorais de 1982, 1988, 1992 e 1996 e nos apresenta como os discursos foram sendo modificados para que ganhassem o pleito; e um dos pontos modificados está justamente no que tange à Cultura e Desenvolvimento Social. Em 1992, Ferolla, alinhado às forças conservadoras e contando com o apoio de Virgílio Galassi, apresentou um programa de governo que detalhava ações para resolver problemas ligados à cultura, além de questões como segurança pública, educação, saúde e meio ambiente. Já em 1996, Virgílio Galassi, buscando romper as barreiras que poderiam dar a vitória a Zaire Rezende, adotou em seu programa ações voltadas para a melhoria do atendimento em áreas sociais, incluindo cultura, abandonando o discurso anterior de que "o que resolve o problema da pobreza é um choque de riqueza", demonstrando a necessidade de adaptar o discurso conservador às demandas sociais, se aproximando das propostas de Zaire Rezende, para garantir a manutenção no poder.

Essas adaptações meramente discursivas de campanha feitas pelos candidatos vencedores visando a permanência do poder, nos dizem um bocado do quão comprometido estavam para garantir o acesso à cultura para que a população conseguisse aumentar seu capital cultural. Mais adiante, comentaremos mais sobre isso.

1.4 "O Amor pela Arte" e a Construção Social do Gosto

Uma história ilustrativa: Certa vez, enquanto estava pagando as compras em um mercado que havia me emprestado um carrinho de compras para uma cena de um especial de Natal na qual estava na produção, o operador do caixa, com uma funcionária da limpeza, me perguntou quando seria o próximo evento teatral e ali começamos a conversar. Em determinado momento, a moça comentou que não apreciava teatro porque não entendia nada. Intrigada, continuei a conversa, fazendo várias perguntas sobre sua experiência com idas ao teatro, espetáculos de dança, concertos, leitura e visitas ao Teatro Municipal. A conclusão a que chegamos foi que ela nunca recebeu incentivo, seja da família ou da escola, para desenvolver esse hábito. Atualmente, ela se vê incapaz de criar um hábito novo devido à sua rotina exaustiva, que inclui acordar às 5h todos os dias para preparar o almoço da família, trabalhar das 7h às 18h fora de casa e, ao retornar, cuidar das tarefas domésticas. Embora

reconheça a importância da leitura e queira que seus filhos a apreciem, ela mesma não consegue encontrar tempo para ler devido ao cansaço. Ela mencionou que sempre recusa os convites dos filhos para ir ao cinema porque sempre acaba dormindo. Essa é a realidade de muitas mulheres brasileiras. O que mais me chamou a atenção em seu relato é que, mesmo sem ter o hábito, ela reconhece a importância da escola na exposição a essas formas de expressão cultural.

Neste contexto, a obra “O Amor pela Arte” (2016), de Pierre Bourdieu e Alain Darbel, oferece percepções para compreender como o acesso aos bens culturais é socialmente construído. Neste estudo sobre o público dos museus europeus, os autores demonstram que o “amor pela arte” não se trata de uma disposição natural ou universal, mas resultado de condições sociais específicas, especialmente da educação familiar e escolar. [Spoiler] A frequência a museus e o interesse pela Arte estão fortemente correlacionados com o nível educacional e a origem social dos visitantes.

Pierre Bourdieu e Alain Darbel (2016) questionam a ideia de que o gosto é algo nato, mostrando que ele surge de vivências sociais e educacionais. O estudo examina dados coletados em 1964 e 1965 na França, Espanha, Grécia, Holanda e Polônia, trazendo dados importantes para fundamentar a criação de políticas culturais mais acessíveis e eficientes.

O estudo revela que quem mais visita museus são pessoas com mais estudo, com o "bacharel" (quem tem diploma do ensino médio europeu) sendo o visitante mais comum na França, por exemplo. Essa "necessidade cultural", longe de ser natural, é resultado da educação formal, principalmente da escola, que ensina as "ferramentas" necessárias para entender e gostar de obras de arte. A pesquisa mostra essa relação com números, indicando, por exemplo, que alguém com ensino fundamental europeu tem menos chances de visitar um museu do que alguém com ensino superior.

Além disso, o livro aborda o turismo cultural e as exposições como coisas que, mesmo atraindo um público diverso, não são o suficiente para criar/fomentar um hábito cultural duradouro ou mudar o perfil social dos visitantes. A escola, por outro lado, é vista como mais eficaz para incentivar a prática cultural, pois ajuda a formar uma demanda para apreciar a arte, além de ensinar ferramentas para assimilação das obras artísticas. Ligado a isso, a pesquisa também reflete sobre como o nosso olhar para uma obra de arte depende da nossa capacidade de compreensão do “código” artístico, com as pessoas que não concluíram o bacharel ou ensino superior tendendo a buscar o realismo e a utilidade da arte, enquanto os que concluíram se aprofundam nos aspectos formais e de estilo da obra.

Para criar políticas culturais nas cidades, os resultados desta pesquisa oferecem informações valiosas. Em primeiro lugar, fica claro que investir em educação de qualidade, desde a infância, é fundamental para tornar a cultura mais acessível. Levando em consideração que no sistema educacional brasileiro o Ensino Fundamental I e II, relativos aos primeiros 9 anos de estudo, são de responsabilidade do município, uma política cultural municipal eficaz não deve se limitar a eventos de datas comemorativas, mas sim fortalecer a educação formal e informal. Isso significa criar programas pedagógicos que apresentem a arte às crianças e pré-adolescentes de forma contínua, dando a elas as "ferramentas de percepção" necessárias para aproveitar ao máximo as obras. A formação de público é uma responsabilidade do Estado, esta exige constância, não deve ficar refém dos recursos que artistas venham a ter quando forem contemplados com recursos de leis de incentivo.

Outro ponto importante, levando em consideração o foco dos sociólogos, é que, ao diversificar os perfis dos curadores das galerias e museus e ao acolher diferentes formas de arte nas coleções, esses locais se tornam mais interessantes para um público maior. Além de pinturas e esculturas, museus que exibem itens históricos ou folclóricos, podem atrair mais pessoas das classes médias. As prefeituras poderiam estimular a curadoria colaborativa e valorizar de forma mais contínua as diversas manifestações artísticas para fortalecer a conexão entre o museu e a população. Ao estender esse pensamento para as artes da cena, a contratação de atores, músicos e dançarinos locais para formar uma agenda contínua de apresentações artísticas nos bairros da cidade, promover um diálogo transversal com secretarias como a responsável pela educação e pelo desenvolvimento social, criaria uma demanda desse serviço por parte da sociedade e promoveria os artistas da cidade que poderiam viver de sua arte sem precisar ter que se mudar para praia!

[Nada contra a praia! Inclusive, adoraria estar em uma!]

Por fim, entender que as diferenças culturais são frutos da sociedade, e não algo inevitável, requer uma postura que identifique e combata a violência simbólica que esconde as formas de poder cultural. Vale destacar que, pecando aqui pela fala prolixa, conforme enfatizado por Bourdieu (2011), o gosto é uma construção social, intrinsecamente ligada ao *habitus*, que é internalizado pela pessoa no contexto familiar. Além disso, o gosto também está sujeito à influência de diversos capitais, como o econômico, o escolar e o cultural. Nesses dois últimos, o Estado pode intervir para reduzir a desigualdade social originada pelo capital econômico. Quando o capital escolar auxilia na formação do gosto cultural,

contribui-se para o desenvolvimento de uma comunidade que não apenas cresça economicamente, mas também cultural, emocional e criticamente. Uma comunidade que sofre bonito.

1.5 Poder Simbólico e Violência Simbólica

A ideia de violência simbólica, em suma, explora os métodos discretos pelos quais o poder e o domínio são perpetuados e validados. Isso ocorre por meio de elementos simbólicos como a linguagem, a educação e a cultura. É uma violência sutil, que opera de forma natural, mas demonstra grande poder na reprodução das disparidades sociais.

Em "O amor pela arte", Bourdieu e Darbel (2016) ilustram como essa violência se revela, principalmente, na legitimação das diferenças culturais e na exclusão velada de grande parte da população dos ambientes de “alta cultura”, como os museus. Os autores defendem que a noção de que o "amor pela arte" seria um talento natural funciona como uma crença que torna naturais e justifica as desigualdades culturais. Essa visão representa uma forma de violência simbólica, pois esconde as condições sociais de acesso à cultura, fazendo com que a exclusão seja vista como fruto de méritos pessoais ou inclinações naturais. É daqui que nascem falas tão ouvidas como: *Não tenho roupa para entrar no Teatro Municipal!, Sempre quis aprender a tocar piano, mas não tenho dom… Acho lindo ballet, mas tenho corpo pra isso…* e por aí vai.

No contexto escolar, ao estabelecer tendências duradouras em relação ao transmitir o conhecimento para interpretar as obras, a escola transforma as dificuldades de acesso à cultura em dificuldades de desempenho escolar. Como destacam os autores, a atuação da escola, ao influenciar de maneira desigual indivíduos já favorecidos pela família, tende a replicar e confirmar, por meio de suas avaliações, as desigualdades preexistentes. Ou seja, o sistema de ensino perpetua essas desigualdades ao considerar as habilidades herdadas como características individuais. Aqui é importante lembrar que, quando a escola faz esse movimento e não desenvolve um olhar artístico para a diversidade de expressões artísticas, como pontuado pela Yosso (2005), além de fomentar o “não tenho roupa pra ir” ela acaba deslegitimando outros fazeres artísticos. Quando um comportamento culturalmente pouco diverso é incentivado, a pessoa tende a se fechar para a riqueza da diversidade cultural. Isso pode levar a uma limitação das experiências e do pensamento crítico, como alguém que se restringe a ouvir apenas um tipo de música, por exemplo. Essa restrição empobrece a visão de mundo e a capacidade de interagir com diferentes manifestações culturais.

Nos museus, essa violência se manifesta na experiência dos visitantes que, por não ter desenvolvido ferramentas para entender as obras, sentem-se deslocados, adotando uma postura de cautela, com medo de cometer algum erro. Aspectos como o silêncio obrigatório, a proibição de tocar nos objetos e a arquitetura imponente contribuem para criar um ambiente distante, que intensifica essa sensação de não pertencimento.

Ademais, verifica-se uma relutância observada em certos segmentos da elite intelectual em acolher abordagens que visam ampliar o acesso aos museus – como a implementação de placas informativas ou sistemas de sinalização – representam uma manifestação adicional de violência simbólica. Tal resistência busca preservar a exclusividade do saber e o controle sobre a interpretação considerada correta dos bens culturais. Bourdieu e Darbel (2016) argumentam que os museus, em sua estrutura e organização, revelam seu propósito fundamental: consolidar, em determinados grupos, a sensação de pertencimento, enquanto em outros, reforçam o sentimento de exclusão. Dessa forma, até mesmo a gratuidade na entrada se apresenta como uma "generosidade ilusória", limitada àqueles que já possuem o capital cultural necessário para compreender e valorizar as obras, validando, por conseguinte, suas vantagens.

Por fim, é importante compreender que a violência simbólica é apenas um aspecto do poder simbólico, conceito mais amplo desenvolvido por Bourdieu. O poder simbólico é "esse poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem" (Bourdieu, 1989, p. 7-8).

Em Uberlândia, a violência simbólica opera de uma forma "gentil que seduz[8]". Aparentemente, a gentrificação da elite uberlandense, que historicamente domina a política da cidade, tem afetado negativamente as políticas públicas voltadas para as classes que possuem um menor capital econômico. Porém, Uberlândia se tornou uma importante cidade do Triângulo Mineiro, devido à grandiloquência vista por toda a história de sua construção, que abordaremos mais adiante. Sendo assim, ela passa a ser referência para as cidades vizinhas que, de certa maneira, passam a depender de diversos serviços da "cidade grande". Logo, dar a devida importância para a Cultura, por exemplo, e o como ela afeta os habitantes de sua extensão econômica e educacionalmente, pode se tornar modelo para que outras cidades também invistam em suas estruturas para a área.

[8] Aqui a referência é o Hino da cidade de Uberlândia. Para saber mais, acesse: https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/comunicacao/simbolos-oficias/

1.6 Território Cultural e Políticas Públicas

Pegando emprestado o conceito de Goffman (1963) e transpondo para um lugar mais subjetivo, o de sujeitos nascidos em contextos de cidades do interior, o estigma pode surgir de formas variadas e sutis. Um dos estereótipos negativos a ser pontuado aqui, se trata do preconceito regional que estigmatiza as cidades do interior como menos desenvolvidas em várias áreas e/ou que são menos modernas ou menos progressistas do que as grandes metrópoles, o que pode influenciar no como essas cidades são percebidas e tratadas pelo governo. É importante ressaltar que não são todas as cidades do interior que sofrem/são estigmatizadas da mesma forma, e muitas delas têm suas próprias características positivas e únicas. Porém, é deveras importante levar em consideração que a construção/formação de todas é atravessada pelas vivências ofertadas pelo poder público. Quando o mercado de trabalho compara um trabalhador, novo na cidade, vindo de uma cidadezinha do interior, com os nascidos em cidades grandes; as diferenças entre eles podem estar relacionadas aos desafios vivenciados pelo interiorano, devido à falta de oportunidades de emprego, falta de serviços de Saúde, Educação e Cultura, do lugar de sua origem.

O conceito de território cultural vai além de uma delimitação geográfica, envolvendo relações de pertencimento, identidade e disputas simbólicas. Nas políticas culturais brasileiras, especialmente a partir de 2003-2005, o território passou a ser uma categoria central para pensar a distribuição de recursos e equipamentos culturais. Programas como os Pontos de Cultura, por exemplo, foram concebidos a partir de uma lógica territorial que buscava reconhecer e fortalecer iniciativas culturais em territórios historicamente marginalizados. O território não é apenas um espaço físico, mas um lugar de produção de sentidos e de relações sociais, onde se manifestam tanto as desigualdades quanto as resistências culturais.

No caso de Uberlândia, devido à expansão territorial, que aconteceu de maneira inesperada - apesar de os dirigentes terem sempre como foco o desenvolvimento da cidade -, a distribuição de equipamentos culturais ainda não aconteceu de uma maneira efetiva. O Projeto Circo, é um exemplo de política cultural que buscou intervir na dimensão territorial, levando atividades culturais a bairros periféricos da cidade.

1.7 Estigma e Exclusão Cultural

Começaremos levando em consideração o sociólogo canadense Erving Goffman que, em seu livro Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada (1981), desenvolve o conceito de estigma como um termo que se refere a um atributo capaz de reduzir/depreciar seu portador. Goffman (1981) nos traz que os significados das características que provocam essa diferenciação são construídos socialmente e que poderão ser entendidos como um estigma ou uma confirmação da realidade a depender do contexto. Para o sociólogo, há três tipos de estigma:

> Em primeiro lugar, há as abominações do corpo - as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vicio, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. Em todos esses exemplos de estigma, entretanto, inclusive aqueles que os gregos tinham em mente, encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social quotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto. Nós e os que não se afastam negativamente das expectativas particulares em questão serão por mim chamados de normais. (Goffman, 1981, p. 7-8)

Goffman (1963) parte de uma abordagem interacionista para compreender os mecanismos sociais que rotulam determinados sujeitos como desviantes. O estigma, segundo o autor, é uma marca social que desacredita o indivíduo, comprometendo sua identidade social em relação ao que se espera de “normalidade”. Esse processo, que se desenrola nas interações cotidianas, não apenas desqualificam a pessoa estigmatizada, como também reforçam a norma social dominante.

Vale dizer que o profissional formado em uma cidade do interior carrega consigo, além de estigmas como raça, classe, gênero, os estigmas associados à sua cidade, além do capital cultural, incorporado e simbólico, desenvolvido com o que estava posto na estrutura social externa. O que nos leva a entender que, para que o estigma seja posto em cheque, as políticas públicas desenvolvidas no município não devem reter esforços por ser uma cidade do interior, uma vez que, afinal, é neste lugar que a classe trabalhadora se formará enquanto sujeito. Importante também lembrar que este tem direitos assegurados na Constituição Federal de 1988, nos artigos 30, 182 e Título VIII, destacando aqui o artigo 215 que diz que: o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

No campo cultural, o estigma pode se manifestar na desvalorização sistemática de certas expressões culturais (como as culturas populares, periféricas ou de grupos

minoritários) e na consequente exclusão de seus praticantes dos circuitos de legitimação e financiamento. As políticas culturais podem tanto reproduzir quanto combater esses processos de estigmatização, dependendo de como são concebidas e implementadas.

No caso de Uberlândia, por exemplo, com a guinada da extrema-direita no Brasil, muitas madames[9] se sentiram confortáveis para revelar seus incômodos. Em 2024, por exemplo, na semana em que se iniciam os trabalhos dos congadeiros, após receberem a benção e a lavagem do Largo do Rosário, um grupo dos grupos foi atacado com ovos jogados por moradores de um condomínio que fica perto do local. Além disso, uma residente da região postou um vídeo nas redes sociais dizendo que "... se eles querem respeito, que se deem respeito! (...) da próxima vez não será ovo! (...) veio gente me ameaçar, cês acreditam? Me ameaçar! (...) Cê vê que é um povo burro…"[10]

Se governantes se limitam a compreender a cidade conforme o rótulo de "cidade do interior", os impactos podem refletir na forma como os profissionais, sujeitos com trajetórias atravessadas por estigmas de classe, raça, gênero ou territorialidade possuem um *habitus* muitas vezes em dissonância com o que se exige nos espaços, o que os posiciona como "fora de lugar", mesmo quando presentes.

1.8 Indústria Cultural e Emancipação

Neste cenário, a indústria cultural, conceito cunhado por Adorno e Horkheimer na obra Dialética do Esclarecimento (1944), adquire papel central. Para os autores da Escola de Frankfurt, a cultura produzida em escala industrial (padronizada, previsível, voltada ao lucro) não emancipa o sujeito, o conforma. Ao transformar a cultura em mercadoria, a indústria cultural substitui a complexidade estética por fórmulas repetitivas que apenas reforçam a ordem estabelecida, desestimulando o pensamento crítico e a autonomia do gosto. Segundo Adorno e Horkheimer (1985), produtos culturais padronizados geram uma pseudo-individualização e impedem o desenvolvimento da autonomia crítica. A crítica adorniana permite pensar como a oferta cultural em Uberlândia é muitas vezes substituída por

[9] Aqui faço referência à personagem da música de Janet de Almeida e Haroldo Barbosa, P'ra quê discutir com madame?, gravada em 1945. A "madame" satirizada na letra do samba se refere à crítica de música do Jornal carioca "Diário de Notícias", Magdala da Gama de Oliveira, que nutria muito preconceito com o samba (gênero).

[10] TV Paranaíba. OVADA: Terno de Congado é alvo de moradores de condomínio no centro | BALANÇO GERAL. https://www.youtube.com/watch?v=f71ktfzAGns&t=325s. Acessado em 30/06/2025.

produtos massificados e como isso contribui para o esvaziamento do potencial emancipatório da Arte.

Quando se considera os sujeitos que já partem de um habitus limitado por privações sociais, o consumo exclusivo de produtos forjados pela indústria cultural pode estagnar ainda mais seu capital cultural. A ausência de acesso a experiências estéticas complexas, reflexivas e não utilitárias restringe não apenas o vocabulário simbólico e estético, mas também as possibilidades de desenvolvimento do senso crítico, da imaginação criadora e do desejo por novas habilidades. O resultado é a naturalização de um modo de vida em que o sujeito se percebe apenas como força de trabalho, e não como agente criativo, sensível e participante da vida cultural.

Enquanto Adorno e Horkheimer (1985) enfatizam a padronização e a alienação produzidas pela indústria cultural, Bourdieu (2011) nos oferece ferramentas para compreender como as hierarquias culturais são reproduzidas através das disposições incorporadas (habitus) e das lutas simbólicas no campo cultural. Ambas as perspectivas são valiosas para analisar as políticas culturais: a primeira nos alerta para os riscos da mercantilização da cultura e da substituição da experiência estética pela lógica do entretenimento; a segunda nos ajuda a compreender como as desigualdades sociais se traduzem em desigualdades de acesso e participação cultural.

No caso de Uberlândia, é importante analisar como as políticas culturais têm (ou não) resistido à lógica da indústria cultural e promovido experiências estéticas que contribuam para a emancipação dos sujeitos. Considerando que esta não se trata do tema central desta investigação, gostaria de destacar como uma contribuição pertinente a ser realizada em estudo futuro e/ou sugerir como abordagem por outros pesquisadores.

1.9 Articulação entre Habitus, Campo e Estigma

Habitus é o sistema de disposições duráveis e transponíveis que os agentes sociais internalizam ao longo de suas experiências de vida, que guiará suas percepções, escolhas e ações. Logo, o habitus se trata de um filtro que molda as percepções e práticas dos indivíduos, sendo, ao mesmo tempo, moldado e reforçado pelas estruturas sociais como classe social, educação e o ambiente familiar. Por exemplo, uma pessoa que cresceu em uma família estruturada, de classe alta, que frequentou boas escolas particulares e ambientes culturais desde cedo, desenvolverá percepções, gostos que refletem sua classe social. Quando

esta pessoa se depara com situações corriqueiras, como escolher uma atividade de lazer, seu habitus moldado pelas experiências familiares e educacionais influenciará suas escolhas de forma inconsciente.

A articulação entre estigma e habitus revela como marcas sociais desqualificadoras podem se transformar em obstáculos para o reconhecimento da legitimidade cultural. O sujeito estigmatizado tende a ocupar posições subalternas no campo da cultura, pois seu habitus, forjado em contextos de dominação, não é congruente com as disposições consagradas nos espaços de prestígio cultural. Assim, o campo da cultura, que aparenta ser um espaço de neutralidade estética ou meritocrática, na verdade, reproduz a estrutura social através da consagração seletiva de certos estilos de vida e formas de expressão. Este descompasso entre o habitus estigmatizado e os critérios de reconhecimento cultural é ainda mais evidente quando se observa, por exemplo, o silenciamento de expressões artísticas periféricas nos circuitos institucionais, ou a dificuldade de artistas negros, indígenas, LGBTQIA+ e das classes populares em acessarem os meios de legitimação simbólica. A lógica do campo cultural favorece aqueles que, além de deterem capital cultural acumulado, possuem um habitus afinado com as disposições dominantes, isto é, aqueles cuja trajetória pessoal se alinha com as normas implícitas de distinção.

É fundamental aprofundar a articulação entre os conceitos de habitus, campo e estigma para compreender como as desigualdades sociais se reproduzem no campo cultural. O habitus, como sistema de disposições incorporadas, não é apenas um produto das condições sociais, mas também um produtor de práticas que tendem a reproduzir essas mesmas condições. No campo cultural, o habitus orienta as práticas dos agentes conforme a posição que ocupam e o capital (econômico, social, cultural e simbólico) de que dispõem. Quando um sujeito estigmatizado entra no campo cultural, seu habitus, forjado em condições de dominação, pode ser percebido como “inadequado” ou “deficiente” segundo os critérios dominantes de apreciação cultural. Isso cria um ciclo de exclusão em que os sujeitos estigmatizados são não apenas excluídos dos espaços de legitimação cultural, mas também desenvolvem um sentimento de “não pertencimento” que os leva a se autoexcluírem desses espaços. As políticas culturais podem tanto reproduzir quanto romper esse ciclo, dependendo de como são concebidas e implementadas.

No caso de Uberlândia, cabe observar que o poder público municipal tem buscado superar essas problemáticas, contudo, a escassez de recursos e uma política cultural majoritariamente centrada na distribuição de verbas via editais, não alcançam as pontas como deveria.

1.10 Considerações

Sendo assim, Pierre Bourdieu é central neste estudo por sua proposta teórica que articula estrutura e ação. Seus conceitos de campo, habitus, capitais (econômico, cultural, social e simbólico) e violência simbólica ajudam a compreender como se estruturam as disputas simbólicas em um território como Uberlândia, onde o acesso à cultura é profundamente marcado pela desigualdade de oportunidades.

O conceito de habitus revela como as práticas culturais não são apenas escolhas individuais, mas resultado de um processo histórico e social que molda percepções e gostos desde a infância. A ausência de capital cultural, por sua vez, implica na exclusão simbólica de sujeitos e públicos das experiências estéticas e do direito à fruição artística. O habitus é produto da interiorização das estruturas sociais e, ao mesmo tempo, produtor de práticas que tendem a reproduzir essas mesmas estruturas. No interior do campo da cultura, que é um espaço social relativamente autônomo e estruturado por relações de poder simbólico, o habitus orienta as práticas dos agentes culturais conforme a posição que ocupam e o capital (econômico, social, cultural e simbólico) de que dispõem.

Este processo, que une a estigmatização, o habitus e a indústria cultural, ajuda a compreender por que, mesmo quando há oferta cultural gratuita em Uberlândia, o público permanece restrito. Não se trata apenas de barreiras econômicas ou geográficas, mas de barreiras simbólicas que operam no nível das disposições incorporadas e das relações de poder que estruturam o campo cultural.

Para concluir este capítulo, ressaltamos que os conceitos de campo, habitus, capital cultural, poder simbólico, estigma e indústria cultural nos oferecem ferramentas para compreender as complexas relações entre estrutura social e práticas culturais, entre políticas públicas e experiências subjetivas. Eles nos permitem analisar não apenas os aspectos institucionais e materiais das políticas culturais, mas também suas dimensões simbólicas e seus efeitos na vida cotidiana dos sujeitos. No caso específico de Uberlândia, este arcabouço teórico nos ajudará a compreender como as políticas culturais da cidade têm (ou não) contribuído para democratizar o acesso à cultura, reconhecer a diversidade cultural, valorizar as expressões locais e promover a emancipação dos sujeitos. O Projeto Circo, como iniciativa que buscou descentralizar o acesso à cultura, será analisado à luz desses conceitos, considerando tanto seus aspectos institucionais quanto seus efeitos nas disposições e práticas culturais dos sujeitos envolvidos.

Capítulo 2 – Contexto Histórico e Político De Uberlândia

No trabalho de produção cultural acabamos tendo contato com vários conceitos de diversas áreas para garantir o sucesso do produto. E ao perceber sempre os mesmos rostos no público das Artes da cena (dança, teatro, e por que não música?), tanto em eventos pagos quanto nos gratuitos, comecei a questionar se de fato a gratuidade dos eventos amplia o público e garante o acesso aos eventos. Em todo bom curso de produção e gestão cultural, haverá sempre a fala "você precisa conhecer o seu público, as necessidades do seu público"; o marketing falará da construção das personas do seu público para que a divulgação seja mais efetiva e direcionada; e mais alguns passos. E mesmo com todos esses cuidados, seguindo esses passos, são os mesmos rostos que aparecem. Não que seja um problema, que bom que temos rostos conhecidos e familiares, mas aparentemente a ampliação do público não tem acontecido. Sendo assim, a pergunta "Como a cidade é construída? Por quem esta cidade é construída?" Rondou mais as reflexões sobre o público das produções culturais. Para isso, é importante trazer conceitos que embasam minha reflexão sobre o município. Este capítulo apresenta uma reverberação da política cultural nacional no município de Uberlândia. Parte-se da compreensão de que a política cultural é historicamente marcada por rupturas, disputas simbólicas e uma lenta construção de institucionalidade.

A política cultural brasileira ganhou contornos institucionais com o governo de Getúlio Vargas, através do Ministério da Educação e Saúde. A gestão de Gustavo Capanema foi determinante para o reconhecimento da cultura como área estratégica do Estado. Posteriormente, o período da ditadura militar manteve o interesse na cultura, mas com forte viés de controle. Já na redemocratização, a criação do Ministério da Cultura em 1985 e a Lei Sarney (1986) sinalizam uma tentativa de institucionalização mais democrática e participativa. Em 1985, a chapa de Tancredo Neves e José Sarney (PMDB) foi eleita para ocupar a presidência do Brasil, porém, Tancredo adoeceu gravemente e faleceu dias antes de tomar posse, e então Sarney (PMDB) se tornou o presidente do país. Além da criação do Ministério da Cultura, é neste governo que é construída a nova Constituição brasileira, instituída em 1988. E a conquista de uma nova Constituição nos trouxe, no parágrafo único do artigo 1º, a consolidação da participação da sociedade civil na construção das políticas públicas, prevendo e legalizando a participação direta dos cidadãos pelos chamados institutos de democracia direta ou semidireta, como o plebiscito, o referendo, a iniciativa popular de lei, os Conselhos e outros canais institucionais de participação popular. (Martins *et al*., 2008).

O cinema, que foi um ícone da modernidade, desempenhou um papel importante na vida social e cultural de Uberlândia. Desde o início do século XX, a cidade testemunhou a ascensão de diversas salas, que representavam luxo, elegância e um novo conceito de sociabilidade. O Cine Theatro Uberlândia, por exemplo, foi considerado o maior palácio cinematográfico do Brasil Central. A ida ao cinema era um "acontecimento social", um ritual que ia da preparação dos trajes à caminhada nas calçadas da Avenida Afonso Pena, um espaço de flerte e diversão. No entanto, a partir da década de 1980 e 1990, as salas de cinema de rua, como o Cine Regente e o Cine Bristol, começaram a desaparecer, perdendo seu encanto e sendo substituídas por outros empreendimentos, como igrejas evangélicas e casas de bingo. O Cine Comodoro, por exemplo, foi palco de um incidente marcante em 1990, quando um promotor prendeu o gerente por exibir uma fita defeituosa. A ascensão dos shopping centers, a partir da década de 1990, trouxe uma nova configuração para o lazer e o consumo, com a migração das salas de cinema para esses espaços. O "footing" das ruas transferiu-se para os corredores climatizados dos shoppings, e o ato de ir ao cinema tornou-se mais uma opção de lazer, perdendo parte de seu caráter de "acontecimento social". (Castro, 2008).

Conforme a dissertação *Teatros, muros e memórias: Percepção da produção teatral em Uberlândia (MG)*, de Camila Amuy Silva (2023), a história dos teatros em Uberlândia revela uma profunda relação entre produção cultural, arquitetura cênica e políticas públicas. A cidade passou de uma fase marcada pelos cineteatros da chamada “Cinelândia Uberlandense”, nos quais o cinema dividia espaço com apresentações teatrais, para a criação de teatros dedicados exclusivamente às artes cênicas, como o Teatro São Pedro e, posteriormente, o Teatro Grande Otelo e o Teatro Rondon Pacheco. Esses espaços, entretanto, foram impactados por dinâmicas de abandono, descontinuidade de políticas culturais e precarização da infraestrutura, apesar de sua importância simbólica e afetiva para a comunidade artística local. A dissertação destaca ainda como as decisões políticas e os interesses da gestão pública influenciaram diretamente o funcionamento e a manutenção desses teatros, afetando a continuidade da produção cultural na cidade e gerando uma memória marcada tanto por conquistas quanto por apagamentos e ruínas.

2.1 Evolução das Políticas Culturais no Brasil

A Política Cultural brasileira começa a ser reconhecida e relatada tardiamente, uma vez que há poucos estudos acerca da sistematização de políticas voltadas para a área nos

períodos anteriores ao primeiro mandato de Getúlio Vargas (Rubim, 2007). Porém, o que sabemos é que com Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde, que foi o órgão responsável pelas demandas da Cultura no governo Vargas, iniciou-se uma estruturação de Política Cultural nacionalmente marcada pela criação de diversas instituições como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Superintendência Musical e Artística, Serviço Nacional de Teatro, Conselho Nacional de Cultura. Vale dizer também, que o conceito de Cultura adotado por Capanema foi muito abrangente, fato observável através das ações adotadas pela sua administração que, segundo Calabre (2009), contemplou todas as áreas, o que facilitou o acesso à Cultura por meio de apoio à criação de rádios, bem como um grande incentivo no fomento cinematográfico. Em 1953, o Ministério da Educação e Saúde foi desmembrado em 2: Ministério da Saúde e Ministério da Educação e Cultura.

Em 1961, se cria um novo Conselho Nacional de Cultura, vinculado à presidência da república, desvinculando-o ao Ministério da Educação e Cultura, que, segundo Calabre (2009), demarca um entendimento da pasta como área estratégica. Porém, após a renúncia do então presidente Jânio Quadros, o Conselho Nacional de Cultura voltou a ser subordinado ao Ministério da Educação e Cultura. Mesmo com a instabilidade que uma renúncia presidencial gera e a baixa dotação orçamentária da pasta, já muito presente, é importante destacar o projeto Caravana da Cultura, que se tratava de uma circulação de espetáculos de música erudita, coral, distribuição de livros, CDs, exposições e afins. Mas só foi possível realizar devido às parcerias com iniciativas privadas.

Ao mencionar as caravanas do Conselho Nacional de Cultura, é importante destacar o papel de Paschoal Carlos Magno nessas iniciativas. Paschoal Carlos Magno foi uma figura central para o teatro brasileiro, tendo fundado o Teatro do Estudante do Brasil[11], em 1938, e contribuído significativamente para a formação de uma geração de artistas e para a descentralização das atividades culturais. Sua atuação nas caravanas culturais representa um importante precedente histórico para iniciativas de democratização do acesso à cultura, tema central desta dissertação.

Apesar da ditadura militar, desde o início o governo se mostra muito interessado na área da Cultura. É nesse período, mais precisamente em 1966, que se cria o Conselho Federal de Cultura e, no ano de 1970, se inicia uma discussão sobre a criação de um Plano Nacional

[11] Poeta, escritor, teatrólogo, político, diplomata, entre seus feitos para a cultura brasileira, destacamos a criação da Casa do Estudante do Brasil (1929), do grupo Teatro do Estudante do Brasil (1938), do Teatro Duse (1952), da Aldeia de Arcozelo (1965), no interior do estado do Rio de Janeiro, além de ter promovido iniciativas como a Caravana da Cultura (1964) e a Barca da Cultura (1974). Para mais informações, acesse: https://portais.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/paschoal-carlos-magno/embaixador-da-cultura/.

de Cultura. O que temos, portanto, na década de 1970, foi a elaboração no Brasil de uma política nacional de cultura. Os anos 1970 foram marcados pelos Planos Nacionais de Desenvolvimento 1 e 2 (PND1, PND2), que englobavam diversas áreas, incluindo educação e cultura. Esta precisão conceitual é fundamental para a compreensão histórica das políticas culturais brasileiras e sua institucionalização.

Somente no período da redemocratização, em 1985, o então presidente José Sarney criou um Ministério próprio para a Cultura, o que gerou uma onda de criação de Secretarias de Cultura nos Estados e Municípios. Em 1986, promulga a Lei Sarney, primeira lei de incentivo à Cultura, que busca estreitar os laços entre Estado - empresa - produtor.

2.2 Mecanismos de Financiamento à Cultura

No plano nacional, os anos 1980 e 1990 foram marcados pela criação e oscilação de marcos legais importantes, como a Lei Sarney (1986), a extinção do Ministério da Cultura no governo Collor (1990), a criação da Secretaria Especial de Cultura (1991) e a promulgação da Lei Rouanet (1991). Essas leis refletiam uma tentativa de construir um sistema de financiamento da cultura ancorado na parceria entre Estado e iniciativa privada, com base em renúncia fiscal – modelo que impacta diretamente os municípios, sobretudo aqueles com menor atratividade para grandes patrocinadores.

Em 1990, o então presidente Fernando Collor de Mello extingue pela primeira vez o Ministério da Cultura e a Lei Sarney é suspensa. Para suprir o apagão que a suspensão da lei causaria, algumas cidades criam seus próprios mecanismos de fomento isentando impostos municipais, como a criação da popularmente conhecida Lei Mendonça (Lei Municipal n.º 10.923, de 1990) em São Paulo, por exemplo. Devido à pressão popular, o então presidente Collor retrocede em partes e transforma o Ministério em uma Secretaria Especial vinculada à Presidência da República, convidando Sérgio Paulo Rouanet para ser o responsável pela pasta. Foi apenas no governo de Itamar Franco, após o impeachment de Collor, que o Ministério da Cultura foi efetivamente recriado.

Segundo Lia Calabre (2007), a Lei Rouanet é um aperfeiçoamento da Lei Sarney. Nesse caso, uma das mudanças mais significativas é que a Rouanet passa a ter 3 mecanismos: o Fundo Nacional de Cultura, os Fundos de Investimento Cultural e Artístico (Ficart) e o Incentivo Fiscal. A Lei Rouanet começa a ganhar mais visibilidade perante o setor privado através da promoção do dispositivo do governo de Fernando Henrique Cardoso. Francisco Weffort, como Ministro da Cultura de Fernando Henrique Cardoso, desempenhou um papel

crucial na popularização e consolidação da Lei Rouanet. Weffort buscou ampliar o alcance da lei, que até então tinha uma utilização mais restrita, incentivando a participação de empresas e produtores culturais através dos mecanismos de incentivo fiscal. Embora a lei já existisse, foi em sua gestão que ela se tornou mais conhecida e utilizada como uma ferramenta fundamental para o financiamento de projetos culturais em diversas áreas, contribuindo significativamente para o fomento da produção artística e para a descentralização dos investimentos no setor.

Sobre a política cultural mineira, é importante falar brevemente sobre José Aparecido de Oliveira, que foi Secretário de Cultura de Minas Gerais antes de se tornar Ministro da Cultura, e sua influência na articulação do Fórum de Secretários de Cultura. José Aparecido de Oliveira destacou-se como uma figura central na articulação que culminou na criação do Ministério da Cultura (MinC), durante o processo de redemocratização do Brasil nos anos 1980. À frente da Secretaria de Cultura de Minas Gerais, cargo para o qual foi nomeado por Tancredo Neves em 1983, foi o principal idealizador e articulador do Fórum Nacional de Secretários de Cultura; instância que se consolidou como espaço estratégico de mobilização e construção de uma agenda nacional para o setor. Aparecido de Oliveira sustentava que a institucionalização de uma pasta autônoma para a cultura era imprescindível para superar os entraves orçamentários que historicamente comprometiam a área, até então subordinada ao Ministério da Educação. Para ele, a cultura deveria ser compreendida como um bem de produção fundamental ao desenvolvimento nacional, e não como um apêndice da educação. Sua atuação política e militância cultural foram decisivas para que a criação do MinC se concretizasse já no início do governo de José Sarney, em 1985, com o próprio Aparecido assumindo a titularidade da nova pasta. A iniciativa, no entanto, não esteve isenta de críticas: setores da sociedade interpretaram a criação do ministério como uma manobra político-partidária voltada à acomodação de aliados no novo arranjo institucional. Ademais, o MinC foi instituído com estrutura administrativa e orçamento limitados, o que revelou, desde o início, os desafios enfrentados para consolidar a cultura como política de Estado.

Apesar da trajetória de Aparecido de Oliveira no cenário nacional, e de ser integrante do mesmo partido político de Zaire Resende, não foram encontradas ações concretas que demarcassem a passagem de Aparecido na construção de políticas públicas culturais mineiras que se relacionem com as especificidades regionais do Triângulo Mineiro e impacte na criação de políticas culturais municipais.

2.3 História dos Conselhos de Cultura no Brasil

No caso da Cultura, a existência de um Conselho para discussões acerca das políticas públicas data de antes da redemocratização. É importante destacar que na década de 1930, já havia sido elaboradas algumas políticas em torno da Cultura, inclusive com a criação do Conselho Nacional de Cultura (CNC). Durante o período ditatorial, mais precisamente em 1966, foi criado o Conselho Federal de Cultura (CFC). E com a Constituição de 1988, o artigo 215 garante o direito à cultura e a obrigação do Estado em promovê-la. A Lei Rouanet (1991) aperfeiçoa o mecanismo de incentivo fiscal e, a partir dos anos 2000, o governo federal avança com a construção do Sistema Nacional de Cultura (SNC), exigindo dos entes federativos a criação de conselhos, planos e fundos culturais.

Rubim (2010) elabora uma análise dos conselhos de cultura, destacando sua relação com a democratização do país e os avanços da Constituição de 1988. Ele ressalta a singularidade dos conselhos de cultura, muitos dos quais surgiram em contextos autoritários antes do movimento democrático. Esses conselhos iniciais tinham caráter elitista e não democrático, compostos por "notáveis" alinhados aos regimes, e muitas vezes assumiam tarefas executivas devido à ausência de uma institucionalidade cultural própria. O autor discute as atribuições dos conselhos (fiscalizadoras, normativas e propositivas) e seu caráter (deliberativos ou consultivos), ressaltando que o poder de interferência é maior nos deliberativos. A fiscalização do Estado e a formulação de normas são atividades primordiais.

Rubim (2010) enfatiza que a composição (paritária ou não) deve estar alinhada com as atribuições que se pretende priorizar. Um modelo paritário é sugerido para conselhos com atribuições propositivas, enquanto para os fiscalizadores, uma presença mais ampla da sociedade civil é indicada. Para o autor, a democratização do Estado e da sociedade exige que os conselhos superem a tradição autoritária e se tornem espaços de mediação, diálogo e pactuação entre Estado, sociedade civil e comunidade cultural.

Outro fator importante mencionar é que os conselhos de cultura, predominantes até os anos 2000, eram geralmente focados em linguagens artísticas e compostos por notáveis do campo cultural. Já os conselhos de política cultural, que ganharam força a partir do Sistema Nacional de Cultura, têm como foco a formulação, implementação e avaliação de políticas públicas, com composição mais diversificada e representativa da sociedade civil. Esta distinção é crucial para compreender a transformação institucional das políticas culturais.

2.4 Formação Histórica de Uberlândia

Uberlândia, situada na região nomeada pelos bandeirantes de "Sertão da Farinha Podre", se transformou em um importante centro urbano e econômico. No século XVIII, a região do atual Triângulo Mineiro teve sua história vinculada às bandeiras paulistas que buscavam metais e pedras preciosas. No entanto, o principal fluxo econômico do período se dava no sentido Rio de Janeiro-Minas Gerais-Centro-Oeste. A mineração próxima ao Rio Araguari (antigo Rio das Abelhas) obteve relativo sucesso, dando origem ao arraial do Desemboque, que chegou a ter cerca de 1000 habitantes. Com o declínio da mineração no Desemboque, a atividade rural ganhou força, impulsionando a consolidação de povoados como Araxá (1791) e Patrocínio (1800), favorecidos pela pecuária.

A ascensão de Uberaba como centro comercial e urbano começou no século XIX, impulsionada pela exploração de uma rota fluvial que ligava os portos paulistas ao Rio Grande, perto da "nova" Uberaba. Essa rota alternativa era economicamente mais rentável para o transporte de mercadorias como tecidos, armarinhos, perfumarias e, principalmente, sal. O comércio de sal, com Uberaba como entreposto, impulsionou o rápido crescimento comercial da cidade, superando o domínio de Araxá e Franca. No final do século XIX, a expansão da cafeicultura paulista e a chegada da ferrovia Mogiana (inaugurada em Uberaba em 1889) reorientaram os fluxos econômicos e migratórios, estabelecendo as bases de uma nova estrutura produtiva voltada para o mercado.

A ferrovia foi um marco fundamental para o desenvolvimento de Uberlândia, então chamada Uberabinha, inaugurando sua estação em 1895. A cidade se beneficiou da ligação com o centro dinâmico da economia brasileira. No entanto, o verdadeiro salto econômico e urbano de Uberlândia ocorreu a partir da década de 1950. A cidade se inseriu no projeto de desenvolvimento e colonização do interior do país, como base da expedição "Roncador-Xingu" de Vargas, o que resultou na abertura de estradas que a interligam a Goiás e Mato Grosso, consolidando sua posição estratégica como polo comercial. A construção de Brasília na segunda metade da década de 1950 também fez de Uberlândia um ponto obrigatório de entrecruzamento de diversas regiões do país, atraindo investimentos federais. Esta política de ocupação dos cerrados na década de 1960 impulsionou o desenvolvimento da cultura de grãos, transformando Uberlândia em um centro de armazenamento, distribuição e exportação agrícola. A descentralização industrial do eixo São Paulo/Rio de Janeiro também contribuiu, atraindo grandes complexos industriais para a cidade.

A imagem de Uberlândia sempre foi construída e difundida por suas elites como uma cidade predestinada ao progresso e à modernidade. No entanto, essa narrativa muitas vezes ocultou as profundas desigualdades sociais e os desafios enfrentados pela população. A cidade, apesar de se projetar como um polo dinâmico, convivia com a realidade de uma "pobreza invisível", marginalizando aqueles que não se encaixavam no ideal de "ordem e progresso". As práticas disciplinares, como códigos de postura e a repressão à mendicância e ao favelamento, visavam manter a imagem de uma cidade ordeira e laboriosa. Essa dualidade entre o desejo de ser metrópole e a persistência de traços provincianos é uma característica marcante de Uberlândia. O comércio, que antes fechava em horários "provincianos", contrastava com o ritmo acelerado das mudanças na cidade. A mentalidade empresarial, por vezes, privilegiava as relações pessoais em detrimento da competência , e a vida cultural, embora presente, era alvo de críticas pela falta de opções e retorno do público. (Além, 1991; Jesus, 1999; Romero, 2016; Castro, 2008.)

Segundo Romero (2016), a cidade surge no momento da queda da mineração em Minas e as diversas características da cidade, como sua localização geográfica e o manejo de conflitos sem alardes[12], propagam a ideia de uma cidade que possibilita melhores condições de trabalho e qualidade de vida, o que acaba atraindo moradores de outras regiões. Na dissertação de mestrado de Wilma Ferreira de Jesus (2002), o nome do governador Rondon Pacheco é mencionado em relação à sua atuação como deputado em 1957, quando ele e o deputado Wagner Estevão (de Goiás) apresentaram uma emenda no Congresso para destinar dez milhões de cruzeiros do orçamento da União para a construção de uma rodovia que ligasse a cidade à nova capital federal, Brasília, passando por Araguari e Catalão. A Associação Comercial de Uberlândia também reforçou essa reivindicação. A dissertação aponta que esses esforços e a localização estratégica da cidade, que permitia fácil acesso rodoviário a grandes centros como Belo Horizonte, São Paulo, Goiânia e Brasília, fizeram de Uberlândia um entreposto por onde passavam muitos produtos agrícolas e industrializados. Essa conjuntura e os investimentos federais canalizados para Uberlândia, como forma de viabilizar a integração nacional contida no projeto desenvolvimentista do governo Juscelino Kubitschek, possibilitaram a transformação de Uberlândia no maior polo catalisador de

[12] A secretária municipal de Cultura e Turismo de Uberlândia, Mônica Debs, desembolsou R$ 202 mil de seus recursos pessoais para assegurar a montagem da estrutura necessária para o desfile de escolas de samba, após a contratada pela prefeitura se recusar a prestar serviços por falta de garantias de pagamento. Debs relatou ter sido pressionada por prestadores terceirizados, que ameaçaram não concluir os serviços sem garantias financeiras, e pela ausência de comunicação da empresa vencedora da licitação – cujo representante não mais respondeu.

produção de mercadorias da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba a partir da década de 1960. Todo esse investimento impacta diretamente no crescimento populacional da cidade.

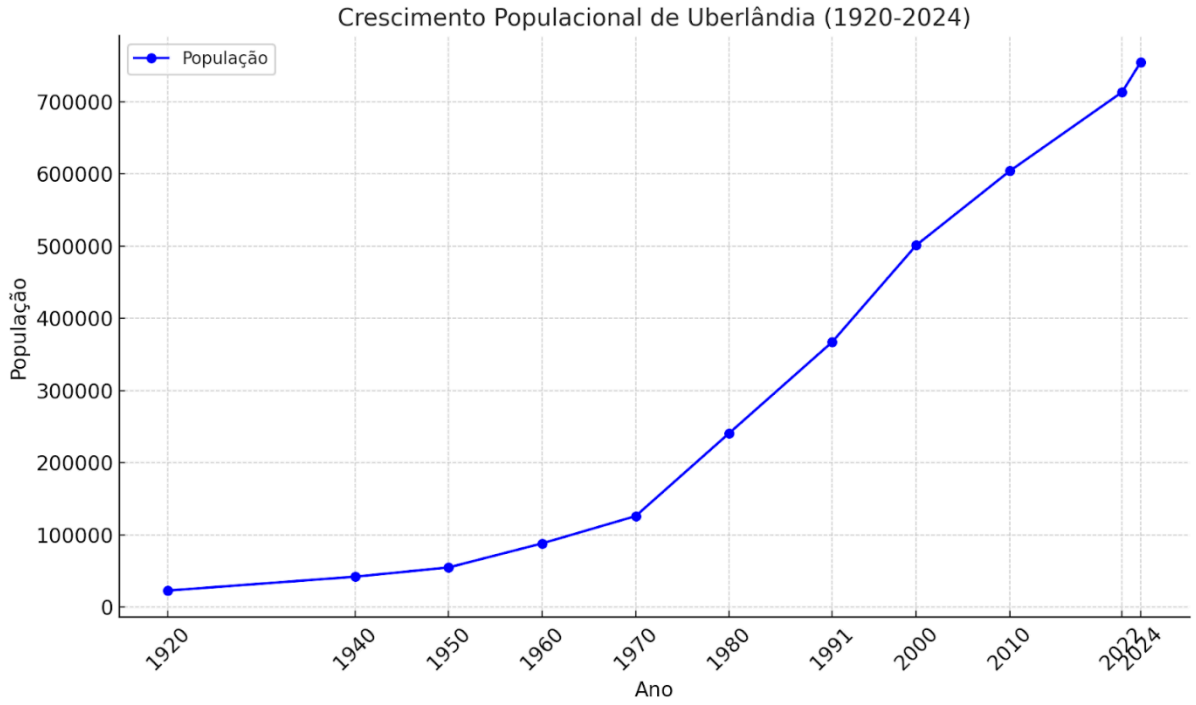


Gráfico 1. Crescimento Populacional de Uberlândia. Fonte: criado pela autora em 01/09/2024, de acordo com dados retirados do site do IBGE.

No gráfico 1, podemos visualizar o impacto desses investimentos com o crescimento populacional a partir da década de 1950. Em meados de 1950 e 1960, a Universidade de Uberlândia é criada e surgem os primeiros cursos superiores da cidade, e o crescimento populacional dispara na década de 70, quando a universidade é federalizada.

2.5 Perfil Demográfico e Socioeconômico

Um ponto importante para conhecer a cidade, que escancara contradições, se trata de pesquisas censitárias. Porém, durante o processo da pesquisa, percebi que estas pesquisas não levam em conta a Cultura como uma área importante de ser analisada e considerada nos resultados. Se a Cultura de fato é importante e direito de todos os cidadãos, como previsto na Constituição de 88, por que as pesquisas realizadas pelos órgãos oficiais, como IBGE, Ipea, CadÚnico, Atlas Br, não a consideram como um fator importante, tal qual fazem com Educação, Saúde, Segurança, e afins? Para considerar a qualidade de vida que um lugar oferece, não deveríamos considerar o acesso à Cultura deste lugar? Sendo a Cultura uma área tão transversal, considerá-la não seria uma forma de fiscalizar se a Constituição está sendo respeitada?

Bom, um estudo feito em 2001 pelo Centro de Estudos, Pesquisas e Projetos Econômico-Sociais (Cepes) da Universidade Federal de Uberlândia, quando a cidade tinha pouco mais de 500 mil habitantes, traz o dado de que 52% da população da cidade são migrantes e a maioria proveniente de cidades da região.

> De acordo com o local de nascimento, a população não uberlandense é proveniente, principalmente, do próprio Estado de Minas Gerais, pois 41,2% dentre eles são pessoas do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e mais 16,6% nasceram nos demais municípios mineiros, totalizando quase 60% dos não naturais. (Cepes, 2001, p.30)

Conforme a pesquisa, dentre os principais motivos para a migração estavam trabalho (64,6%), parentes (21,5%) e educação (7,4%). Saúde e outros motivos atingiram percentuais pouco acima de 3%. Além disso, o estudo pontua que o crescimento acelerado que a cidade passa agrava as desigualdades sociais.

> A urbanização acelerada e as políticas concentradoras de renda acentuaram a exclusão social, a degradação ambiental, a insegurança e a violência, reduzindo a qualidade de vida da população […] A terceira maior cidade do Estado de Minas Gerais, proclamada como de alto nível de qualidade de vida, desnudava sua face oculta: a da existência de um número alarmante de pobres e indigentes. (Cepes, 2001, p.2)

Vindo para o momento atual, sabendo desse retrato da composição habitacional da cidade, é importante trazer um retrato do município de hoje com os poucos dados que temos. Uberlândia ocupa hoje o segundo lugar do ranking de cidades mais populosas e com o PIB mais alto do Estado de Minas Gerais, segundo o último censo do IBGE, publicado em 2022. A cidade hoje possui 713 mil habitantes, e um PIB maior que o de algumas capitais brasileiras. O IDH da cidade é 0,789 (2010), o que coloca o município na categoria de cidade de grande porte.

Quando se afirma que a cidade tem "o maior crescimento do PIB da indústria das cidades do interior[13]" ou "a terceira melhor nota do Brasil, em qualidade de vida[14]", é necessário questionar: essas colocações em rankings servem para quê? O Índice de Gini mede o grau de concentração de renda em uma determinada população. Ele varia de 0 a 1, onde 0 representa uma igualdade perfeita na distribuição de renda (todos têm a mesma renda) e 1 representa a desigualdade máxima (uma pessoa detém toda a renda). No site do IBGE, o índice de Gini de Uberlândia era de 0,39 em 2003, o que indica uma distribuição de renda

[13] Disponível em: https://www.uberlandia.mg.gov.br/2024/01/23/uberlandia-e-a-cidade-do-interior-e-regiao-metropolitana-de-grande-porte-do-brasil-com-maior-crescimento-do-pib-da-industria/. Acessado no dia 07/07/2025.

[14] Disponível em: https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2025/06/01/uberlandia-tem-a-3a-maior-nota-do-brasil-em-qualidade-de-vida-entre-cidades-com-mais-de-500-mil-habitantes.ghtml. Acessado no dia 07/07/2025.

relativamente equitativa para os padrões brasileiros da época. Já no Banco de Dados Integrados de 2023, com ano base 2022,

> "a renda per capita média de Uberlândia cresceu 70,03% nas últimas décadas, passando de R$ 588,98 em 1991 para R$ 768,83 em 2000 e R$ 1.001,45 em 2010. A taxa média anual de crescimento foi de 30,54% no primeiro período e 30,26 no segundo. A extrema pobreza (medida pela proporção de pessoas com renda domiciliar per capta inferior a R$ 70,00, em reais de agosto de 2010) passou de 2,50% em 1991 para 1,71% em 2000 e para 0,70% em 2010. A desigualdade diminuiu: o Índice de Gini passou de 0,53 em 1991 para 0,56 em 2000 e para 0,50 em 2010. (Prefeitura. 2023. Vol. 3. p.144.)

Para garantir uma precisão dos dados, foi solicitado para a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Inovação, dados atualizados do índice de Gini municipal, bem como uma variação do índice e, infelizmente, não obtivemos resposta.

Apesar disso, em 2022, o Cepes/UFU publicou um estudo feito pelo Instituto de Economia da universidade que apontou que a remuneração média do primeiro quadrimestre do ano de 2022 está 8% abaixo do índice nacional. E em uma nova pesquisa publicada em fevereiro de 2024, o órgão registrou uma inflação de 0,87% que mostra um aumento em relação à taxa do mês anterior, 0,68%. Os grupos que apresentaram grandes aumentos foram: educação, transporte e alimentação. Outro dado importante do Observatório Nacional de Direitos Humanos, divulgado pelo Diário de Uberlândia em janeiro de 2024, nos informa que o número de pessoas em situação de rua dobrou em cinco anos. Segundo o Observatório, houve um aumento considerável de 2015 a 2024, como pode ser observado no gráfico a seguir.

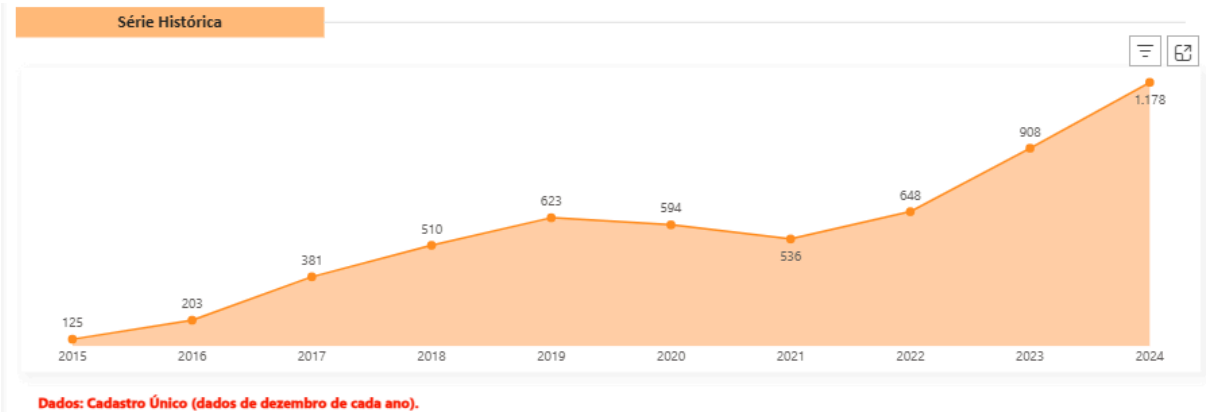


Gráfico 2. Referente ao número de pessoas em situação de rua na cidade de Uberlândia. Fonte: site do Observatório Nacional de Direitos Humanos.

Já o Índice de Progresso Social (IPS) é uma metodologia que avalia a qualidade de vida da população no Brasil de forma multidimensional. O IPS avalia se as pessoas têm o necessário para prosperar, indo além de métricas tradicionais e paradigmas econômicos, e

permite comparar municípios, estados e regiões[15]. Para a análise, o IPS é dividido em dimensões: a dimensão *Necessidades Humanas Básicas* contempla os elementos essenciais à sobrevivência, englobando aspectos como acesso a uma alimentação adequada, serviços médicos, água potável, saneamento básico, moradia digna e segurança pessoal; a dimensão *Fundamentos do Bem-Estar* refere-se às condições que possibilitam a melhoria da qualidade de vida da população, incluindo o acesso à educação básica, à informação, à liberdade de expressão e à existência de um sistema de saúde capaz de garantir longevidade e bem-estar; por fim, a dimensão *Oportunidades* busca aferir em que medida o ambiente social favorece ou limita o progresso individual e coletivo. Por envolver temas complexos como liberdade individual, inclusão social e a existência de oportunidades concretas — frequentemente carentes de indicadores precisos em escala municipal — esta é a dimensão mais sensível do estudo.

Para poder comparar e gerar a nota, o IPS seleciona os municípios que possuem a mesma renda do PIB per capita do município justamente para mostrar que o desenvolvimento econômico não está diretamente relacionado com o desenvolvimento social. Sendo assim, a cidade de Uberlândia ocupa o 36º lugar nacional em relação à qualidade de vida oferecida, e 2º lugar no âmbito estadual. Este ponto é interessante, uma vez que, tirando o desenvolvimento econômico da cidade como fator importante para o desenvolvimento social, o índice acaba responsabilizando apenas a sociedade em relação ao seu próprio desenvolvimento. Além de desconsiderar os dados anteriores aqui apresentados e os próprios dados coletados, uma vez que, nas dimensões *Fundamentos do bem-estar* e *Oportunidades*, um dos pontos fracos, comparados a municípios com o mesmo PIB per capita, é o IDEB do Ensino Fundamental, como pode ser observado na figura abaixo, e um ponto forte é o acesso à Cultura, Lazer e esporte. Se o gosto e hábito de visitar museus, ir a concertos, assistir espetáculos teatrais e de dança, são construídos conjuntamente em família e escola, como que esse ponto forte do IPS tem sido realmente aproveitado pela população que tem recebido um ensino fundamental aquém?

[15] Disponível em: https://ipsbrasil.org.br/pt. Acessado no dia 07/07/2025.

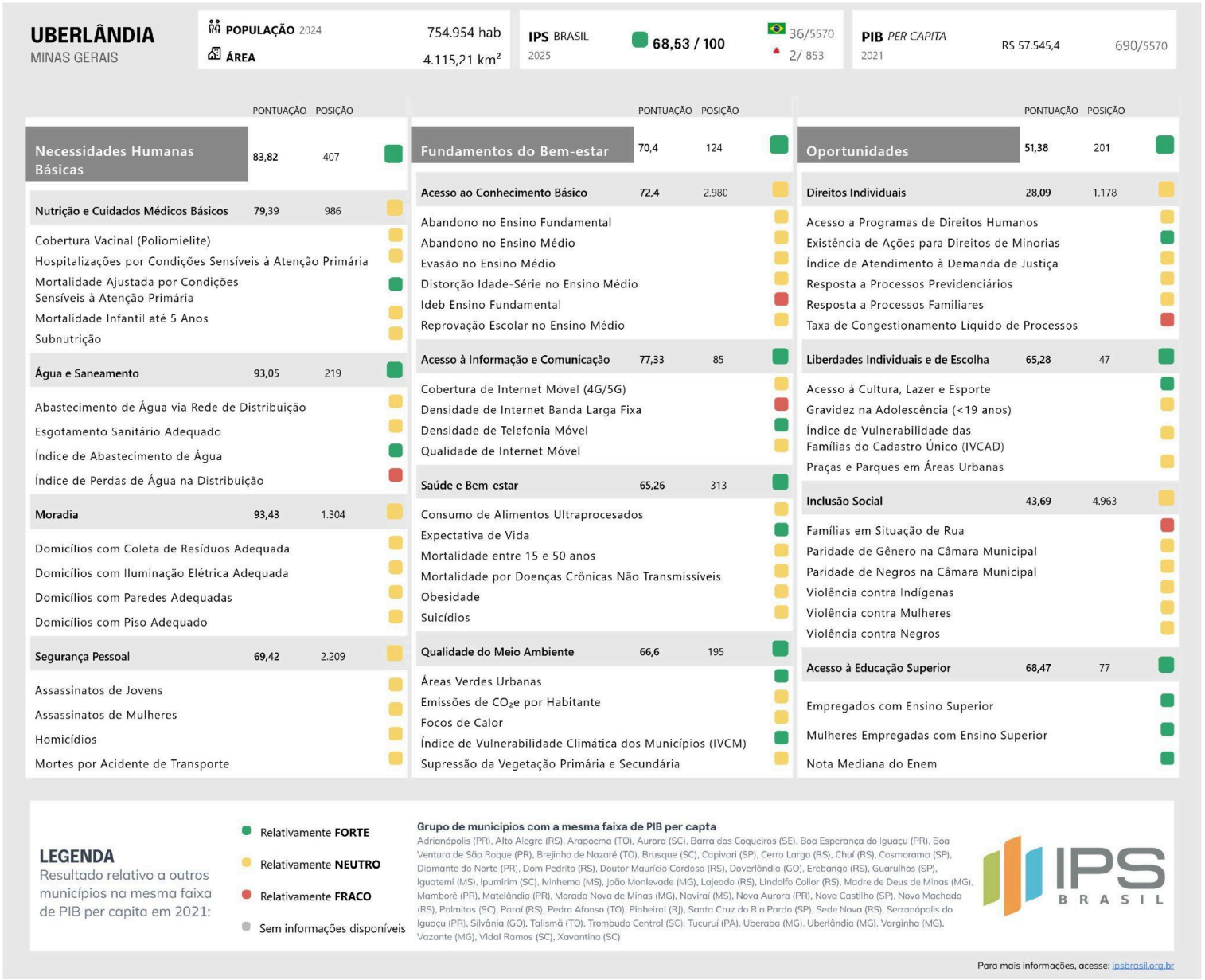


Fig.1. Scorecard do município de Uberlândia produzido pelo Indice de Progresso Social - IPS. Disponível em: https://ipsbrasil.org.br/pt. Acessado no dia 07/07/2025.

Uberlândia se tornou, como seus fundadores sonharam, uma cidade reconhecida nacionalmente. E em 2010, o sertão da farinha podre foi uma das cidades escolhidas pela ONU Habitat como cidade modelo em crescimento com qualidade de vida.

Eu sei que sou ninguém perto do IPS e da ONU[16], mas como migrante de uma cidade do interior de Uberlândia, que se mudou por conta da Educação e que permanece aqui por não conseguir mais viver em um local com pouca opção de trabalho e ações culturais para vivenciar, e pelos mesmos motivos geográfico que tornam a cidade um ponto de logística[17],

[16] Convenhamos, não sei se a ONU tem sido alguém também, veja o quanto as deliberações de cessar-fogo da instituição têm sido ignoradas pelo presidente de Israel que mantém o genocídio do povo palestino.

[17] Em Uberlândia, cruzam as rodovias federais BR-365, BR-050 e BR-452, além da estadual LMG-799. A BR-365 liga Montes Claros a São Simão, em Goiás, passando por Uberlândia. A BR-050 liga Santos Dumont

que atua como professora em uma escola extremamente democrática no sentido de ter contato com pessoas com capital econômico diferente e ver cotidianamente o abismo que o *habitus* e capital cultural gera, por trabalhar com a produção de trabalhos artísticos que não estão na indústria cultural, mas que pessoas com um *habitus* para frequentar espaços cênicos iriam; preciso discordar do IPS e da ONU por não conseguir desvincular do conceito de "qualidade de vida" a garantia de um melhor acesso à Educação e Cultura.

2.6 Governança e Políticas Municipais

Numa retrospectiva da governança da cidade, até o momento, como ponto de partida a redemocratização, a gestão da cidade não apresenta uma alternância de visão para a gestão.

Gestão	Nome	Partido	Secretárias de Cultura
1983 - 1989	Zaire Rezende	PMDB	Iolanda de Lima Freitas
1989 - 1993	Virgílio Galassi	PDS/SEM	Terezinha Magalhães
1993 - 1997	Paulo Ferolla	PFL (MDU) ou PTB	Creuza Resende
1997 - 2000	Virgílio Galassi	PPB	Myrthes Linhares Lintz (97 a jun/98); Manuel Andrada Prieto (jul/98 a ago/98); Terezinha Magalhães (set/98 a 2000)
2001 - 2004	Zaire Rezende	PMDB	Lídia Meirelles (2001 a 2003) e Alcides Mello (2003 e 2004)

(MG) a Cristalina (GO), também cruzando a cidade. A BR-452 conecta Perdizes e Araxá e está recebendo investimentos em recuperação do pavimento. A LMG-799 é uma rodovia estadual que liga a BR-365 à MG-424, passando por Uberlândia e outras cidades do Triângulo Mineiro.

2005 - 2008	Odelmo Leão	PP	Mônica Debs
2009 - 2012	Odelmo Leão	PP	Mônica Debs
2013 - 2016	Gilmar Machado	PT	Gilberto Neves (2013 a 2015) e Iara Magalhães (2016)
2017 - 2020	Odelmo Leão	PP	Mônica Debs
2021 - 2024	Odelmo Leão	PP	Mônica Debs
Atual	Paulo Sérgio	PP	Mônica Debs

Como podemos observar no quadro anterior, desde a criação da Secretaria Municipal de Cultura, houve dois momentos de instabilidade na gestão da pasta, de 1997 a 2004 e 2013 a 2016. Destacando a maior alternância de 1997 a 2000, em que a cadeira foi ocupada por 3 pessoas em uma mesma gestão. Em contraponto, verificamos também que, de 2005 a 2012 e 2017 até o momento atual, ou seja, por cinco gestões, temos a permanência da mesma secretária de Cultura, Mônica Debs. Esta ocorrência curiosa perante o cenário nacional cabe reflexão futura sobre os impactos que uma atuação tão longínqua de uma mesma pessoa gestora no contexto das políticas culturais da cidade.

Jesus (1999) nos traz um estudo sobre as principais candidaturas para prefeito das eleições de 1982 a 2000, descrevendo os perfis. A autora destaca que os 25 prefeitos que a cidade teve de 1888 a 1982 tinham uma mesma concepção político-administrativa. Mesmo os dois últimos, Virgílio Galassi e Renato de Freitas - que faziam parte de grupos conservadores distintos, porém com mesmo projeto político, e se alternavam no poder de 1967 a 1982 -, tiveram suas atuações voltadas para atrair os grandes investidores, instalação de grandes indústrias, favorecimento da especulação imobiliária, construção de grandes obras que pouco ou quase nada interferiu na qualidade de vida da população. (Jesus.1999. p. 12 - 13)

2.7 A Gestão Zaire Rezende e as Políticas Culturais

A campanha de Zaire Rezende, para as eleições de 1982, foi construída aos poucos e com a sociedade civil, que se reuniu em 46 reuniões com o candidato para discutir questões políticas e sociais dos entes federativos. Dessas discussões resultou o programa político vencedor do pleito, que teve mais atenção para as demandas sociais do povo, até então desconsideradas pelos dirigentes. Zaire, segundo Jesus (1999), enfrentou muita resistência na

câmara municipal a partir de 1988, quando o quadro de vereança mudou para uma maioria fazendo oposição à administração, e com uma imprensa fazendo oposição (com exceção do jornal Primeira Hora, cujos donos eram aliados de Zaire). Segundo a autora,

> Zaire não investiu na construção de obras suntuosas, mas priorizou o investimento em saúde, educação, creches, cultura, saneamento básico, asfaltamento, lazer e inaugurou a prática da discussão do orçamento com a população. Não se tratava de uma discussão deliberativa, contudo indicava as prioridades para as quais o dinheiro deveria ser canalizado. (Jesus.1999. p.24)

Além dos investimentos, terem acontecido em ações menos vistas e de uma imprensa apontando pouco para elas, o contexto nacional e as discussões internas do partido não ajudaram muito para a eleição de um sucessor que continuasse o trabalho que vinha sendo desenvolvido nas eleições de 1989.

Aqui é importante destacar que, apesar do silêncio da imprensa com relação às ações da gestão, a tal grandiloquência da participação social na construção das políticas culturais durante a gestão de Zaire Rezende precisa ser pontuada. Enquanto a participação social da sociedade civil na construção das políticas para a cultura em Uberlândia começa como consequência da democratização, no governo federal isso só ocorreu a partir da gestão do governo Lula (2002 a 2011). Esta antecipação de Uberlândia em relação ao governo federal representa uma brecha que merece ser destacada como um aspecto positivo e inovador das políticas culturais da cidade.

Um dos pontos que marcam este pioneirismo é a realização dos Encontros de Política Cultural, que surge como uma das atividades mais destacadas pela Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia, no período de 1984 a 1989. Eles são promovidos pela SMCT e, ocorreram quatro encontros, sendo que, segundo Elsiene Silva (1999), os dois primeiros tiveram maior destaque na imprensa devido à presença de figuras como o Ministro da Cultura e o Secretário Estadual de Cultura. Os encontros contavam com a participação da sociedade civil e com representantes das Secretarias Municipais de Cultura e região (Silva. 1999. p. 59-60). Com a mudança de gestão, houve uma descontinuação da realização destes encontros. Apesar de não se tratar do foco desta pesquisa, seria valioso analisar mais detalhadamente os relatórios desses encontros e seu impacto na formulação e implementação das políticas culturais municipais.

A cultura começa a ser entendida em seu sentido mais amplo, como um processo que permeia toda a ação humana, dando-lhe significado e transformando a sociedade, a partir da eleição de Zaire Rezende, em 1982. Seu governo buscou fomentar a organização popular através da criação de Associações de Moradores (AM) e a dividir com o povo a construção da

definição do que é cultura enquanto valor social. As políticas culturais no governo Zaire Rezende foram marcadas pela preocupação em sanar as necessidades da população, principalmente a de baixa renda. Com relação à leitura, por exemplo, como enfatiza Romero (2016), a reinauguração da Biblioteca Pública Municipal Juscelino Kubitschek de Oliveira, em 1984, foi uma ação que se tornou um espaço central para iniciativas de incentivo à leitura, com projetos como o "carro-biblioteca" e a criação de uma sala infantil.

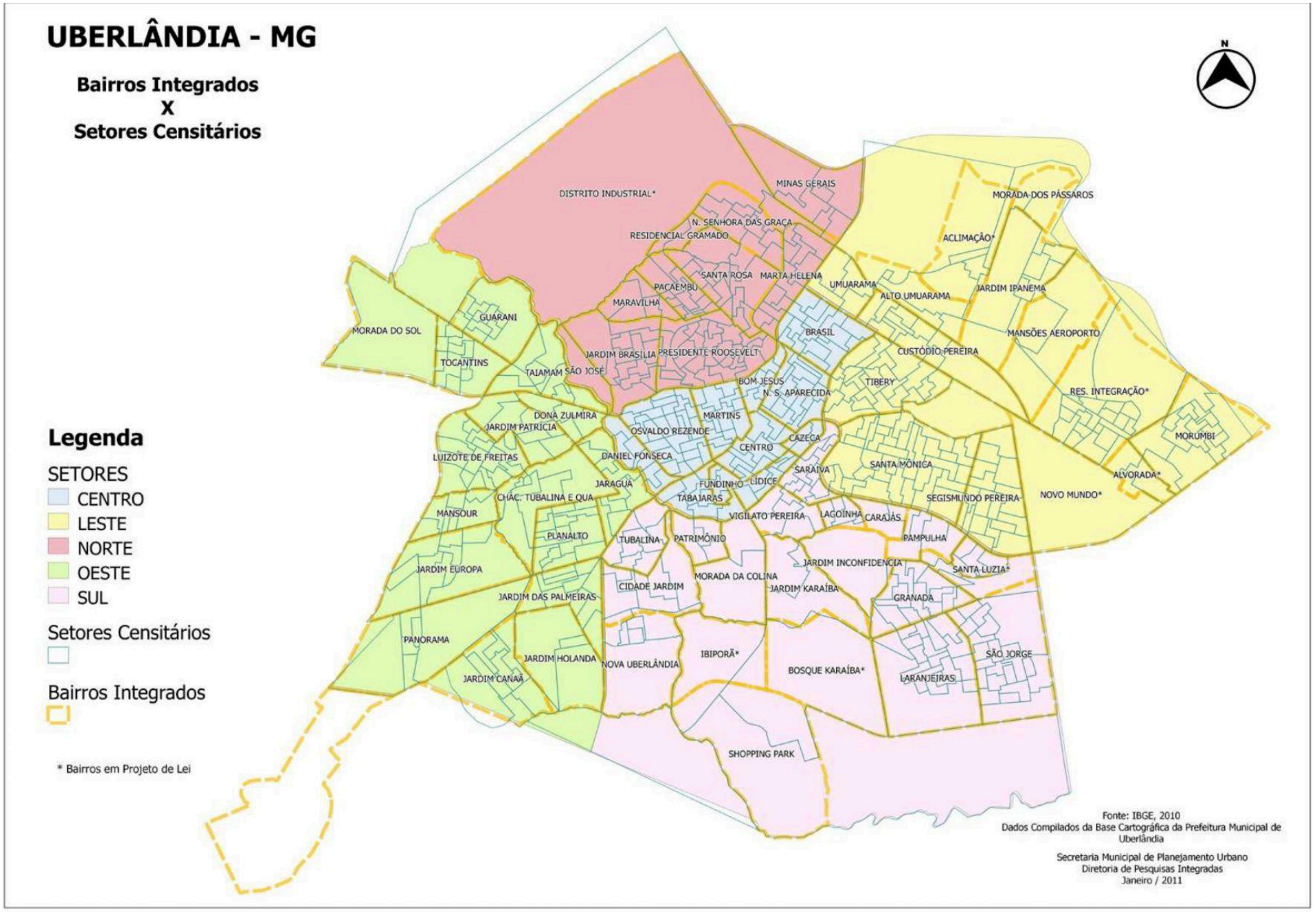
Nos pleitos posteriores, tivemos como vencedores Virgílio Galassi (1989 - 1993; 1997 - 2000) e Paulo Ferolla (1993 - 1997) que, além do retorno das grandes obras, priorizaram o desenvolvimento econômico da cidade, com a construção de grandes obras, como o Estádio Municipal João Havelange, o Terminal Central de ônibus urbano, o Centro Administrativo, o Parque do Sabiá, o Distrito Industrial, entre outros. Pensando na construção de grandes obras, segue um quadro com a relação dos equipamentos culturais da cidade de Uberlândia que possuem palco italiano, geridos pela prefeitura, ano de criação e com sua localização.

Equipamentos culturais	**Ano de inauguração**	**Localização**	**Região da cidade**
Teatro Vera Cruz (Grande Otelo)[18]	1966	Avenida João Pinheiro, Centro	Centro
Casa da Cultura	1985	Praça Coronel Carneiro, Fundinho	Centro
Oficina Cultural	1995	Praça Clarimundo Carneiro, Centro	Centro
Teatro de Bolso do Mercado Municipal	2009	Rua Olegário Maciel, Centro	Centro
Teatro Municipal de Uberlândia	2015	Avenida Rondon Pacheco, Tibery	Leste
CEU Shopping Park	2015	Rua Juvenília Mota Leite, bairro Shopping Park	Sul
CEU Campo Alegre	2015	R. Cordilheira dos Andes, bairro Residencial Campo Alegre	Sul
Cineteatro Nininha	2020	Praça Jacy de Assis,	Centro

[18] O Teatro Grande Otelo está fechado desde 2011.

Rocha - Centro Municipal de Cultura		Centro	

Para conseguir analisar e situar os espaços cênicos de Uberlândia, descritos no quadro acima, segue o mapa da cidade dividido por regiões e os bairros que compõem cada região. Este mapa foi retirado de um documento elaborado pela Secretaria do Planejamento Urbano em janeiro de 2011. E a pergunta que fica é: quais as medidas o poder público municipal tem tomado para garantir o acesso à diversidade cultural - concertos, música instrumental, autoral, a dança (contemporâneo, jazz, dança de salão, étnicas), teatros, shows de clown, dentre outros? Quais os equipamentos culturais utilizados nos bairros mais afastados? Ou os moradores da periferia precisam sempre se deslocar para assistir às apresentações artísticas? Este novelo de perguntas vai longe.


UBERLÂNDIA - MG
Bairros Integrados
X
Setores Censitários
Legenda
SETORES
CENTRO
LESTE
NORTE
OESTE
SUL
Setores Censitários
Bairros Integrados
* Bairros em Projeto de Lei
N
DISTRITO INDUSTRIAL*
MINAS GERAIS
N. SENHORA DAS GRAÇA
RESIDENCIAL GRAMADO
SANTA ROSA
MARTA HELENA
PACAEMBU
MARAVILHA
GUARANI
MORADA DO SOL
TOCANTINS
TAIAMAM
SÃO JOSÉ
JARDIM BRASÍLIA
PRESIDENTE ROOSEVELT
DONA ZULMIRA
JARDIM PATRÍCIA
LUIZOTE DE FREITAS
OSVALDO REZENDE
MARTINS
BOM JESUS
N. S. APARECIDA
CENTRO
CAZECA
DANIEL FONSECA
JARAGUÁ
FUNDINHO
LIDICE
TABAJARAS
CHÁC. TUBALINA E QUA
MANSOUR
PLANALTO
VIGILATO PEREIRA
LAGOINHA
CARAJÁS
TUBALINA
PATRIMÔNIO
PAMPULHA
JARDIM EUROPA
JARDIM INCONFIDÊNCIA
SANTA LUZIA*
MORADA DA COLINA
CIDADE JARDIM
JARDIM KARAÍBA
GRANADA
JARDIM DAS PALMEIRAS
PANORAMA
JARDIM HOLANDA
IBIPORÃ*
NOVA UBERLÂNDIA
BOSQUE KARAÍBA*
SÃO JORGE
LARANJEIRAS
JARDIM CANAÃ
SHOPPING PARK
MORADA DOS PÁSSAROS
ACLIMAÇÃO*
UMUARAMA
ALTO UMUARAMA
JARDIM IPANEMA
BRASIL
MANSÕES AEROPORTO
CUSTÓDIO PEREIRA
TIBERY
RES. INTEGRAÇÃO*
MORUMBI
SARAIVA
SANTA MÔNICA
ALVORADA*
SEGISMUNDO PEREIRA
NOVO MUNDO*
Fonte: IBGE, 2010
Dados Compilados da Base Cartográfica da Prefeitura Municipal de Uberlândia
Secretaria Municipal de Planejamento Urbano
Diretoria de Pesquisas Integradas
Janeiro / 2011

2.8 Institucionalização das Políticas Culturais em Uberlândia

Silva (1999) nos traz um panorama, via matérias de jornais da época, sobre os perfis das duas primeiras gestões da SMCT através da Imprensa. Neste trabalho, Silva (1999) apresenta uma primeira gestão da SMCT que admite seu despreparo para resolver questões acerca da Cultura, mas que busca sanar esse despreparo promovendo Encontros de discussão sobre Política Cultural e projetos importantes de formação de público para as ações artísticas, por exemplo. Ainda assim, a política cultural implementada nas duas gestões foi uma política mais tradicional, ligada às belas-artes. Contudo, a principal diferença é que a primeira gestão (1983 a 1988) teve um viés mais progressista devido, segundo Silva (1999), à ruptura de uma sequência de governos municipais ligados à elite da cidade e como um reflexo do contexto político nacional com a "transição" do regime autoritário para o democrático. Já a segunda gestão da SMCT, de 1989 a 1993, representa, para a pesquisadora, um retrocesso para a pasta por retomar velhos vícios como o dirigismo cultural, por exemplo, como consequência de uma postura adotada autoritária regida por um perfil mais neoliberal. Com base no que vimos no trabalho de Jesus (1999), fica claro que, infelizmente, essa postura ainda é a que está presente atualmente.

No município, Couto (2020) nos traz um histórico importante implementado pela segunda gestão da SMCT (1989 a 1993) que institui leis importantes para a área: a lei n.º 5218, de 09 de abril de 1991, a lei 5459, de 17 de janeiro de 1992, e a lei 5693, de 25 de novembro de 1992. A primeira instituiu o Fundo de Assistência à Cultura, a segunda dispõe sobre incentivo Fiscal para a realização de projetos culturais e a terceira fixava o valor a ser utilizado como incentivo fiscal previsto na segunda lei. Couto (2020) salienta que esses dispositivos não previam a distribuição dos recursos via chamada pública de Editais. Essas leis foram revogadas pela lei n.º 8332, publicada no dia 11 de junho de 2003: o Programa Municipal de Incentivo à Cultura. O que dá para afirmar no momento é que o Programa Municipal de Incentivo à Cultura de Uberlândia foi instituído em um dos contextos históricos de mais estabilidade da Cultura nacional. Mas, nas pesquisas até então no Arquivo Público da cidade, não foi possível encontrar, de forma sistematizada, se essas leis chegaram na sociedade civil e na classe artística.

Em Uberlândia, a Secretaria Municipal de Cultura foi criada em 1984, e desde então passou por diferentes fases. A implantação de leis municipais de incentivo e o Programa Municipal de Incentivo à Cultura (2003) representam conquistas importantes, ainda que

restritas a períodos de estabilidade política. Durante a segunda gestão de Zaire Rezende, houve uma tentativa mais clara de institucionalizar políticas culturais com foco em democratização.

Ainda assim, a história da política cultural municipal é marcada por descontinuidades e por forte dependência da vontade política dos gestores. Muitos projetos bem-sucedidos, como o Projeto Circo, careceram de estrutura legal que garantisse sua continuidade.

É importante pontuar que Uberlândia se comportou de maneira pioneira na participação social na construção das políticas culturais durante a redemocratização. Enquanto a participação social da sociedade civil na construção das políticas para a cultura em Uberlândia começa com a redemocratização, com o fomento à criação das Associações de Moradores[19], no governo federal isso só ocorreu no período Lula (2003/ 2011). Esta antecipação de Uberlândia em relação ao governo federal representa uma brecha que merece ser destacada como um aspecto positivo e inovador para a implementação de projetos como o Projeto Circo.

Na gestão de Lídia Meirelles (2000 a 2003), fazendo uma análise da conversa, aparentemente as principais diretrizes foram pautadas na preocupação em desenvolver políticas culturais com participação popular e alcance amplo à população. A criação do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PMIC) foi central, visando o financiamento da produção cultural por meio de um fundo para segmentos sem acesso à elaboração de projetos e da renúncia fiscal. Além disso, a descentralização das atividades culturais, levando projetos para bairros periféricos e a zona rural, a valorização dos artistas locais e a recuperação e preservação do patrimônio cultural, como a Casa da Cultura e os teatros Rondon Pacheco e Grande Otelo, foram pilares de sua atuação.

Em uma entrevista com a ex-secretária de Cultura de Uberlândia, Lídia Meirelles[20] (2000-2003), ela descreveu a batalha para instituir o Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PMIC). Lídia Meirelles enfatizou que a Secretaria de Cultura enfrentava um "ostracismo" e não possuía projetos ou uma política clara quando assumiu a pasta. Diante desse cenário, a criação do PMIC se tornou uma das principais iniciativas da gestão. A

[19] Para mais informações sobre as Associações de Moradores de Uberlândia, sugiro a Dissertação de Mestrado *As Associações de Moradores de Uberlândia: um estudo das práticas sociais e das alterações nas formas de sociabilidade,* da pesquisadora Nízia Maria Alvarenga, disponível em: https://urbandatabrasil.fflch.usp.br/trabalhos-de-conclusao-e-monografia/associacoes-de-moradores-de-uberlandia-um-estudo-das-praticas. E também como sugestão, o trabalho de conclusão de curso da Maria de Lourdes Silva, *As associações de moradores de bairro e o poder público em Uberlândia,* disponível em: https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/19873

[20] Transcrição da entrevista em Anexo.

ex-secretária recorda que a luta para implementá-lo foi intensa, com pressões políticas e desafios orçamentários. Ela revela que as discussões sobre o PMIC foram travadas diretamente com os secretários de Fazenda e de Orçamento, que relutavam em aceitar as duas vertentes do programa: o fundo de apoio a segmentos sem acesso à elaboração de projetos e a renúncia fiscal (ISS e IPTU). Lídia relata ter sofrido "todo tipo de pressão" para abandonar a ideia, inclusive do secretário de governo e do vice-prefeito. A situação chegou a um ponto em que Lídia precisou confrontar o prefeito Zaire Rezende, apresentando um ultimato: "Ou eu, ou a lei". Ela estava disposta a pedir exoneração e explicar publicamente os motivos, caso o prefeito não apoiasse a lei. Outro fator importante a ser destacado é a preocupação que o governo tinha com a descentralização. Segundo a ex-secretária de cultura, aponta

> Tudo que acontecia quando acontecia, e a gente sabia que acontecia muito pouco, era muito do centro, era na cidade, no centro. E a gente queria descentralizar, então vários e inúmeros projetos surgiram a partir daí, ou nessa perspectiva. Um deles era o Naquela Mesa, em que a gente contactava um bar da periferia, mas eram bairros bem periféricos, e aí a gente estabelecia com ele que naquele dia ele ia servir um cardápio especial, ele ia servir coisas que ele tinha, vamos dizer, que eram mais fortes da casa, a gente instalava um palco, a gente pagava, a gente instalava o som e toda a infraestrutura, e nós fazíamos um trabalho de levantamento dos valores do bairro, vamos dizer, das pessoas que dançavam, que declamavam, que tinham poema, que cantavam, para poder se apresentar ali. Então isso aconteceu. Vários bairros da cidade. E uma das últimas edições que fizemos foi o encontro de todos esses bares num lugar só, sabe? E foi encantador, muito legal. Então, era descentralização. O Festival de Dança, por exemplo, acontecia no Praia Clube, acontecia, mas ele era descentralizado nos bairros de tal modo que o Cisne Negro, por exemplo, foi dançado no Canaã. Então, assim, era... O palco da dança, ele ficava esparramado por bairros da periferia da cidade mesmo, fazendo com que todo mundo, de certa forma, participasse do festival. Sabe-se que nem todos têm condição de entrar no Praia, de participar e tudo mais. Então, era exatamente para atingir essas... E tínhamos também o Cine para Todos, era o Cinema para Todos, que acontecia na periferia, também na zona rural, nos distritos. A gente levava filmes do cinema nacional para exibir nesses lugares. Então, eram escolas, quadras, as pessoas levavam banco, cadeira, enfim, faziam uma festa para todos. Tinha a feira de troca nos bairros também, que era bem legal. É interessante porque isso promovia um encontro entre as pessoas, inclusive um relacionamento entre as pessoas, porque a vida é tão corrida, você não conhece seus vizinhos, você não se relaciona com as pessoas do seu bairro, da sua localidade. A feira de trocas tinha essa perspectiva. E era tudo, era fogão, era geladeira, as pessoas botavam tudo na rua, e a gente também entrava com som, entrava com palco, sabe? E era bem interessante. E também a política de valorização dos artistas locais, em todos os projetos que a gente tinha. Por exemplo, a feira gastronômica que nós criamos lá no Mercado Municipal, ali a gente sabia como é uma feira gastronômica. Não cabia, por exemplo, fazer um show de rock, mas música instrumental. Então, valorizar o artista instrumental, aquele que é só o violão, enfim. Então, tudo pago e tal. Tinha o Fim de Tarde na Oficina Cultural, toda sexta-feira, toda sexta-feira, fim de tarde. E outras centenas de projetos que eu não estou lembrando.

Apesar das dificuldades políticas, Lídia Meirelles celebrou a promulgação da lei do PMIC em 2002 e a realização do primeiro edital em 2003, pouco antes da saída do PT do governo Zaire em dezembro de 2003. A ex-secretária ressalta que o programa foi estruturado para ser mais eficaz que as leis anteriores revogadas pelo PMIC, que não tinham uma

estrutura clara de financiamento. Para ela, o PMIC se tornou um marco para a cultura de Uberlândia, "incentivando a produção cultural do município, através dos editais que ocorrem anualmente". Os demais projetos institucionais descritos pela entrevistada, com exceção do Festival de Dança do Triângulo, foram descontinuados.

2.9 Mecanismos de Financiamento à Cultura em Uberlândia

No município, Couto (2020) nos traz um histórico importante implementado pela segunda gestão da SMCT (1989 a 1993). Nesta gestão da SMCT, se institui leis importantes para a área: a lei n.º 5218, de 09 de abril de 1991, a lei 5459, de 17 de janeiro de 1992, e a lei 5693, de 25 de novembro de 1992. A primeira instituiu o Fundo de Assistência à Cultura, a segunda dispõe sobre incentivo Fiscal para a realização de projetos culturais e a terceira fixava o valor a ser utilizado como incentivo fiscal previsto na segunda lei. Couto (2020) salienta que esses dispositivos não previam a distribuição dos recursos via chamada pública de Editais. Essas leis foram revogadas pela lei n.º 8332, publicada no dia 11 de junho de 2003: o Programa Municipal de Incentivo à Cultura.

O autor explora, em sua dissertação, o PMIC como um estudo de caso de política pública cultural, abordando sua formulação, implementação e desenvolvimento ao longo de quinze anos. O autor destaca que, apesar de ser um programa municipal, o PMIC é influenciado por desafios históricos das políticas culturais brasileiras, como o caráter tardio, as leis de incentivo fiscal e a criação de mecanismos de participação popular nos governos do PT. O estudo também detalha os "ciclos de vida" do PMIC, dividindo-os em: Primeiro Ciclo (Início do PMIC - 2003/2004) - caracterizado pela formulação e implementação, com a lei nº 8.332/2003 que instituiu o programa e seus dois mecanismos de financiamento: o Fundo Municipal de Cultura (FMC) e o Incentivo Fiscal (IF). Nesse período, o FMC teve maior êxito. Segundo Ciclo (Consolidação - 2005-2012): marcado pela consolidação do PMIC, com crescimento financeiro dos dois mecanismos de incentivo. Houve uma modificação nas áreas artístico-culturais e a independência entre o FMC e o IF. Terceiro Ciclo (Fortalecimento do Conselho Municipal de Política Cultural - 2013-2016): caracterizado pelo fortalecimento do Conselho Municipal de Política Cultural (CMPC) nas deliberações do PMIC, com a Lei nº 12.182/2015 que ampliou as atribuições do Conselho. A dissertação conclui que o PMIC, embora tenha avanços como o respaldo na Constituição de 1988 e a participação social, enfrenta desafios como a influência neoliberal do mecanismo de Incentivo Fiscal, que

terceiriza a captação de recursos. O trabalho busca contribuir cientificamente para o aperfeiçoamento da gestão da política pública cultural em Uberlândia.

O que dá para afirmar no momento é que o Programa Municipal de Incentivo à Cultura de Uberlândia foi instituído em um dos contextos históricos de mais estabilidade da Cultura nacional. Mas, nas pesquisas no Arquivo Público da cidade, não foi possível encontrar, de forma sistematizada, se as leis anteriores ao PMIC que foram revogadas, chegaram na sociedade civil e na classe artística. Quais são e quantos projetos culturais as leis n.º 5218/1991 e 5459/1992 subsidiaram? Não sabemos.

Segundo as Leis Orçamentárias Anuais - LOA[21], de 2010 a 2025, é possível verificar um aumento significativo da previsão dos recursos para o ano seguinte da Prefeitura Municipal, como exemplificado no gráfico abaixo:

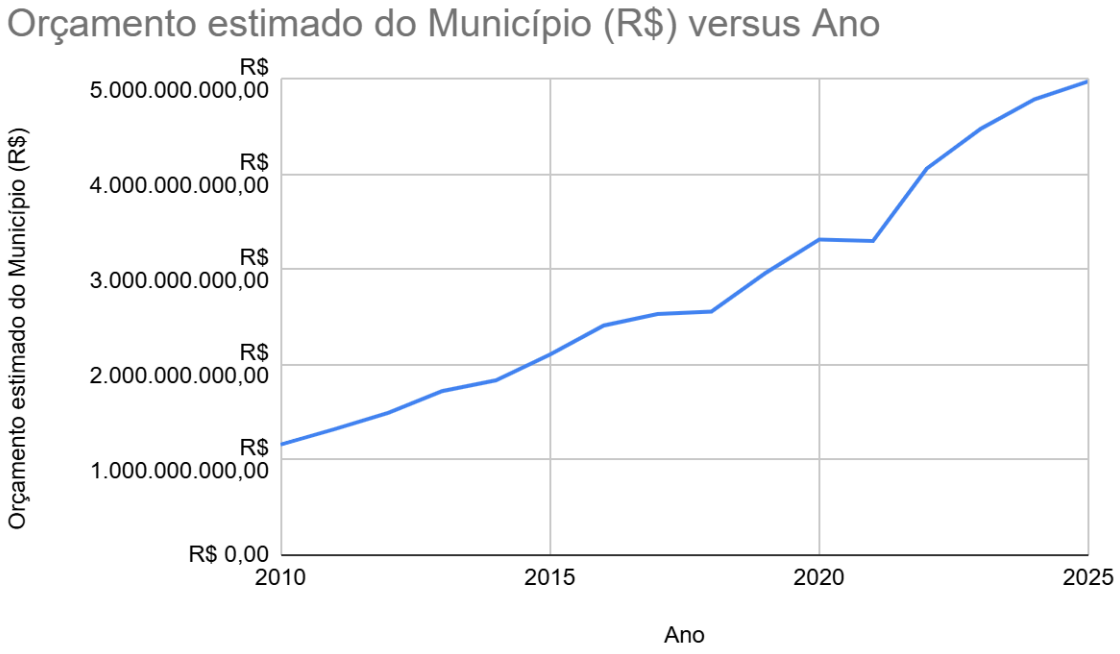


Gráfico 2. Orçamento estimado do Município em relação ao ano, conforme as Leis Orçamentárias Anuais do Município de Uberlândia. Fonte: Arquivo Público. Gráfico feito pela autora.

No mesmo período, os recursos direcionados à Secretaria Municipal de Cultura - destinados para pagamento de pessoal, realização de programas institucionais, compra de

[21] A Lei Orçamentária Anual - LOA é um instrumento que estima as receitas e fixa as despesas que o governo pretende realizar em um determinado ano. Basicamente, ela detalha como o governo pretende arrecadar e gastar o dinheiro público no próximo ano. Outro instrumento legal importante que vale destacar por estabelecer as metas, diretrizes e prioridades que o governo terá ao construir a LOA, é a Lei de Diretrizes Orçamentárias - LDO. Cada ente federativo tem sua dinâmica de pauta, mas, geralmente, a LDO é discutida no primeiro ou segundo trimestre e a LOA no último trimestre do ano.

suprimentos e as demais demandas da pasta - tiveram pequenas variações, como pode ser analisado no gráfico 2.

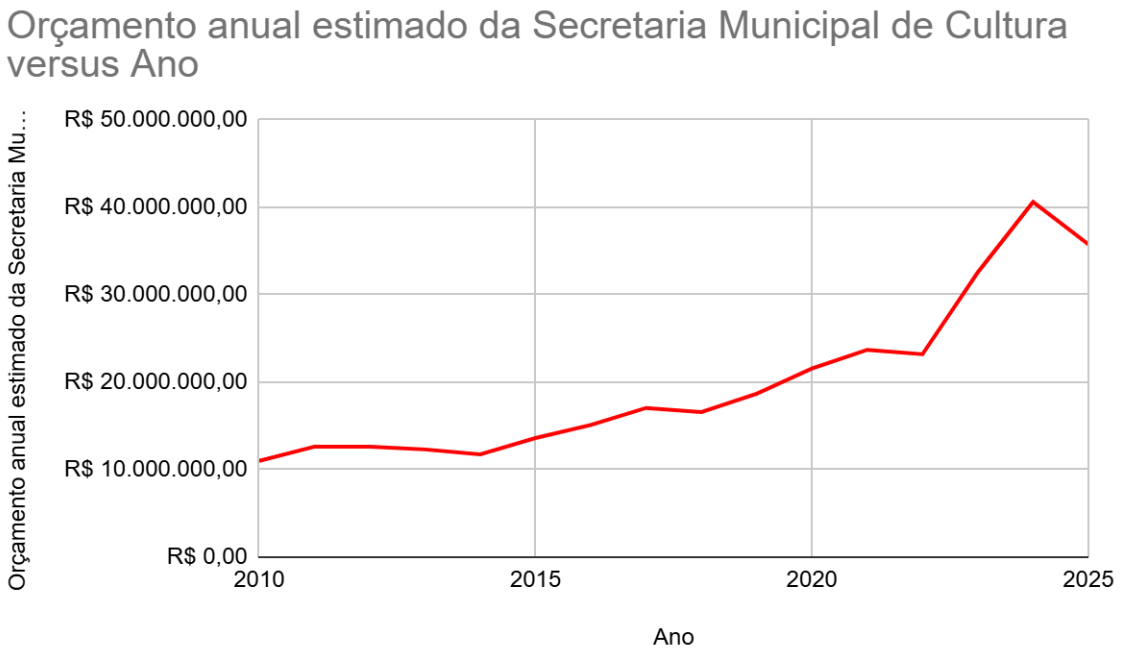


Gráfico 3. Orçamento estimado da Secretaria Municipal de Cultura em relação ao ano, conforme as Leis Orçamentárias Anuais do Município de Uberlândia. Fonte: Arquivo Público. Gráfico feito pela autora.

Importante frisar que, em dezembro de 2021, a Secretaria Municipal de Cultura passa a abrigar também a pasta do Turismo. Porém, os recursos orçamentários da pasta sofrem um aumento equivalente a 0,07%, saindo de 0,65% para 0,72% do orçamento estimado para a SMCT, e perdendo 0,15% do orçamento estimado para a SMCT em 2022 proporcionando que o trabalho nas duas pastas acabe produzindo uma precarização dos prestadores de serviços, por exemplo. O gráfico a seguir mostra a discrepância do orçamento estimado para o município e o previsto para a Secretaria Municipal de Cultura.

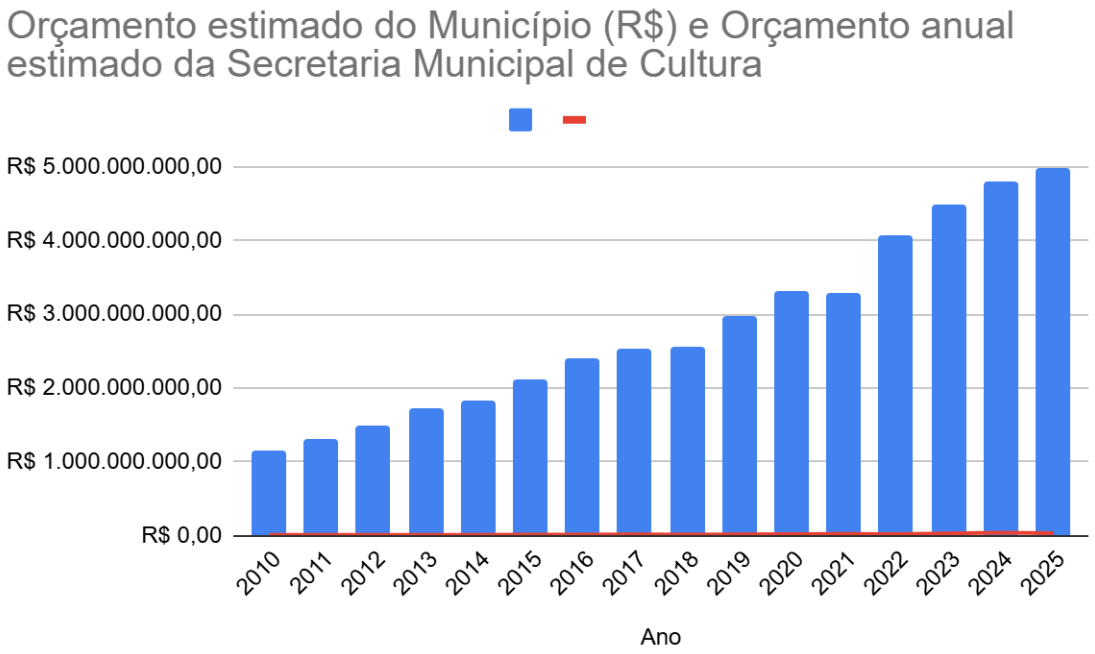
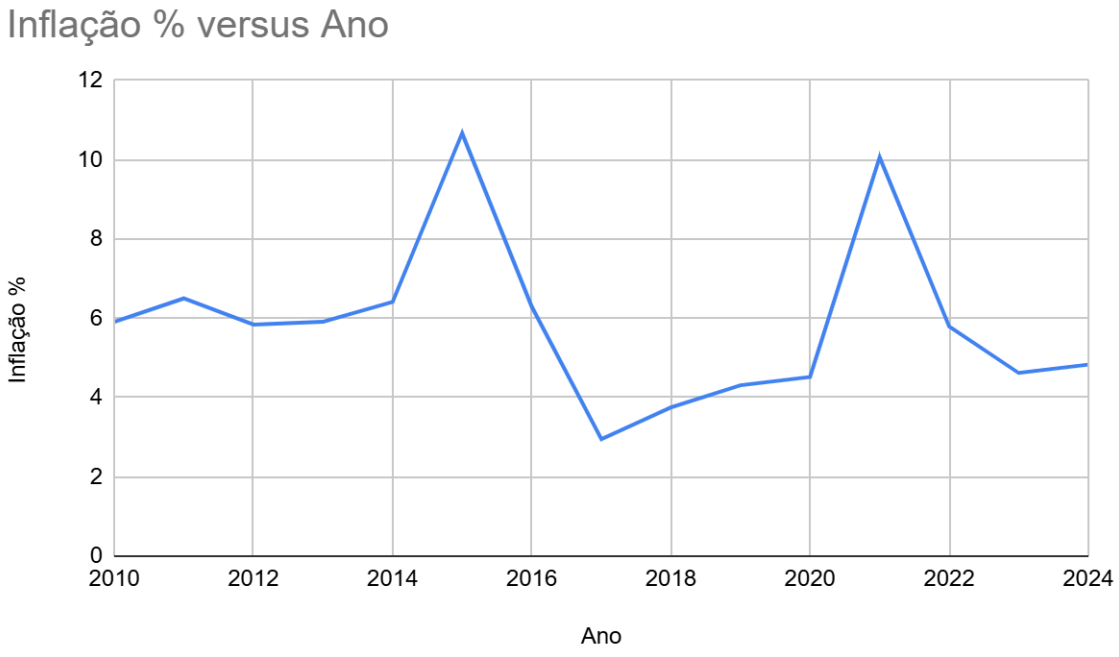


Gráfico 4. Orçamento estimado do Município (azul) em comparação com o estimado para a SMCT (vermelho), conforme as Leis Orçamentárias Anuais do Município de Uberlândia. Fonte: Arquivo Público. Gráfico feito pela autora.

De acordo com dados do Banco Central do Brasil[22], a variação da inflação efetiva brasileira apresentou a seguinte movimentação:



[22] Disponível em: https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/historias. Acessado no dia 01/07/2025.

Gráfico 5. Inflação efetiva (Variação do IPCA, %) em relação ao ano, conforme o Banco Central do Brasil. Gráfico feito pela autora.

O gráfico nos mostra que o Brasil viveu oscilações inflacionárias significativas, chegando a picos acima do teto de metas estabelecido pelo Banco Central, o que reflete diretamente no cotidiano de diversos segmentos da sociedade, por exemplo, os prestadores de serviço. Essa instabilidade econômica implicou a necessidade de reajustes constantes para evitar a corrosão do poder de compra e a redução das margens de lucro, principalmente para profissionais sem contratos indexados ao IPCA. Em momentos de inflação mais controlada, como entre 2017 e 2019, houve maior previsibilidade para planejamento e investimentos, mas os períodos de alta — como 2015 e o pós-pandemia — evidenciaram o risco que a inflação representa para a sustentabilidade financeira dos serviços. Na prática, o aumento generalizado dos custos operacionais, da energia aos insumos básicos, impacta diretamente o preço final cobrado, e a ausência de políticas ou práticas de correção monetária periódica faz com que, ao longo dos anos, muitos prestadores acabem recebendo valores que não refletem mais o real valor de seu trabalho, prejudicando tanto sua manutenção quanto sua capacidade de expansão e inovação. Todos esses impactos acometem a Cultura também. Entretanto, as Leis de Diretrizes Orçamentárias produzidas pela Câmara de Vereadores do município, não se atentam à Cultura como área estratégica para o desenvolvimento humano, social e econômico da cidade, o que resulta numa manutenção de sua marginalização orçamentária. Essa ausência de compreensão do trabalho desenvolvido pela pasta compromete a continuidade de ações de fomento, formação, valorização da diversidade cultural e democratização do acesso.

2.10 Considerações

A análise revela uma cidade marcada por contrastes: por um lado, um discurso oficial que enfatiza o desenvolvimento econômico e a qualidade de vida; por outro, desigualdades sociais e culturais persistentes. As políticas culturais municipais refletem essas contradições, oscilando entre períodos de maior democratização e participação social e momentos de retorno a uma visão mais tradicional e elitista da cultura. A institucionalização das políticas culturais em Uberlândia, embora tenha avançado com a criação do PMIC, ainda enfrenta desafios como a descontinuidade administrativa e a dependência da vontade política dos gestores. Esta contextualização histórica e política é fundamental para compreender as condições em que se desenvolveu o Projeto Circo. A análise apresentada revela uma trajetória marcada por momentos de inovação e pioneirismo, como a participação social na redemocratização, mas também por descontinuidades e dependência da vontade política dos

gestores. A institucionalização das políticas culturais em Uberlândia, embora tenha avançado com a criação de leis e mecanismos de financiamento, ainda enfrenta desafios como a falta de estrutura legal que garanta a continuidade de projetos bem-sucedidos, como o Projeto Circo.

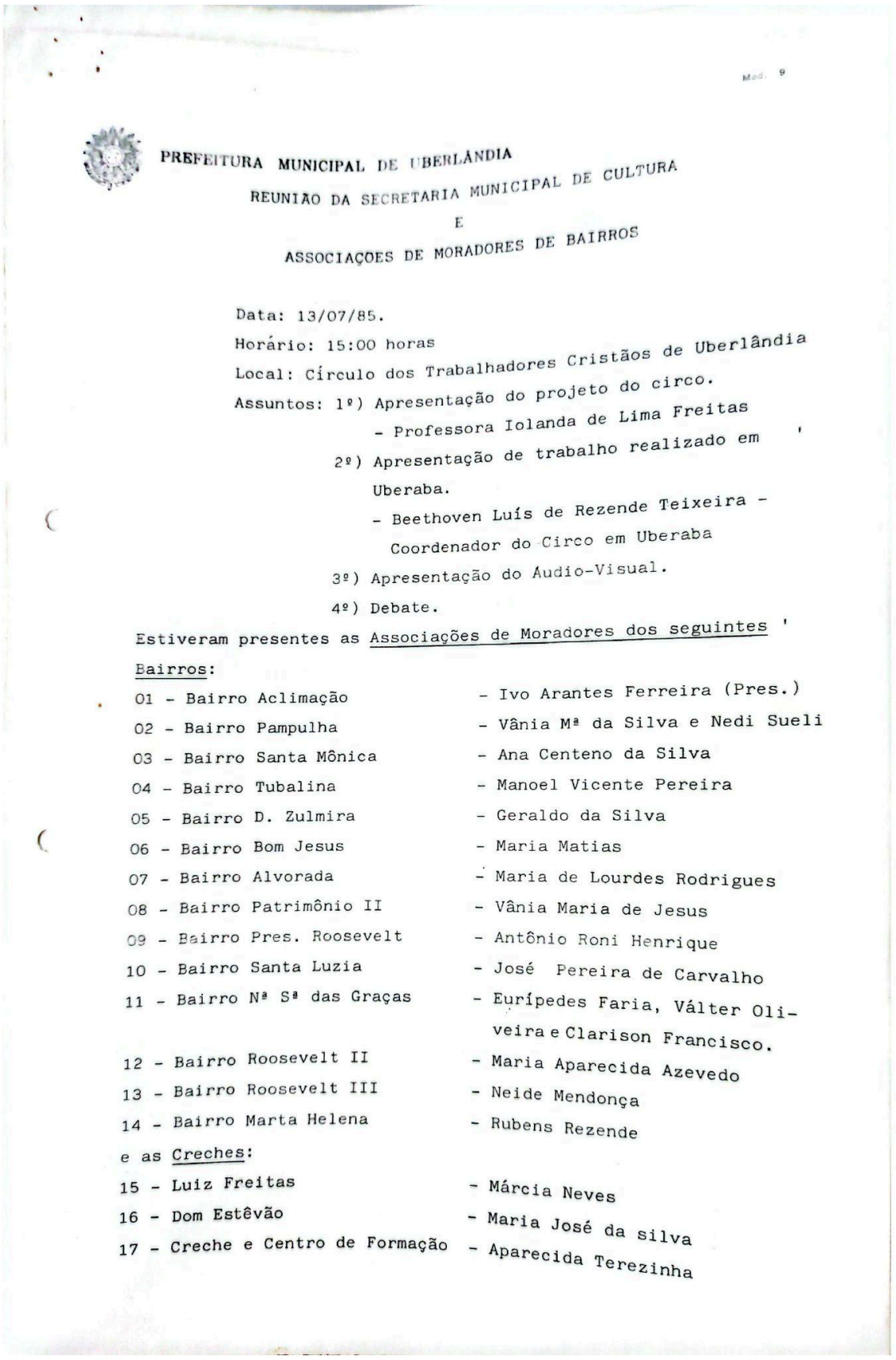
Capítulo 3 - Estudo do Projeto Circo (1986 – meados dos anos 2000)

O Projeto Circo – Centro Cultural Itinerante – foi uma ação promovida pela Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia, iniciada em 1986, e que se estendeu até meados dos anos 2000. Sua proposta era descentralizar o acesso à cultura, levando espetáculos, oficinas e atividades formativas a bairros periféricos da cidade. Um dos documentos analisados foi a transcrição da reunião de avaliação da passagem do Projeto Circo no bairro Alvorada, incluída como Anexo a esta pesquisa. Nele a então secretária de cultura Iolanda de Lima (1982/ 1989) conta

> Quando eu assumi a Secretaria, eu fiquei sabendo que em Uberaba tinha um circo; que esse circo era um espaço cultural. Então, acho que na primeira semana eu fui a Uberaba, ver o circo de lá. Fui, perguntei, especulei bastante, achei que o negócio funcionava e voltei. Voltei e conversei com os funcionários mas, eu não consegui passar para os funcionários o mesmo entusiasmo, o mesmo interesse que eu tive. Então, foi preciso assim… Deixar amadurecer a ideia e aí eles foram algumas vezes, pra depois eles começarem a pensar que o negócio era interessante. Até que resolveram a fazer o projeto: Projeto Circo. Pra fazer esse projeto alguns funcionários viajaram, foram a Curitiba, Belo Horizonte, São Paulo… são cidades que tem o mesmo projeto e que funciona bem. Que há outras que tem mas, que a gente tem notícia que não funciona tão bem ou, pelo menos, naqueles moldes que a gente achava que seria o mais interessante. Um processo mais democrático, mais aberto, mais participativo por parte da comunidade, né? E também, as idas à Uberaba aumentaram. Ai, de vez em quando, alguém queria ir a Uberaba para ver como é que estava o projeto, foi… agora como é que passamos para a comunidade. Nós fizemos uma primeira reunião na Secretaria (...) onde nós convidamos os presidentes das associações, compareceram uns dez, mais ou menos. A gente então falou da… assim, da filosofia de trabalho da Secretaria e convidamos para anunciar um projeto que a gente tinha em mente mas, para anunciar nós gostaríamos que os presidentes convidassem as diretorias. E marcamos o dia e convidamos o responsável pelo circo em Uberaba, para ele vir mostrar uns slides do circo em Uberaba. Pra ver se o pessoal achava que valia a pena o circo. Assim fizemos e o pessoal achou que valia a pena. Então começaram as discussões. Pra onde que vai o circo, né? Um Sr. Ivo, do Aclimação, achava que o circo devia ir pra lá porque era o bairro mais pobre. Mas, o outro já achava que o seu bairro era o mais pobre. Outro achava que ele tinha mais gente. Então ficou aquele impasse. Pra onde vai? Nós resolvemos então que as associações é que iam decidir o processo de escolha. E as

> associações reunidas… várias reuniões foram feitas, né?... reunidas decidiram que seria por sorteio. Então o sorteio para o primeiro caiu no Santa Mônica. Caiu no Santa Mônica e a equipe que trabalhou no projeto, que ficou encarregada então de desenvolver o projeto, foi para o bairro e lá ficou bastante tempo. Ficou inclusive mais tempo do que aqui, não por preferência, é porque a firma que fez o circo não cumpriu o trato. Então ficou demorando toda vida; a comunidade começou a duvidar que aquilo não existia nada, né? E o pessoal tinha que manter a chama acesa. Então, tinha reunião semanal, lá no Santa Mônica, até o circo chegar. O circo chegou, ficou os 3 meses; e quando ele chegou a comunidade estava realmente preparada para receber, já sabíamos todos os cursos que queriam, tudo estava, né?... lá, a preparação funcionou um pouco diferente daqui. Teve, vamos dizer assim, o auxílio de vários elementos, de várias entidades. O Santa Mônica é um bairro mesmo diferente, é muito populoso, e tudo. Aqui as suas características peculiares. Então, tudo bem. Viemos para cá por um sorteio (...) era pra ir para o Tocantins e o Tocantins não tinha condição (como não tem até hoje), negociamos com eles que o dia que ele tiverem condições, a gente vai pra lá. Então, chegamos aqui. (...) o que eu gostaria de colocar é porque que a gente pensou em um circo… né, por que não noutro espaço? (...) Primeiro, porque é um espaço bastante simpatico, né? Sempre que se fala de circo a gente pensa em alegria, pensa em criança, né, pensa em palhaço… e a gente acrescentou algo mais, acrescentou aquilo que a gente pensa que deve ser um trabalho de cultura com as comunidades, com a cidade de um modo geral. Bom nós gostariamos que esse espaço que está aqui hoje, né, com tudo isso aí que vocês estão vendo (...) eu gostaria que isso tivesse em cada bairro. Mas, infelizmente, como isso custa dinheiro, e custa muito dinheiro, a gente não tem condição de ter um em cada bairro. Então, nós decidimos por esse espaço, pra ele permanecer 3 meses num bairro, para que ele pudesse durante esses 3 meses, veja bem, descobrir valores do bairro; pudesse permitir que a comunidade daquele bairro, durante aqueles 3 meses, desfrutasse de todo esse equipamento que falei.

A fala da secretária Iolanda de Lima revela a complexidade e o empenho por trás da idealização e concretização do Projeto Circo, evidenciando a busca por um modelo cultural acessível e participativo. A ideia inicial surge de uma observação em Uberaba, onde um circo funcionava como espaço cultural. A partir dessa inspiração, a secretária dedicou-se a estudar e adaptar o conceito, envolvendo a equipe em visitas a outras cidades como Curitiba, Belo Horizonte e São Paulo para analisar diferentes formatos e identificar as melhores práticas. Esse período de pesquisa e amadurecimento foi crucial para moldar o projeto, buscando um modelo democrático, aberto e participativo que se adequasse à realidade local. O processo de engajamento comunitário foi minucioso, começando com reuniões com presidentes de associações de bairro e a apresentação do modelo de Uberaba para demonstrar o potencial do projeto. Sobre esta reunião, foi encontrado o seguinte documento que menciona as associações que tiveram presentes na reunião que aconteceu em julho de 1985.



Mod. 9

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

REUNIÃO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

E

ASSOCIAÇÕES DE MORADORES DE BAIRROS

Data: 13/07/85.

Horário: 15:00 horas

Local: Círculo dos Trabalhadores Cristãos de Uberlândia

Assuntos: 1º) Apresentação do projeto do circo.
- Professora Iolanda de Lima Freitas

2º) Apresentação de trabalho realizado em Uberaba.
- Beethoven Luís de Rezende Teixeira - Coordenador do Circo em Uberaba

3º) Apresentação do Audio-Visual.

4º) Debate.

Estiveram presentes as Associações de Moradores dos seguintes Bairros:

01 - Bairro Aclimação	- Ivo Arantes Ferreira (Pres.)
02 - Bairro Pampulha	- Vânia Mª da Silva e Nedi Sueli
03 - Bairro Santa Mônica	- Ana Centeno da Silva
04 - Bairro Tubalina	- Manoel Vicente Pereira
05 - Bairro D. Zulmira	- Geraldo da Silva
06 - Bairro Bom Jesus	- Maria Matias
07 - Bairro Alvorada	- Maria de Lourdes Rodrigues
08 - Bairro Patrimônio II	- Vânia Maria de Jesus
09 - Bairro Pres. Roosevelt	- Antônio Roni Henrique
10 - Bairro Santa Luzia	- José Pereira de Carvalho
11 - Bairro Nª Sª das Graças	- Eurípedes Faria, Válter Oliveira e Clarison Francisco.
12 - Bairro Roosevelt II	- Maria Aparecida Azevedo
13 - Bairro Roosevelt III	- Neide Mendonça
14 - Bairro Marta Helena	- Rubens Rezende

e as Creches:

15 - Luiz Freitas	- Márcia Neves
16 - Dom Estêvão	- Maria José da silva
17 - Creche e Centro de Formação	- Aparecida Terezinha

Fig.2. Reunião de Secretaria Municipal de Cultura e Associações de Moradores de Bairros. Fonte: Arquivo Público.

A escolha do local que receberia o circo exemplifica a importância da participação popular, para esta gestão, com as associações decidindo por sorteio a ordem dos bairros que seriam contemplados. Mesmo com os percalços, como o atraso na entrega da estrutura do circo, houve uma busca para manter o envolvimento constante da comunidade, por meio de reuniões semanais, que foram fundamentais para manter a "chama acesa" e garantir o preparo do bairro para receber o projeto. O formato do Projeto Circo, com sua permanência de três meses em cada bairro, nos mostra a busca por um impacto cultural profundo e abrangente. A escolha do circo como espaço cultural não foi aleatória. Iolanda de Lima ressalta a simbologia da alegria e da infância associada ao circo, que facilita a conexão com as comunidades. Isso demonstra um projeto que buscou ir além do entretenimento para catalisar o potencial cultural local e promover a interação social, mesmo diante dos desafios logísticos e financeiros.

A análise do Projeto Circo da SMCT se justifica por sua natureza multifacetada e o impacto que poderemos ver mais adiante; um impacto que transcende o entretenimento. Ao levar um espaço cultural dinâmico para os bairros, o projeto demonstra uma capacidade de formação, não só artística, mas de público para o trabalho artístico, expondo a comunidade, em especial crianças e jovens, a diversas manifestações culturais. Esse contato inicial e frequente é crucial para a sustentabilidade da carreira artística de grupos locais a médio e longo prazo, criando uma base de espectadores engajados, que valorizam a produção cultural. Além disso, a iniciativa ressalta a vitalidade da cultura na educação, saúde, lazer e até mesmo na segurança, ao proporcionar um ambiente de aprendizado, bem-estar e convívio social, que contribui indiretamente para a redução de vulnerabilidades e para o fortalecimento do tecido comunitário.

Um dos objetivos do projeto era que, ao fim da passagem do circo, fosse construído um centro cultural permanente no bairro – o que nunca se concretizou. O encerramento do projeto marca simbolicamente a fragilidade das políticas culturais locais. Este capítulo dialoga com os documentos analisados e prepara o terreno para o cruzamento com os depoimentos colhidos por meio das entrevistas.

Em pesquisa ao arquivo, foram encontradas poucas fotos referentes à finalização do projeto em 2011. Porém, não foram encontradas mais informações sobre o Projeto Circo que dessem substância para uma análise de 2002 a 2011. A funcionária aposentada da SMCT, Denise Vieira, que foi coordenadora do projeto de 1993 a 1997, dividiu conosco, em entrevista que está anexada neste trabalho, que ela saiu da coordenação do projeto por não concordar com como o Circo vinha sendo montado e que, infelizmente, em uma tempestade

de vento que aconteceu na cidade, o Circo caiu. Enfim, o Projeto Circo pode ser entendido como um caso que ilustra tanto as potencialidades quanto às fragilidades das políticas culturais municipais, especialmente no que se refere à democratização do acesso à cultura.

3.1 Contexto Político e Institucional

Politicamente falando, a cidade, desde sua criação, foi gerida por representantes da elite econômica. Wilma F. de Jesus (1999) apresenta um estudo sobre os principais perfis das candidaturas para prefeito nas eleições de 1982 a 2000 e ressalta que os 25 prefeitos que governaram a cidade entre 1888 e 1982 compartilhavam uma visão político-administrativa semelhante. Mesmo os dois últimos prefeitos desse período, Virgílio Galassi e Renato de Freitas – representantes de grupos conservadores distintos, mas alinhados em um mesmo projeto político –, alternavam-se no poder de 1967 a 1982 com ações voltadas para atrair grandes investidores, incentivar a instalação de grandes indústrias, favorecer a especulação imobiliária e realizar grandes obras. Contudo, essas iniciativas pouco ou quase nada contribuíram para a melhoria da qualidade de vida da população.

Em 1982, Uberlândia teve um momento de ruptura com o grupo político predominante ao eleger o médico Zaire Rezende (PMDB), que atuaria na gestão da cidade de 1983 a 1989. Seu plano de governo foi construído em 46 reuniões com a sociedade civil e, ao invés da grandiloquência exacerbada em busca de um progresso e modernidade sem tamanho, o foco do plano de governo e da gestão estava no cuidado com as pessoas. Foi uma gestão desafiadora que, nos anos finais, passou a enfrentar grandes dificuldades com a mudança da câmara, que recebeu uma maioria de vereadores da oposição. É nesta gestão que criou a Secretaria Municipal de Cultura em 1984.

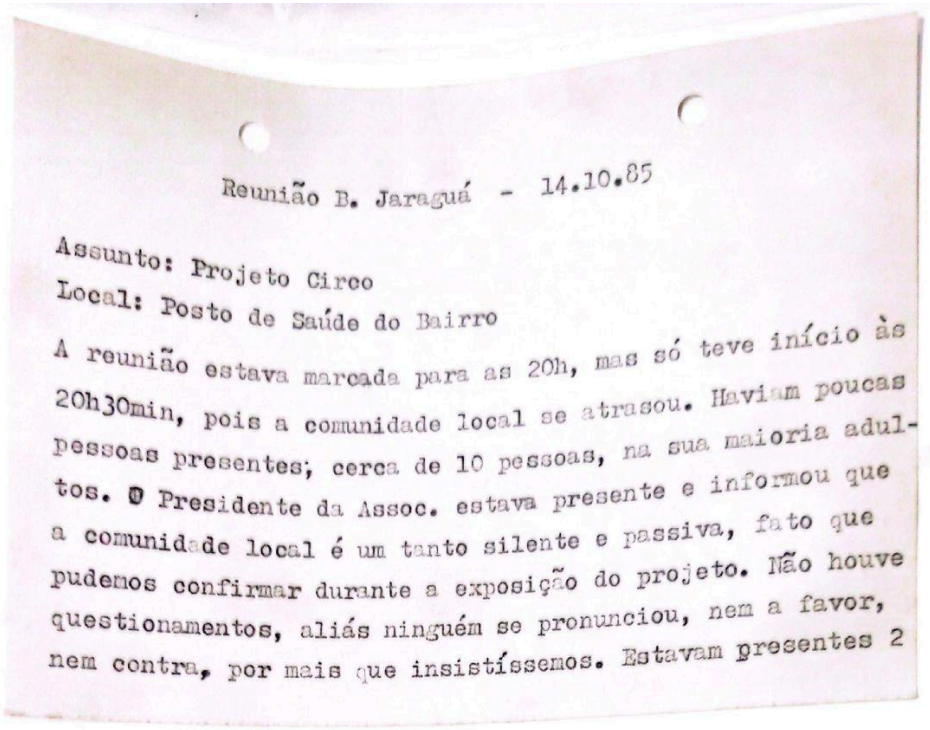
Aqui é fundamental destacar que a criação do projeto ocorreu em um momento de redemocratização do país e de inovação nas políticas públicas municipais, com ênfase na participação social e na descentralização das ações governamentais. Esta contextualização política ajuda a compreender os ânimos da sociedade e as condições que possibilitaram o surgimento de uma iniciativa como o Projeto Circo, bem como os desafios que enfrentou ao longo de sua existência, especialmente nas transições entre diferentes gestões municipais com concepções distintas de política cultural.

3.2 Metodologia e Funcionamento do Projeto

O Centro Cultural Itinerante - Projeto Circo foi um projeto criado pela Secretaria Municipal de Cultura e consistia em uma ação que aconteceria, prioritariamente, em bairros

periféricos da cidade de Uberlândia e a metodologia envolvia três fases: levantamento diagnóstico com a comunidade, implementação de ações com lona de circo e programação cultural, e avaliação dos impactos após a saída do projeto.

Em um primeiro momento, um grupo de pesquisadores ia ao bairro que receberia o projeto para conhecer as demandas do local. Um dos documentos analisados detalha várias reuniões realizadas em diferentes bairros de Uberlândia em 1985 para discutir o Projeto Circo:

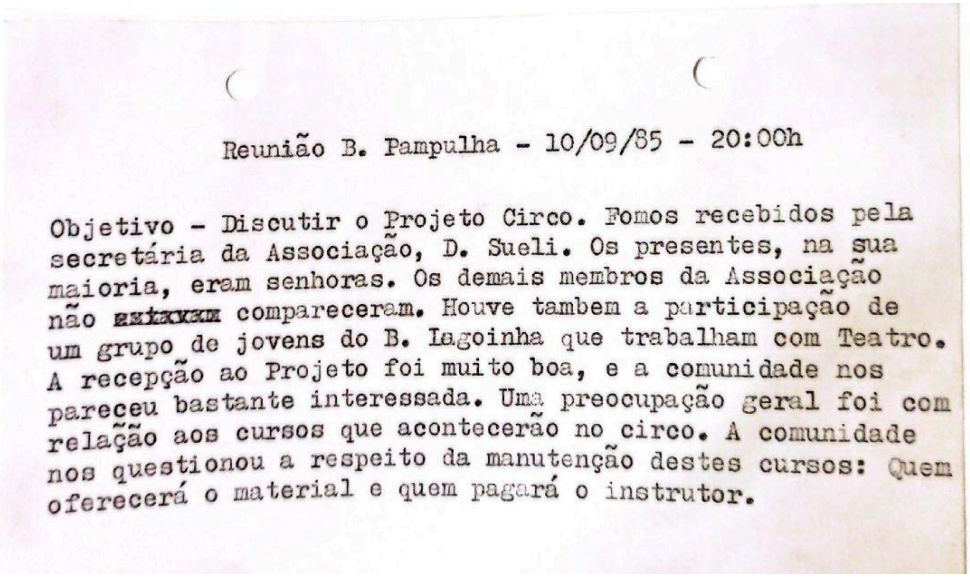


Reunião B. Jaraguá - 14.10.85

Assunto: Projeto Circo
Local: Posto de Saúde do Bairro

A reunião estava marcada para as 20h, mas só teve início às 20h30min, pois a comunidade local se atrasou. Haviam poucas pessoas presentes; cerca de 10 pessoas, na sua maioria adultos. O Presidente da Assoc. estava presente e informou que a comunidade local é um tanto silente e passiva, fato que pudemos confirmar durante a exposição do projeto. Não houve questionamentos, aliás ninguém se pronunciou, nem a favor, nem contra, por mais que insistíssemos. Estavam presentes 2

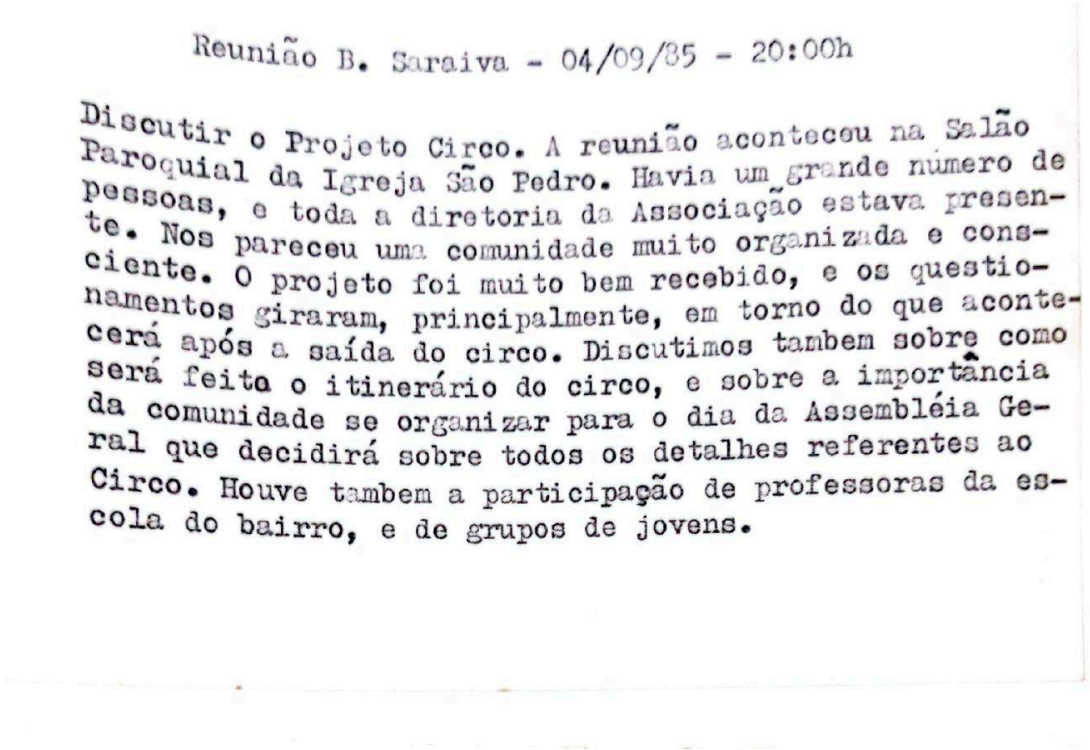
Fig. 3. Ata de reunião sobre o Projeto Circo no Bairro Jaraguá. Fonte: Arquivo Público de Uberlândia.



Reunião B. Pampulha - 10/09/85 - 20:00h

Objetivo - Discutir o Projeto Circo. Fomos recebidos pela secretária da Associação, D. Sueli. Os presentes, na sua maioria, eram senhoras. Os demais membros da Associação não ~~xxxxxx~~ compareceram. Houve tambem a participação de um grupo de jovens do B. Lagoinha que trabalham com Teatro. A recepção ao Projeto foi muito boa, e a comunidade nos pareceu bastante interessada. Uma preocupação geral foi com relação aos cursos que acontecerão no circo. A comunidade nos questionou a respeito da manutenção destes cursos: Quem oferecerá o material e quem pagará o instrutor.

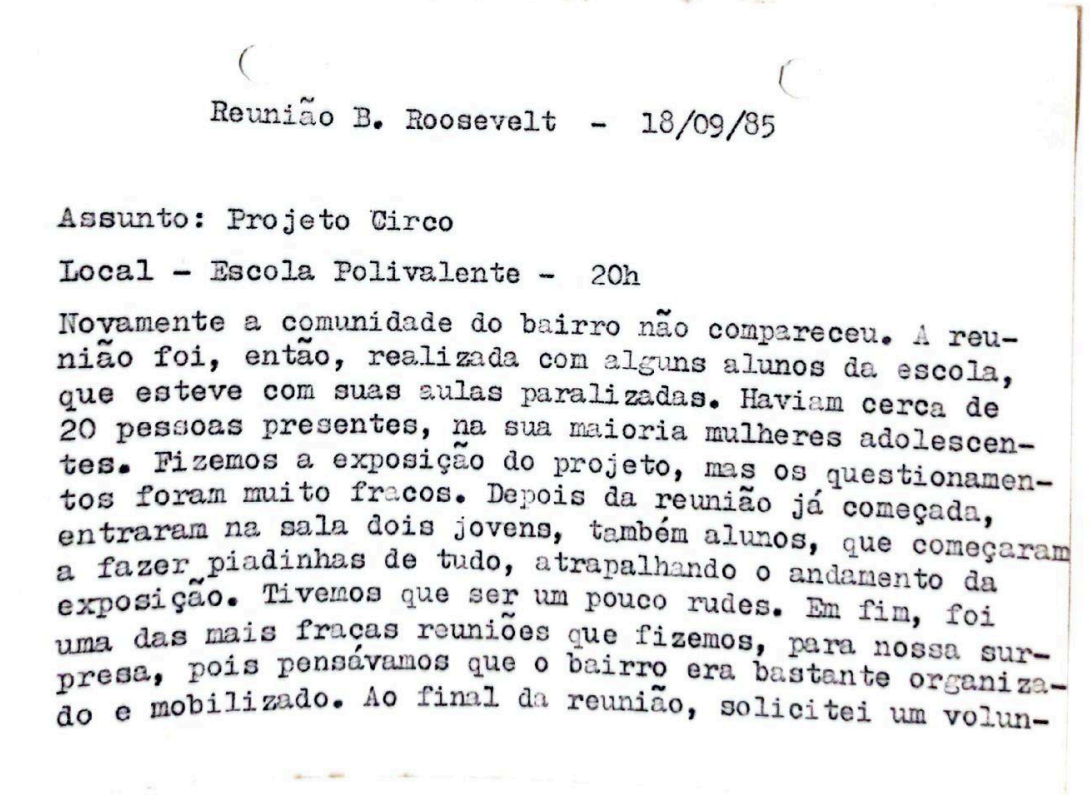
Fig. 4. Ata de reunião sobre o Projeto Circo no Bairro Pampulha. Fonte: Arquivo Público de Uberlândia.



Reunião B. Saraiva - 04/09/85 - 20:00h

Discutir o Projeto Circo. A reunião aconteceu na Salão Paroquial da Igreja São Pedro. Havia um grande número de pessoas, e toda a diretoria da Associação estava presente. Nos pareceu uma comunidade muito organizada e consciente. O projeto foi muito bem recebido, e os questionamentos giraram, principalmente, em torno do que acontecerá após a saída do circo. Discutimos tambem sobre como será feita o itinerário do circo, e sobre a importância da comunidade se organizar para o dia da Assembléia Geral que decidirá sobre todos os detalhes referentes ao Circo. Houve tambem a participação de professoras da escola do bairro, e de grupos de jovens.

Fig. 5. Ata de reunião sobre o Projeto Circo no Bairro Saraiva. Fonte: Arquivo Público de Uberlândia.



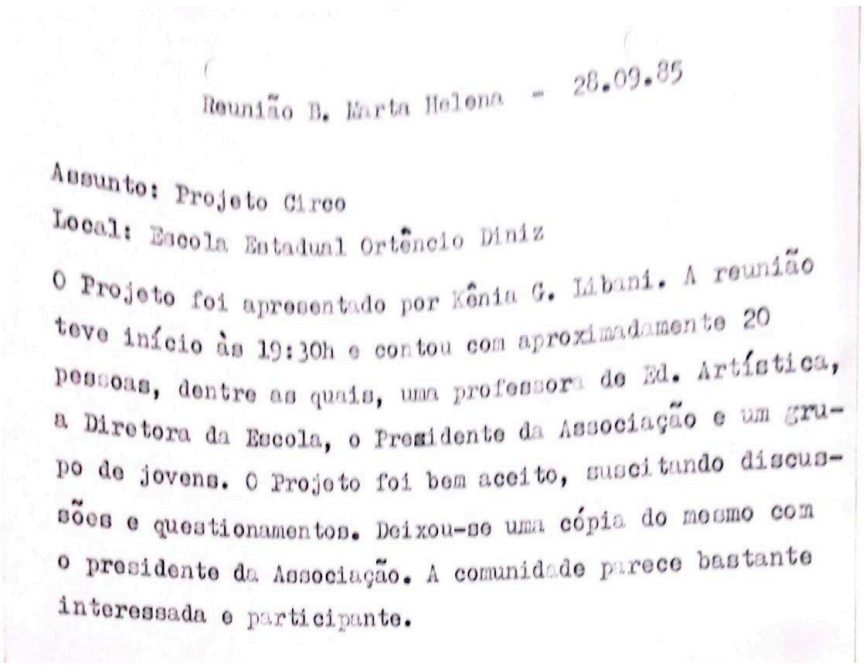
Reunião B. Roosevelt - 18/09/85

Assunto: Projeto Circo

Local - Escola Polivalente - 20h

Novamente a comunidade do bairro não compareceu. A reunião foi, então, realizada com alguns alunos da escola, que esteve com suas aulas paralizadas. Haviam cerca de 20 pessoas presentes, na sua maioria mulheres adolescentes. Fizemos a exposição do projeto, mas os questionamentos foram muito fracos. Depois da reunião já começada, entraram na sala dois jovens, também alunos, que começaram a fazer piadinhas de tudo, atrapalhando o andamento da exposição. Tivemos que ser um pouco rudes. Em fim, foi uma das mais fraças reuniões que fizemos, para nossa surpresa, pois pensávamos que o bairro era bastante organizado e mobilizado. Ao final da reunião, solicitei um volun-

Fig. 6. Parte da ata de reunião sobre o Projeto Circo no Bairro Roosevelt. Fonte: Arquivo Público de Uberlândia.

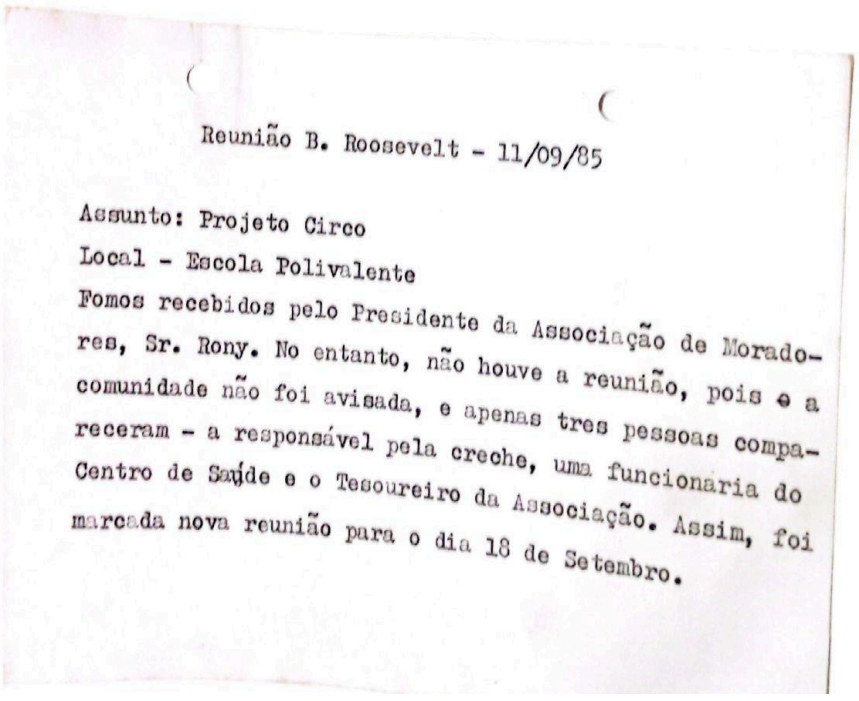


Reunião B. Marta Helena - 28.09.85

Assunto: Projeto Circo
Local: Escola Estadual Ortêncio Diniz

O Projeto foi apresentado por Kênia G. Libani. A reunião teve início às 19:30h e contou com aproximadamente 20 pessoas, dentre as quais, uma professora de Ed. Artística, a Diretora da Escola, o Presidente da Associação e um grupo de jovens. O Projeto foi bem aceito, suscitando discussões e questionamentos. Deixou-se uma cópia do mesmo com o presidente da Associação. A comunidade parece bastante interessada e participante.

Fig. 7. Ata de reunião sobre o Projeto Circo no Bairro Marta Helena. Fonte: Arquivo Público de Uberlândia.



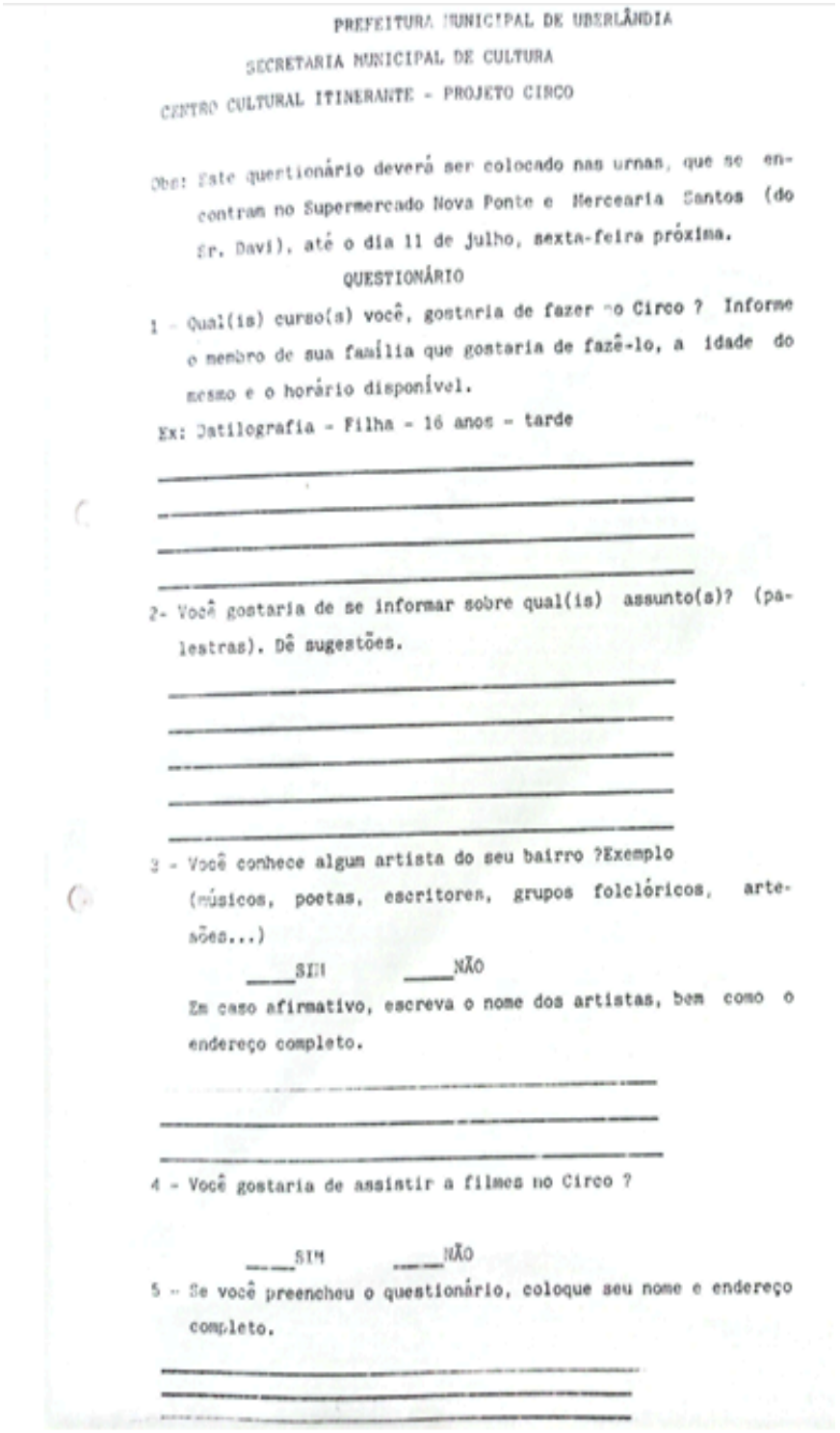
Reunião B. Roosevelt - 11/09/85

Assunto: Projeto Circo
Local - Escola Polivalente
Fomos recebidos pelo Presidente da Associação de Moradores, Sr. Rony. No entanto, não houve a reunião, pois a comunidade não foi avisada, e apenas tres pessoas compareceram - a responsável pela creche, uma funcionária do Centro de Saúde e o Tesoureiro da Associação. Assim, foi marcada nova reunião para o dia 18 de Setembro.

Fig. 8. Ata de reunião sobre o Projeto Circo no Bairro Roosevelt. Fonte: Arquivo Público de Uberlândia.

Como pudemos perceber nestes documentos, a secretaria se esforçou nesse primeiro momento para que houvesse um engajamento da sociedade civil. A Associação de Moradores do bairro era notificada por meio de um ofício que avisava sobre as reuniões e havia uma

distribuição de um questionário simples com questões abertas para que cada um respondesse (fig. 9):



PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

CENTRO CULTURAL ITINERANTE - PROJETO CIRCO

Obs: Este questionário deverá ser colocado nas urnas, que se encontram no Supermercado Nova Ponte e Mercearia Santos (do Sr. Davi), até o dia 11 de julho, sexta-feira próxima.

QUESTIONÁRIO

1 - Qual(is) curso(s) você, gostaria de fazer no Circo ? Informe o membro de sua família que gostaria de fazê-lo, a idade do mesmo e o horário disponível.

Ex: Datilografia - Filha - 16 anos - tarde

2- Você gostaria de se informar sobre qual(is) assunto(s)? (palestras). Dê sugestões.

3 - Você conhece algum artista do seu bairro ?Exemplo (músicos, poetas, escritores, grupos folclóricos, artesões...)

____SIM ____NÃO

Em caso afirmativo, escreva o nome dos artistas, bem como o endereço completo.

4 - Você gostaria de assistir a filmes no Circo ?

____SIM ____NÃO

5 - Se você preencheu o questionário, coloque seu nome e endereço completo.

Fig. 9. Questionário aplicado. Fonte: Arquivo Público de Uberlândia.

No segundo momento, se dava a instalação da lona que ficaria naquele bairro por 3 meses, com diversas atrações musicais, peças teatrais, espetáculos de dança, oficinas dentre outras ações, como podemos ver na figura a seguir.



Fig. 10. Programação mensal do mês de setembro de 1986, quando o Circo estava no Bairro Alvorada. Fonte: Arquivo Público de Uberlândia.

No terceiro momento, a equipe do Projeto Circo marcava uma reunião geral junto à Associação de Moradores do bairro para coletar os impactos que o projeto levou para a população.

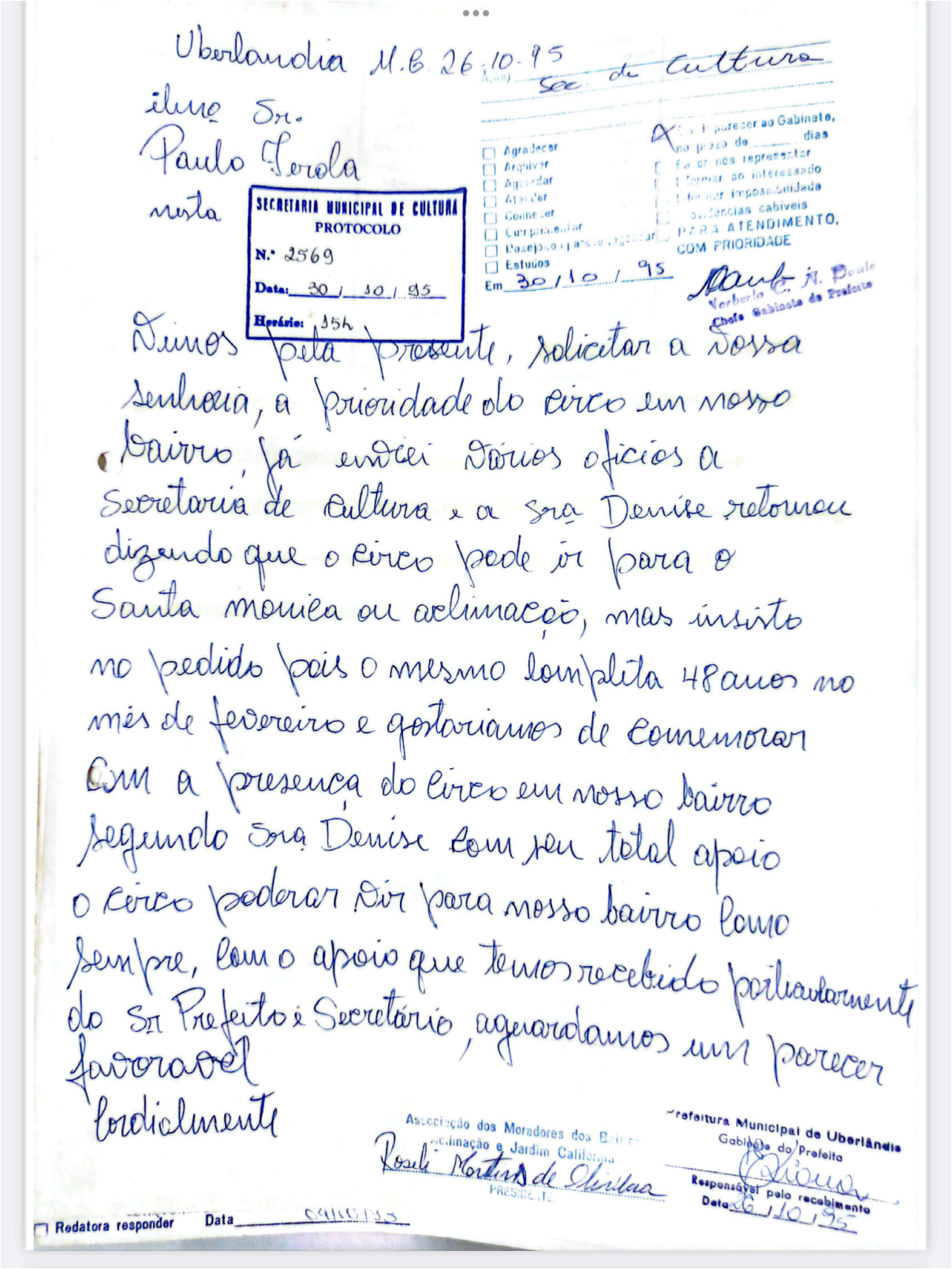
Recentemente foi gravado um documentário chamado *A Arte que Resiste em Nós* (2024)[23], em que o professor e poeta doutor Jeremias Brasileiro nos lembra que o intuito do Projeto Circo era, ao sair do bairro, que começasse a construção de um centro cultural no mesmo. A ação de construção de centros culturais nunca aconteceu e caiu no esquecimento tanto da classe artística local quanto da classe política.

3.3 Desafios e Limitações

Algumas atas relatam os comportamentos do público, soluções para problemas, dilemas como "rixas" entre moradores do bairro, esvaziamentos, dias de casa lotada. Na transcrição da reunião de avaliação do projeto no bairro Alvorada, um dos moradores que pede fala, conta que, em um primeiro momento, ele foi ao circo com a intenção de vaiar o desfile que aconteceria. E que ao chegar e ver o nervosismo das modelos, ele desiste da vaia e aplaude. Ele conta isso com a intenção de defender a permanência do circo. A adesão pelo

[23] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jFSj9tx_Qac. Acesso em 11 de dezembro de 2024.

projeto era tão grande que algumas associações de bairro encaminharam para o governo solicitações para que seu bairro fosse o próximo a receber o Circo.



Uberlandia M.G. 26.10.95

Sec. de Cultura

Ilmo Sr.
Paulo Ferolla
nesta

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
PROTOCOLO
N.º 2569
Data: 30 / 10 / 95
Horário: 15h

Agradecer
Arquivar
Agendar
Atender
Conhecer
Providenciar
Estudos
Em 30/10/95

Dar parecer ao Gabinete, no prazo de ____ dias
Fazer-nos representar
Informar ao interessado
Informar impossibilidade
Providências cabíveis
PARA ATENDIMENTO, COM PRIORIDADE

Norberto C. M. Paulo
Chefe Cabinete do Prefeito

Venho pela presente, solicitar a Vossa Senhoria, a prioridade do Circo em nosso bairro, já enviei Vários ofícios a Secretaria de Cultura e a Sra Denise retornou dizendo que o Circo pode ir para o Santa Monica ou adjacências, mas insisto no pedido pois o mesmo completa 48 anos no mês de fevereiro e gostaríamos de comemorar com a presença do Circo em nosso bairro segundo Sra Denise com seu total apoio o Circo poderar ir para nosso bairro como sempre, com o apoio que temos recebido particularmente do Sr Prefeito e Secretário, aguardamos um parecer favoravel

Cordialmente

Associação dos Moradores dos Bairros Jacinaçao e Jardim California
Raul Martins de Oliveira
PRESIDENTE

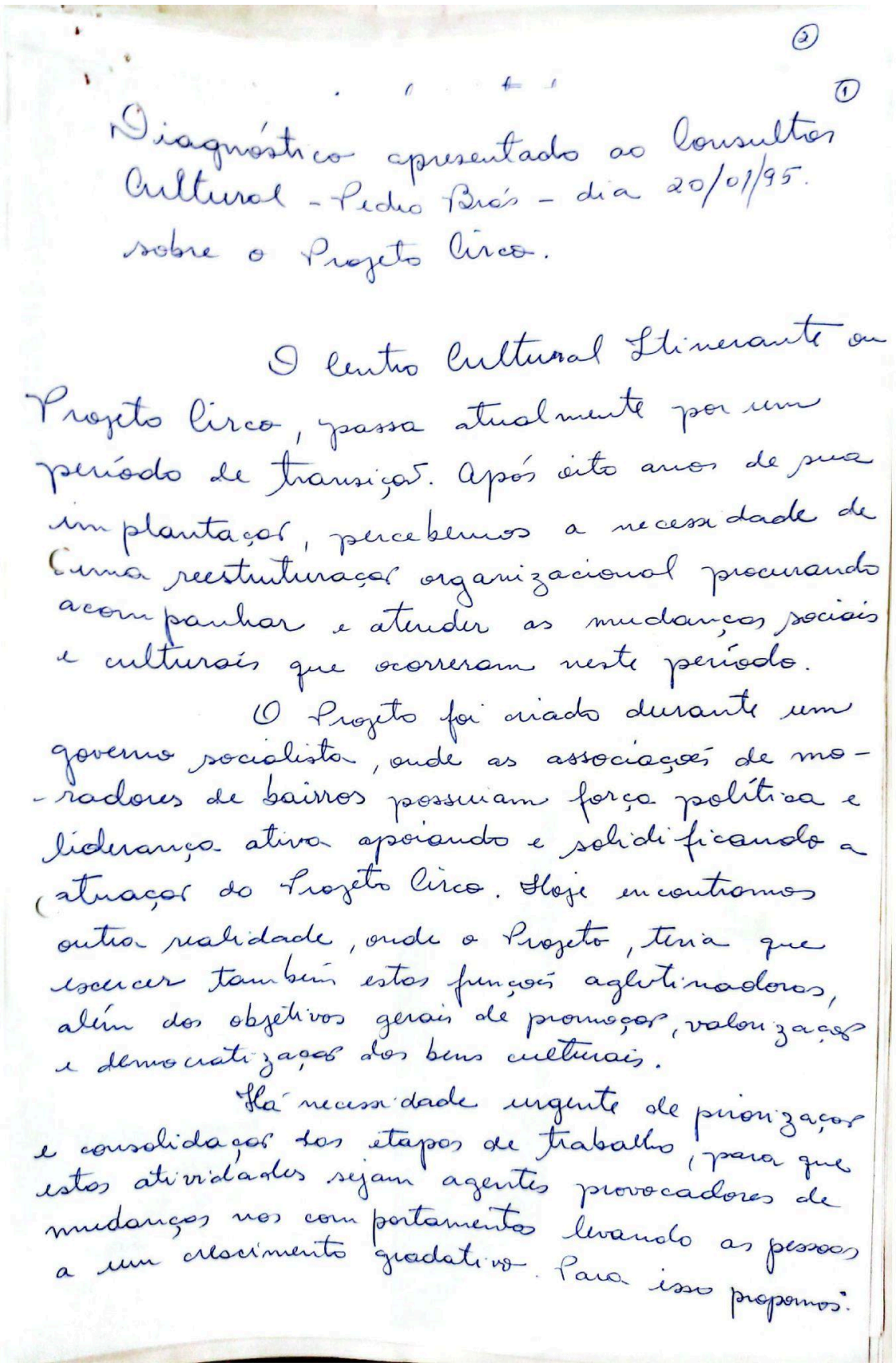
Prefeitura Municipal de Uberlândia
Gabinete do Prefeito
Responsável pelo recebimento
Data 26/10/95

Redatora responder Data 26/10/95

Fig. 11. Solicitação de prioridade encaminhada ao prefeito Paulo Ferolla em 1995. Fonte: Arquivo Público.

Um ponto que também aparece de forma recorrente nas atas, principalmente as da equipe geral da SMCT, é sobre a falta de recursos. Cada curso que acontecia no Circo tinha uma taxa mínima para participação, as apresentações eram gratuitas. Até o momento, a pesquisa realizada nos leva a crer que a manutenção das atividades do Circo eram mantidas de forma compartilhada entre sociedade civil e poder público.

Ao mesmo tempo, como registro de uma primeira alteração na estrutura do projeto, foi encontrado um documento que apresenta a ruptura com a gestão compartilhada com as Associações de Moradores, que pode ser verificada na figura a seguir (documento completo no anexo) e com propostas de melhoria no organograma.



Diagnóstico apresentado ao Consultor Cultural - Pedro Brás - dia 20/01/95. sobre o Projeto Circo.

O Centro Cultural Itinerante ou Projeto Circo, passa atualmente por um período de transição. Após oito anos de sua implantação, percebemos a necessidade de uma reestruturação organizacional procurando acompanhar e atender as mudanças sociais e culturais que ocorreram neste período.

O Projeto foi criado durante um governo socialista, onde as associações de moradores de bairros possuiam força política e liderança ativa apoiando e solidificando a atuação do Projeto Circo. Hoje encontramos outra realidade, onde o Projeto, teria que exercer também estas funções aglutinadoras, além dos objetivos gerais de promoção, valorização e democratização dos bens culturais.

Há necessidade urgente de priorização e consolidação dos etapas de trabalho (para que estas atividades sejam agentes provocadores de mudanças nos comportamentos levando as pessoas a um crescimento gradativo. Para isso propomos:

Fig. 12. Diagnóstico apresentado ao consultor cultural Pedro Brás - dia 20/01/95 - sobre o Projeto Circo. Fonte: Arquivo Público.

3.4 Alcance e Impacto do Projeto

Relação de público anual conforme os relatórios anuais.		
Anos	*Público atingido*	*Bairros atendidos*
1986 - 1992	Não foi encontrado.	Santa Mônica, Alvorada, Santa Luzia, Planalto, Tancredo, Tibery.
1993 - 1996	129.728 pessoas (jan/93 a jan/96), passou por 5 bairros.	Custódio Pereira, Pacaembu, Santo Inácio, Ipanema e Morumbi.
1996 - 1998	Não foi encontrado.	Não foi encontrado.
1999 - 2000	Não foi encontrado.	Aclimação, Dom Almir.
2000 - 2001	Ainda não foi encontrado nos documentos do Arquivo Público.	Ainda não foi encontrado nos documentos do Arquivo Público.

A tabela acima está baseada nos relatórios anuais e documentos encontrados no Arquivo Público e analisados até o momento do fechamento deste texto, e encontra-se incompleta, pois não há registros nos dossiês disponíveis no Arquivo sobre os anos seguintes. Se olharmos para o período de 93 a 96, em um momento de crise econômica nacional, mesmo com cobrança de taxa para realizar os cursos, o público atingido foi muito expressivo. Claro, na tabela consta a somatória dos públicos que participaram das palestras, apresentações culturais e outras atividades desenvolvidas no espaço.

Para Cláudio Henrique, artista da dança conhecido na cidade como Cláudio Strondum, o projeto foi marcante do ponto de vista de se reconhecer artista. O dançarino pontuou que o projeto proporcionava uma plataforma onde grupos como o Mix Dance Jazz, o qual ele havia criado com um amigo no bairro Luizote, podiam se apresentar, consolidando a presença da dança de rua na cultura local. Este espaço ajudou os jovens dançarinos a ganhar confiança e visibilidade.

> Eles marcavam a apresentação para a gente no sábado. (...) Eu lembro o seguinte, ele permanecia, era uma lona mesmo, ele permanecia no bairro e ali acontecia algumas dinâmicas no bairro que a gente pode chamar de oficina, alguma coisa assim. E a população daquela época ali, eles atuavam e iam sendo qualificados na questão da ação. Tanto é que eu acho que na época saiu um grupo que vem do

> Projeto Circo mesmo, que se chamava Dragões da Dança.(...) Aconteciam apresentações. E os grupos, eles eram agendados para isso. Só que como que isso acontecia? Suponhamos aqui. Aqui era o fórum, né? Vamos dizer que era no Centro Cultural, mas naquela época eu vou chamar de fórum, fórum judiciário. Então assim, vinha uma Kombi, ela parava aqui, aí saía a Suzilene da Kombi. Saía a Suzilene da Kombi e a gente entrava nessa Kombi e ela nos conduzia pra esse circo. Aí chegava lá, a gente tinha experiência do que era um camarim, chegava no camarim, colocava a roupa toda certinha e tinha a hora de você apresentar. Entendeu? Então, o que o Projeto Circo foi importante? Ele traz, como a entrada, a inserção no teatro ali, no Rondon, no Grande Otelo, ele ainda era uma coisa meio restrita ainda, para um grupo que estava começando, o Circo já trazia a experiência de camarim, de que era palco.
>
> *Lorraine*
> Já tinha uma experiência de, olha só aqui, é assim que um artista é tratado.
>
> *Claudio*
> Sim, sim, sim. Tinha toda uma dinâmica assim. Era muito interessante nessa questão, porque a ideia de você chegar e olhar no espelho com aquelas luzinhas estabelecidas, ali, esse olhar no espelho, ele traz o quê? Ele era um momento que a comunidade, uma pessoa saindo da comunidade, ela se olhava naquele espelho e ela se projetava como: olha, você é artista. Entendeu? Então, assim, é uma coisa muito simples, simples demais, mas esse olhar no espelho, ele traz, traria esse reconhecimento para o artista, o artista se reconhecendo. E a subida [no palco], que era interessante assim, que era uma escada mais ou menos de um metro de largura por um metro de comprimento, aquela subida era interessante porque ele só tinha duas coxias atrás assim, um palco mais ou menos, eu acho que deveria ser oito por seis, sabe? Mas a hora que você chegava ali no cirquinho, você entrava, a população gritava. Estava chegando a artista, entendeu? Então a população, ela gritava, ela vibrava com isso. Então isso já era uma forma que traria ele... possibilitava o reconhecimento do artista ali.

Isso proporcionou uma introdução ao mundo do espetáculo, essencial para desenvolver as habilidades dos dançarinos. O circo promovia a integração entre diferentes bairros, reforçando o senso de comunidade. Era um espaço onde não só dançarinos, mas também outros artistas se apresentavam, criando um momento cultural popular que atraía o público. O evento ajudou a formar um público para a dança de rua, criando uma nova sensibilidade estética e social, além de um espaço de referência para a arte na cidade. O Projeto Circo proporcionou aos grupos de dança de rua uma experiência de palco e camarim, além de possibilitar o reconhecimento dos artistas pela comunidade, agindo como um "coração" para os grupos iniciantes.

Segundo Strondum, em 1991, o Mix Dance Jazz participou de um concurso no Projeto Circo, conquistando o segundo lugar, o que gerou revolta entre outros grupos estabelecidos. Essa experiência deu ao grupo reconhecimento e os impulsionou para outros eventos, como a Feniub - Feira Nacional da Indústria de Uberlândia, onde abriram shows e alcançaram grande sucesso, recebendo apoio financeiro.

Sobre alçar novos voos e extrapolar as lonas do Circo, no relatório de atividades do projeto de 1994, que está em anexo, a então administradora do projeto Denise Vieira traz

> O que gostaríamos de ressaltar como ponto mais positivo foi a difusão e democratização da cultura do bairro, exemplificando com a presença de dois grupos de dança que, em pouco mais de quatro meses de ensaio, foram premiados no Concurso de Dança, realizado no Sesc.

3.5 Vozes da Comunidade: Percepções e Memórias

O Projeto Circo teve um papel crucial no desenvolvimento dos grupos de dança de rua em Uberlândia durante a década de 1980 e início dos anos 1990. Ele funcionava como um "coração" pulsante da comunidade, oferecendo um espaço para apresentações e intercâmbio cultural que era fundamental para os grupos que estavam começando a se formar.

A montagem do circo no bairro era um momento de grande emoção e expectativa. Denise Vieira relata que “desde a chegada do trator para fazer a roda da lona até o momento em que o circo era levantado, toda a vizinhança já demonstrava interesse.” Que o Projeto Circo era bem conhecido e muito querido pela população, que não queria que ele fosse embora após os seis meses de permanência em cada bairro. A coordenadora gostava de acompanhar esse processo, que ela descreveu como emocionante e bem aceito pelos moradores.

Antes mesmo da lona ser completamente armada, a equipe do Projeto Circo já realizava atividades na rua para engajar a comunidade. Ruas eram fechadas para receber atividades com professoras de educação física e música, e pessoas do próprio bairro eram convidadas a participar e se apresentar. Essa "pré-produção" era fundamental para o contato direto com o povo, permitindo que a equipe conhecesse os moradores e suas vivências antes de o circo estar totalmente pronto para as oficinas e apresentações, que aconteciam semanalmente, principalmente aos domingos, e atraíam um grande público.

Cláudio Strondum ressalta que o Projeto Circo contribuiu para a formação de público, a ocupação de terrenos vagos e a inserção social e estética da população. Ele menciona que o projeto perdeu força por volta de 1991, e seu grupo começou a focar em festivais. Ele também observa que poucos membros de seu grupo original permaneceram na arte, com alguns migrando para a dança contemporânea. Cláudio acredita que, sem o Projeto Circo, ele e seu grupo teriam permanecido isolados no Luizote, sem a ideia de pertencimento à cidade e a oportunidade de se projetar como artistas. Ele também descreve o Luizote na época como um bairro distante e com pouca presença policial, o que o tornava um lugar "ríspido".

Denise relata sua chegada em 1988, sem experiência prévia, e a importância do Projeto Circo (Centro Cultural Itinerante) para a periferia, onde identificava muitos talentos culturais sem oportunidades. O QG administrativo do circo ficava na Casa da Cultura, e o

material na DICOP - Diretoria Central de Operações. O projeto oferecia oficinas de dança (especialmente a de rua, a mais querida), ginástica, teatro, artesanato e música (em parceria com a UFU), com apresentações lotadas nos fins de semana.

A escolha dos bairros neste período enfrenta uma modificação, levando em consideração a conversa que tive com Denise Vieira, e passa a ser feita por uma assistente social em contato com associações de moradores, e o circo permanecia por três meses em cada local. A montagem da lona, para a coordenadora, era um evento emocionante e aguardado pela vizinhança. Denise nos diz que deixou o projeto por não concordar com a precariedade da montagem, que acabou levando à queda da lona devido a uma ventania. Para ela, os principais obstáculos do projeto foram a falta de dinheiro e, sobretudo, a crescente violência nos bairros, com brigas de gangues, roubos e assaltos, que inviabilizaram a continuidade das atividades e a manutenção de estruturas físicas.

Um dos documentos encontrados no Arquivo, foi a transcrição da reunião de avaliação do Projeto Circo do bairro Alvorada (Anexo 01), segundo bairro a receber o projeto. Moradores, como o jovem Reginaldo (consta dessa forma no registro consultado) e a supervisora da escola do bairro (consta dessa forma no registro consultado), expressaram a importância do Circo na vida da comunidade, destacando o desenvolvimento de amizades, talentos e a mudança de comportamento dos jovens, que passaram a discutir temas culturais em vez de assuntos inadequados. Um pai de família (consta dessa forma no registro consultado) ressaltou a união familiar e comunitária promovida pelo projeto, além de ver o Circo como uma "chavinha que abriu" o potencial das pessoas.

Ainda sobre o registro consultado, a comunidade expressou o desejo de que o Circo permanecesse por mais tempo, ou que o trabalho cultural continuasse no bairro após sua partida. Foi discutida a possibilidade de usar o Centro Comunitário ou cobrir a quadra para futuras atividades. O tesoureiro da Associação de Moradores enfatizou a participação e a união como essenciais para a continuidade do projeto. Foi mencionada a importância de a comunidade requisitar verbas para a cultura no orçamento municipal, pois a falta de pedidos no passado resultou na não priorização de projetos culturais. A secretária de Cultura reiterou que, mesmo com a vontade de dar continuidade, sem dotação orçamentária para a contratação de pessoal e infraestrutura, seria inviável manter o Circo. Um morador expressou o medo de que a união e a troca de ideias se perdessem com a saída do Circo, mas foi incentivado a continuar promovendo esses encontros. A associação planeja formar uma comissão cultural para dar continuidade aos trabalhos, realizando apresentações e buscando o apoio da Secretaria de Cultura, que garantiu que, mesmo após a partida do Circo, o Alvorada não seria

esquecido e receberia apoio sempre que solicitado. A reunião terminou com um apelo para que todos assinassem o livro de ata, como forma de registrar a participação e o apoio da comunidade ao projeto. Houve também um pedido para que a comunidade continuasse participando das reuniões da associação e buscando melhorias para o bairro.

Outro documento que gostaria de trazer para finalizar esse trabalho, escrito por Jeremias Sem Chorar (também identificado como Jeremias Brasileiro), lido no último dia do Projeto Circo no bairro Santa Mônica em agosto de 1986, é um texto reflexivo e ativista sobre participação popular, cultura e a luta contra a dominação social e econômica em Uberlândia, Minas Gerais. O autor enfatiza a importância da organização comunitária para o fomento da participação democrática. Ele critica a passividade da população, ainda tão atual, especialmente em relação à cultura, e convoca os escritores de Uberlândia e do bairro a contribuírem ativamente. Jeremias se descreve como um escritor enraizado nas ansiedades da sociedade, se vê como um poeta movido pelas paixões humanas e pela busca da liberdade para um povo oprimido por ideologias constitucionais que protegem as classes dominantes. O texto também aborda a necessidade de o "povo da raça-brasil" conquistar sua "carta de alforria" e sua própria constituinte, sem se sujeitar a governos oportunistas. O autor defende a implementação de um centro cultural, ressaltando a responsabilidade individual e coletiva da comunidade. Ele se orgulha de viver de seus ideais e de ser autodidata, guiado pela verdade, humildade e coração.

O Projeto Circo, criado pela administração Zaire Rezende, é mencionado como um centro cultural que pode se tornar um fomentador de organizações populares autênticas se for bem aproveitado pelos bairros. A dificuldade de organização popular no bairro é atribuída à sua infraestrutura quase completa e à divisão radical em classes, onde a classe média se mobiliza apenas quando seus interesses são ameaçados. O autor conclui que fugir da luta é sinônimo de derrota e que a realização dos ideais requer "sangue e alma". Ele reconhece a inevitabilidade do choque entre as classes sociais, dada as diferenças de berço e as ideologias que moldam os indivíduos. Por fim, o documento apresenta um resumo do que o Projeto Circo proporcionou ao escritor Jeremias Brasileiro, incluindo o fortalecimento de suas convicções, a possibilidade de discutir de igual para igual, o despertar de sua consciência de escritor, a descoberta da necessidade de organização política para evitar o retorno da direita, a constatação do choque entre as classes, a certeza da verdade como redenção e a importância da organização para reivindicar mudanças dos governantes.

Infelizmente, não foram encontradas atas ou transcrições de reuniões de avaliação do projeto de outros bairros e de anos mais recentes.

3.6 Considerações

Os dados coletados no Arquivo Público indicam participação expressiva do público, mesmo em momentos de cobrança simbólica pelas oficinas. Relatórios internos revelam dificuldades orçamentárias, mudanças de diretrizes com as trocas de governo e ausência de institucionalização. As entrevistas corroboram com essa narrativa e o prestígio e envolvimento das associações de moradores reconheciam a importância do projeto e pleiteavam sua implementação em seus bairros.

Este estudo de caso revela tanto potencialidades quanto fragilidades das políticas culturais municipais. Por um lado, o projeto demonstrou a possibilidade de descentralizar o acesso à cultura e de envolver as comunidades periféricas em atividades culturais significativas. Por outro lado, sua descontinuidade e a não concretização dos centros culturais permanentes revelam os limites da institucionalização das políticas culturais e sua dependência da vontade política dos gestores. Esta análise crítica do Projeto Circo contribui para a compreensão mais ampla dos desafios enfrentados pelas políticas culturais em cidades do interior, especialmente no que se refere à democratização do acesso à cultura e à sustentabilidade das iniciativas.

Sobre o encerramento do projeto, não foi possível averiguar as causas para o encerramento das atividades e nem com precisão o ano que isso aconteceu de fato.

4 - Conclusão

Imagine um emaranhado de fios para ser desenrolado. Imaginou? Bem, antes de desfazer este emaranhado de nós de uma linha, existe um estágio caótico. Com esse trabalho, tive a intenção de puxar alguns dos fios deste nó para ver o que acontece. Mas ainda tem muitos fios para serem puxados. É essa a sensação com este trabalho.

Os resultados da pesquisa revelam uma contradição flagrante na política cultural de Uberlândia. Embora o município possua uma condição econômica robusta, evidenciada pelo seu crescimento do PIB e sua posição em rankings nacionais, o investimento na cultura local segue um movimento inverso. A estagnação do orçamento destinado à Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, em um cenário de inflação crescente no Brasil, resulta em uma queda real da capacidade de atuação da pasta. Essa redução orçamentária impacta diretamente a construção e manutenção de políticas públicas essenciais, como as voltadas para a formação

de público e o fomento a novos artistas, exemplificadas pela descontinuidade de projetos como o Centro Cultural Itinerante – Projeto Circo.

Essa política de desinvestimento na cultura, ainda que sutil, reflete uma ausência de comprometimento com a educação e o desenvolvimento cultural da sociedade uberlandense. Ao não garantir um orçamento condizente com o crescimento econômico e as necessidades da população, o poder público municipal desconsidera o potencial transformador que o acesso à Educação e à Cultura pode trazer, especialmente para as classes menos privilegiadas. Tal postura, ao invés de democratizar o acesso, acaba por perpetuar as desigualdades sociais e a "violência simbólica", conforme os conceitos de Pierre Bourdieu, onde a exclusão cultural é naturalizada e justificada, fazendo com que a população se sinta "fora de lugar" nos espaços culturais ou não perceba a arte como uma necessidade.

Diante disso, a estagnação orçamentária da Cultura em Uberlândia pode ser caracterizada, mesmo que de maneira parcial, como um descumprimento do Artigo 215 da Constituição Federal de 1988, que assegura o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes da cultura nacional, e também do Artigo 21 da Lei nº 12.852/2013 (Estatuto da Juventude), que trata do direito à cultura e à educação para os jovens. Ao negligenciar o fomento contínuo e estruturado à cultura, a cidade priva seus cidadãos, em especial os jovens, de oportunidades de desenvolvimento do capital cultural, do senso crítico e da capacidade de "sofrer bonito", como Denise Fraga pontua. A ausência de investimento adequado, portanto, não apenas limita o mercado de trabalho artístico local, mas também contribui para a auto exclusão da população e a manutenção de uma estrutura social que restringe o acesso à arte e à reflexão crítica, aspectos fundamentais para uma comunidade que busca uma verdadeira qualidade de vida.

É fundamental analisar mais profundamente por que os centros culturais permanentes, que deveriam ser construídos após a passagem do circo pelos bairros, nunca se concretizaram. Esta questão, mencionada brevemente no texto, merece uma análise mais detalhada, pois revela aspectos importantes sobre a sustentabilidade e institucionalização das políticas culturais em Uberlândia. Quais foram os obstáculos políticos, orçamentários ou institucionais que impediram a concretização desse objetivo? Como essa não-concretização afetou a continuidade das ações culturais nos bairros após a saída do circo? Esta análise permitiria compreender melhor os limites da política cultural municipal e as dificuldades de institucionalização de iniciativas bem-sucedidas, tema central para a dissertação.

Outro ponto que também fica para pesquisadores futuros, é o levantamento dos impactos das políticas culturais no acesso e na formação de públicos. Esta seção pesquisa é

essencial para conectar as políticas culturais com seus impactos concretos na vida cultural da cidade. É importante analisar como as diferentes políticas culturais implementadas em Uberlândia afetaram o acesso da população aos bens e serviços culturais, considerando especialmente as desigualdades socioespaciais da cidade. Seria valioso incluir dados sobre frequência a equipamentos culturais[24], participação em atividades formativas e distribuição territorial das ações culturais. Esta análise permitiria avaliar em que medida as políticas culturais conseguiram (ou não) democratizar o acesso à cultura e formar novos públicos, questão central levantada na introdução do capítulo quando se menciona que "são os mesmos rostos que aparecem" nos eventos culturais, tanto pagos quanto gratuitos.

Outro ponto para estudos futuros é a participação social. É fundamental analisar como a participação social evoluiu nas políticas culturais de Uberlândia. É importante discutir a composição e o funcionamento dos conselhos municipais de cultura ao longo do tempo, analisando quem eram os representantes, como eram escolhidos e qual era seu poder efetivo de decisão. Também seria valioso analisar a realização de conferências municipais de cultura, seus temas, participantes e impactos nas políticas públicas.

Para finalizar as sugestões para pesquisas futuras, seria de suma importância verificar como as políticas culturais adotadas pelas universidades da cidade contribuem para a formação do público e mercado para os artistas que formam. Principalmente a Universidade Federal de Uberlândia, que começou com a criação do Conservatório Municipal de Uberlândia, em 1957, como primeira escola de ensino superior da cidade, sendo o curso de Música; sendo federalizada apenas em 1978.

5 - Bibliografia

ALEM, João Marcos. **Representações coletivas e história política em Uberlândia.** História & Perspectivas. Uberlândia: Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, n. 4, págs. 79 - 102, jan - jun. 1991.

BRASIL. Decreto Lei 74, de 21 de Novembro de 1966. Cria o Conselho Federal de Cultura e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/del0074.htm#:~:text=DECRETO%2DLEI%20N%C2%BA%2074%2C%20DE%2021%20DE%20NOVEMBRO%20DE%201966.&text=Cria%20o%20Conselho%20Federal%20de,o%20par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico%20do%20art. Acessado em 02 nov. 2022.

[24] Verificar o Pós-crédito deste trabalho, bem como seus anexos.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Constituição 30 anos: As Constituições brasileiras de 1824 a 1988. Disponível em: https://stf.jusbrasil.com.br/noticias/633535994/constituicao-30-anos-as-constituicoes-brasileiras-de-1824-a-1988#:~:text=O%20Brasil%20teve%20sete%20Constitui%C3%A7%C3%B5es,%2C%201946%2C%201967%20e%201988. Acessado em 02 nov. 2022.

BRASIL. Emenda Constitucional nº 71 de 29 de novembro de 2012. Acrescenta o art. 216-A à Constituição Federal para instituir o Sistema Nacional de Cultura. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc71.htm. Acessado em 02 nov. 2022.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público.** Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

_____. **As regras da arte: Gênese e estrutura do campo literário**. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CALABRE, L. **Políticas culturais no Brasil: dos anos 1931 ao século XXI.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

_____. Políticas e Conselhos de Cultura no Brasil: 1967-1970. In: **Políticas Culturais em Revista**, 1. Bahia. p. 19 - 35. 2008.

_____. **Intelectuais e Política Cultural: O Conselho Federal de Cultura.** Atas do Colóquio Intelectuais, Cultura e Política no mundo Ibero-Americano. Rio de Janeiro. 17 -18 de maio de 2006.

CASTRO, K. C. M. de. Cinema: mudanças de hábito e sociabilidade no espaço urbano de Uberlândia - 1980 a 2000. Dissertação de mestrado. Uberlândia: Instituto de História/UFU. 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980. GORZ, André.

HOLANDA, Aline Gomes. Conselhos municipais de Cultura: características, problemas e desafios. *In:* **Neoliberalismo e lutas sociais: perspectivas para as políticas públicas.** IV jornada internacional de Políticas Públicas. Universidade Federal do Maranhão. 2009 Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIV/%C3%8DNDICE%20EIXO%20LUTAS%20SOCIAIS.htm. Acessado em 02 nov. 2022.

JESUS, Wilma Ferreira de. **Poder público e movimentos sociais aproximações e distanciamentos: Uberlândia - 1982 - 2000.** Dissertação de Mestrado. Uberlândia: Instituto de História/UFU. 2002.

_____. **Poder político em Uberlândia: Mudanças e permanencias - 1982 - 1996.** Monografia. Uberlândia: Instituto de História/UFU. 1999.

JUNIOR, Cleber do Couto Freitas. **Um olhar para o Programa Municipal de Incentivo à Cultura de Uberlândia - MG.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: FLACSO/FPA, 2020.

LEITÃO, Cláudia; SANTOS, Fabiano dos. Entrevista com Ariano Suassuna. In: **Políticas Culturais em Revista**, 1. Bahia. p. 152 - 161. 2008.

MARTINS et al. **Conselhos Municipais de Políticas Públicas: uma análise exploratória.** Brasília: Revista do Serviço Público. 2008.

MINAS GERAIS (Estado). Lei nº 4570, de 25 de setembro de 1967. Cria o Conselho Estadual de Cultura e dá outras providências. Disponível em: https://leisestaduais.com.br/mg/lei-ordinaria-n-4570-1967-minas-gerais-cria-o-conselho-estadual-de-cultura-e-da-outras-providencias. Acessado em 02 nov. 2022.

MINAS GERAIS (Estado). Lei Delegada 180, de 20 de janeiro de 2011. Legislação Mineira. Disponível em: https://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa-nova-min.html?tipo=ldl&num=180&comp=&ano=2011&texto=original. Acessado em 02 nov. 2022.

MONTEIRO, José Marciano. **10 lições sobre Bourdieu.** Petrópolis: Editora Vozes, 2018.
PODCAST DA SEMANA: Denise Fraga: "A arte existe para nos libertar da mediocridade humana". [Locução de]: Isabelle Moreira Lima. Denise Fraga. UOL: Gama Revista, 26 de fev. de 2023. *Podcast.* Disponível em: https://youtu.be/Eh3nC3HVQ0A?si=ga5I_EwdscjkPK_m. Acessado em 01 mai. 2024.

ROMERO, Márcia Cicci. **Política de incentivo à leitura no governo Zaire Rezende 1983 - 1988.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação. 2016.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Políticas culturais no Brasil: tristes tradições, enormes desafios.** In: Políticas Culturais no Brasil. Salvador: EDUFBA, v.2, 2007.

SILVA, Elsieni Coelho. **Política Cultural na Nova República: perfil adotado pela Secretaria Municipal de Cultura apresentado pela imprensa.** Dissertação de Mestrado. Campinas, SP. 1999.

TÔRRES et al. **Estatísticas Básicas Da Lei Estadual De Incentivo À Cultura De Minas Gerais – 1998-2001**. In: X Seminário sobre Economia Criativa Mineira. Diamantina, 2002.

UBERLÂNDIA. Lei 9532 de 23 de julho de 2007. Institui o Conselho Municipal de Cultura e dá outras providências. Disponível em: https://cm-uberlandia.jusbrasil.com.br/legislacao/836780/lei-9532-07. Acessado em 02 nov. 2022.

UBERLÂNDIA. Lei 11273 de 17 de dezembro de 2012. Institui o Sistema Municipal de Cultura no Município de Uberlândia e dá outras providências. Disponível em: https://leismunicipais.com.br/a1/mg/u/uberlandia/lei-ordinaria/2012/1127/11273/lei-ordinaria-n-11273-2012-institui-o-sistema-municipal-de-cultura-no-municipio-de-uberlandia-e-da-outras-providencias. Acessado em 02 nov. 2022.

YIN, R. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YOSSO, Tara J. Whose culture has capital? A critical race theory discussion of community cultural wealth. **Race Ethnicity and Education**, v. 8, n. 1, p. 69-91, 2005. Disponível em: https://doi.org/10.1080/1361332052000341006. Acesso em: 15 jun. 2025.

YOUTUBE. **A arte que resiste em nós**. [Vídeo]. 2010. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jFSj9tx_Qac. Acesso em: 11 dez. 2024.

6 - Anexos

ANEXO A - Texto apresentado pelo poeta Jeremias Brasileiro na despedida do Projeto Circo no bairro Santa Mônica, 1986.

QUANDO O IDEAL FALA MAIS FORTE
AUTOR: JEREMIAS SEM CHORAR.

Não há como fomentar o processo de participação popular sem a devida organização de toda comunidade comprometida com os ideais democrático de um povo livre.

Foi-me gratificante estar participando deste PROJETO em todas as suas extensões,pois o mesmo proporcionou-me ampliar- de forma repentina,toda a vastidão de meu universalismo interior,colocando-me em condiçoes de agora sair definitivamente- à luta,em qualquer lugar deste país,uma vez estar com meus caminhos traçados nas linhas de meus sonhos poéticos,querendo - fincar aqui em Uberlandia a minha poesia,o meu sonho,o meu - ideal.

Nós somos culturamente representativos,mas deixamos até muito à desejar quanto ao nosso potencial participativo.A SECRETARIA DE CULTURA,tem tido um trabalho expressivo no sentido de contactar os escritores de Uberlândia,e aqui do Bairro, oferecemos nossa contribuição,pois acho uma vergonha,ficamos de braços cruzados esperando Cristo descer da cruz para vir - nos salvar,precisamos conquistar nosso espaço,mas temos também- de nos tornarmo-nos dignos de merecê-lo, e só demonstrando um grau de participação,vontade,amor,luta e ideal,poderemos sim, termos a honra de sermos chamados de "POETAS ".

Eu me sinto um escritor não somente de versos,mas sim,- um escritor enraizado aos maiores anseios de uma sociedade dominada e escravizada pelo salário minimo,o maior espezinhador da classe assalariada desde os tempos governamentais atrelados com os povos privilegiados,pois se até existe este salário,é- determinado em lei,é por tão somente favorecer aos capitalistas,condicionando -nos à vivermos sob o jugo desta chibata de origem quase imperial,não permitindo aos assalariados sequer- satisfazer suas necessidades orgânicas,quantos mais as culturais.

Talvez seja eu um poeta movimentado pelas paixões humanas,reprocessado contínuamente pelo dínamo catalizador de todos os desejos existentes de meu sentir,onde após uma auto-revisão rigorosa,se saltam,traduzindo as expectativas libertárias de um povo secularmente massacrado por ideologias constitucionais criadas para proteger as classes dominantes e mantidas quase sempre pelos generais de tantas estrelas.

2

E nós,o povo da raça-brasil,não podemos sujeitarmo-nos à sermos alforriados pelos governos oportunistas.

Precisamos conquistar a nossa carta de alforria,precisamos conquistar a nossa constituente,a constituinte do povo da raça-brasil.

A possibilidade de se implantar um centro cultural neste espaço ora existente,passa pela responsabilidade individual e coletiva de toda comunidade e de todas as entidades aqui representativas,e malgrado estar sendo incompreendido e mesmo apedrejado por alguns,pois quando eu não tenho coragem de ir à luta,não fico atirando pedras em quem vai,e sei,ser a minha coragem o resultado do medo dos covardes. Sinto-me feliz,pois vivo exclusivamente de meus ideais,não tendo de vedar meus - olhos muitas das vezes para não ver a realidade chocante.

E tem mais,não pedi à Maria José e nem a Madalena,para-me ajudarem à redigir este texto,sequer para do mesmo fazer - revisão,sou um escritor de rua empoeirada,autodidata,1ºgrau.E pratico o autodidatismo nos botequins,ruas e palestras,vivo o poema da vida,com três impulsões fundamentais movimentando os ideais: a verdade,a humildade,e o coração,e para mim,basta para revelar meu universalismo interior. Nasci lá na roça,sou - lá da terra,lá das bandas do sol nascente,não preciso da infeliz mentira para conquistar o coração de ninguém,e tenho confiança de estar os senhores ouvintes,sintonizados com minha - voz pronunciada de maneira tão às vezes precisa.

Aqui neste circo,não teve política,por nós foi utilizado como centro cultural,tendo portando aqui atingido a proposta do governo municipal;este projeto criado pela adrinistração ZAIRE REZENDE,tem tudo para se tornar num semeador de organizaçoes populares autênticas,se for devidamente aproveitado por todos os bairros.Pois para nós,foi necessário,como princio de sedimentação de uma cultura permanente neste bairro,contudo,mister se faz dizer,ser a concretização do mesmo ser discutida verdadeiramente com todos os setores da comunidade.

O motivo de ser a organização popular no bairro,dificil, é o fato de o mesmo já possuir uma infra-estrutura quase completa e ser radicalmente dividido em classes,pois aqui se habita uma larga faixa de classe média e tais,só se reunem, se percebem estar seus interesses ameaçados,e tendo-os solucionados,se acomodam,e pouco se importam com o restante do povão.

Se fugirmos da luta,antes mesmo dela começar,estaremos fatalmente com por cento de certeza absoluta,derrotados. Não é tão dificil realizar os ideais,principalmente quando se - tem sangue e alma,sobretudo quando se tem um tambor marchando em compasso de esperança,no lado esquerdo da vida da gente.

Infeliz,do homem incapaz de singrar os mares com veleiros capazes de arrebentar as orgias das ondas e atravessar a fortaleza criada pelos fortes ventos galopantes.

Seria importantíssimo se conseguíssimos evitar o cho - que entre as classes,entretanto,os homens nascem em berços di_ ferentes,nascem ricos e pobres,são condicionados à viverem de acordo com os padrões paternalistas e do ambiente social,e quando na maturidade de seus ideais,se encontram; ambos tém caminhos definidos,defendem causas distintas,vivem em lugares separados,tomam rumos diferentes e criam mundos desiguais.

03-08-86
ÚLTIMO DIA DO PROJETO CIRCO
NO BAIRRO SANTA MONICA

JEREMIAS BRASILEIRO.

AO ESCRITOR JEREMIAS BRASILEIRO O PROJETO-CIRCO PROPORCIONOU-:

1)-FORTALECIMENTO DE SUAS CONVICÇÕES LITERÁRIAS,POLITICAS E SOCIAIS, AMADURECIMENTO E AUTO-CONFIANÇA EM SUAS IDÉIAS,E SEGURANÇA PARA DEFENDELAS.

2)-POSSIBILIDADE DE DISCUTIR DE CABEÇA ALTA COM QUAIQUER PESSOA,SEM SE ESTAR EM CONDIÇÕES DE SUBMISSÃO,ISTO,MUITA GENTE NÃO VAI GOSTAR.

3)-DESPERTAR MAIOR DA CONSCIENCIA DE ESCRITOR,RESPONSABILIDADE COM A CULTURA,E JÁ NÃO VIVE MAIS COM MEDO DE ACORDAR E NÃO MAIS ESCREVER,E TEM CERTEZA ABSOLUTA DE O SER PELO RESTO DA VIDA.

4)-A DESCOBERTA DA NECESSIDADE DE SE ORGANIZAR POLITICAMENTE, PARA SE EVITAR O RETORNO DA DIREITA,"CADA DIA MAIS AMEAÇADORA,DESGRAÇA TOTAL PARA OS BAIRROS PERIFÉRICOS E RETROCESSO DA NAÇÃO BRASILEIRA".

5)-A IMPRESSÃO DO INEVITÁVEL CHOQUE ENTRE AS CLASSES E O SENTIMENTO CERTO DE ESTAR A MAIORIA QUASE ABSOLUTA DA CLASSE MÉDIA E CLASSE MÉDIA ALTA,ANSIOSA PELO RETORNO DE SEU GOVERNO,O GOVERNO DO POPULISMO,UMA VEZ CONSIDERAREM A DEMOCRACIA PARTICIPATIVA COMO UM GOVERNO DE BAIRROS E DE POBRESA ELES NÃO GOSTAM DE PARTICIPAR,MAS DE DECIDIR,E À SÓS,COM SEUS GOVERNOS,SEM SE TER A INCOMODA PRESENÇA DOS POVOS PERIFÉRICOS.

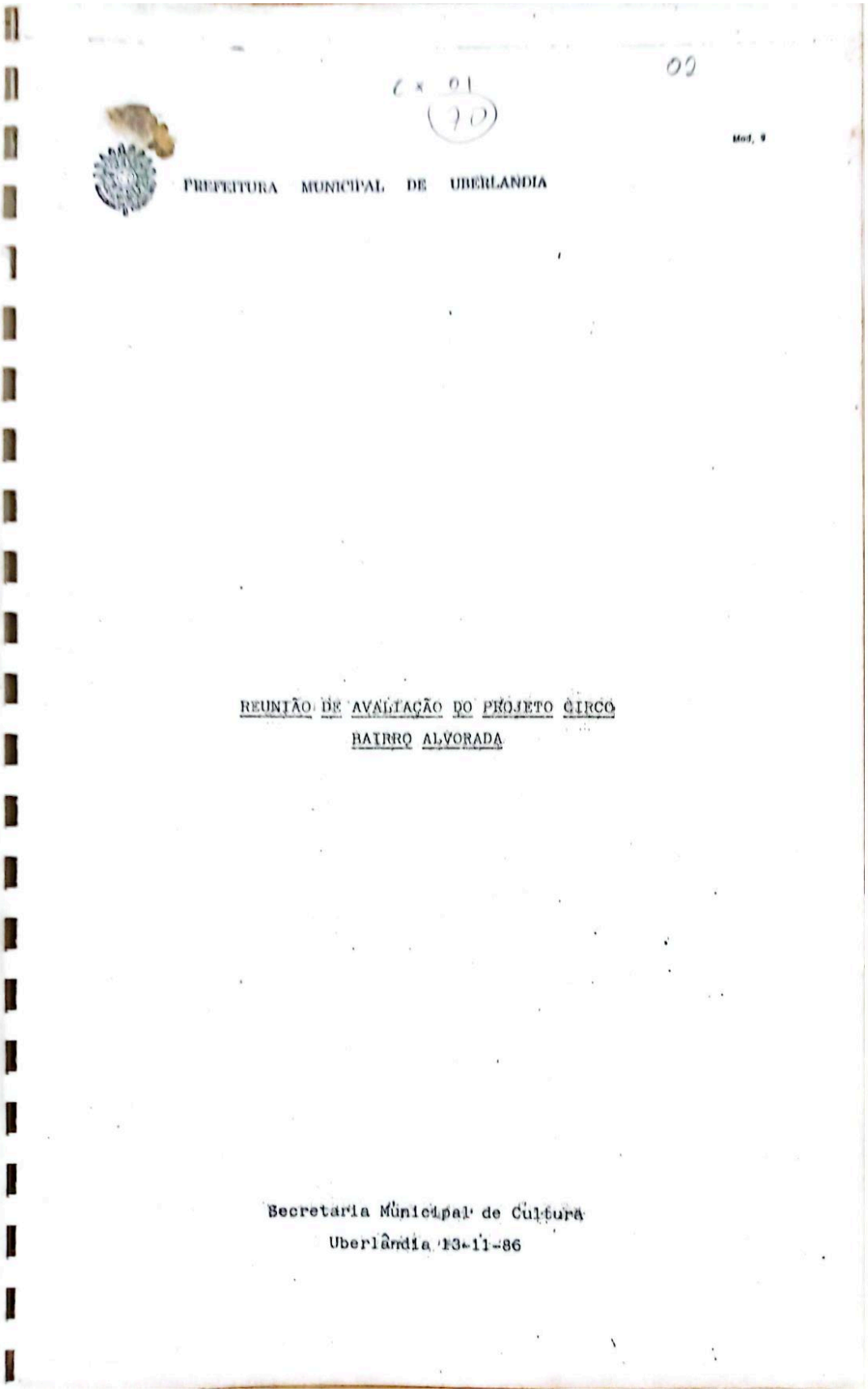
6)-O PROJETO-CIRCO NÃO FABRICOU UM ESCRITOR,MAS PROPORCIONOU À ELE A POSSIBILIDADE DE VISUALIZAR VASTOS CAMINHOS E COM EXPECTATIVAS FUTURÍSTICAS SEGURAS,DEPENDENDO DA CONTINUIDADE EM RITMO DE VONTADE E HUMILDADE.

7)-A CERTEZA DE SER A VERDADE A REDENÇÃO MAIOR DO HOMEM E SE ESTANDO COMEIA,NÃO PRECISA TEMER POSSÍVEIS ATROPELAMENTOS NO FUTURO.

8)-A PRESSÃO E REIVINDICAÇÃO AOS GOVERNANTES TEM DE SE PASSAR SOBRETUDO PELA ORGANIZAÇÃO,NÃO APENAS COM LISTAS DE ABAIXO-ASSINADO,MAS COM A PRESENÇA FISICA MAÇIÇA DAS PESSOAS COMPROMETIDAS COM TAIS REIVINDICAÇÕES.

JEREMIAS
BRASILEIRO. 29-08-86

ANEXO B - Texto apresentado pelo poeta Jeremias Brasileiro na despedida do Projeto Circo no bairro Santa Mônica, 1986.



C x 01
(10)
02

Mod. 9

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

REUNIÃO DE AVALIAÇÃO DO PROJETO CIRCO
BAIRRO ALVORADA

Secretaria Municipal de Cultura
Uberlândia 13-11-86

Mod. 9

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLANDIA

Reunião de Avaliação do Projeto Circo
no Bairro Alvorada

- Presidente da Associação de Moradores

- O Projeto Circo veio parar no Alvorada; acho que muita gente, às vezes, não sabe como é que ele veio parar aqui. Nesse projeto a gente foi convidado, pela secretaria, para participar de reuniões e conversamos, fizemos umas reuniões depois, fizeram aqui no bairro, depois a gente foi... foi feito um sorteio, né ? O Alvorada caiu em 2º lugar (primeiro foi o Tocantins, né ?). Tocantins caiu em 1º lugar mas, não tinha infra-estrutura prá receber o circo, então, fizeram uma troca com a gente. Então ele veio prá cá. Então, eu gostaria assim, né, que o pessoal da Secretaria vai falar, né, cada um vai ter um momento, a sua vez de falar também, né ... que vamo aguardar a vez de falar e falar um de cada vez, para não ficar tumultuado e prestar bem atenção, o que que é o projeto. Prá ficar claro prá gente, a gente não ficar assim e não sair meio confuso. Agora, eu passaria a palavra prá D. Iolanda, da Secretaria de Cultura...

- Secretária Municipal de Cultura

- O gente, primeiro... boa noite, né, prá todos ! É um prazer muito grande estar aqui no Alvorada. Acho que hoje é a 3ª vez que eu participo, né ? Da inauguração, depois vim no Dia das Crianças... é isso mesmo. E hoje, prá essa revisão que a gente costuma

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLANDIA

fazer no final do projeto. Quando o circo vai embora, a gente faz. Mas, houve pedidos da comunidade, parece que foi o Jeremias, né, ' que pediu lá do Santa Mônica, que queria se colocar e depois acho que houve sugestão daqui, de que então todo mundo participasse; a gente então está antecipando um trabalho que a gente faz no final. Isso não quer dizer que no final não vamos fazer não, nós vamos fazer novamente uma avaliação, viu ? Porque essas avaliações são preciosíssimas prá nós, porque são elas que ajudam a gente a corrigir as falhas do projeto naquele lugar que ele esteve. Aqui, então, é o 2º lugar, o primeiro foi o Santa Mônica. É evidente que, aqui, a gente já pode corrigir uma porção de falhas porque lá foi feita ' uma revisão, foram apontadas as falhas... É claro que a gente sabe que a realidade lá é uma e aqui é outra. Cursos que foram pedidos' lá, não foram pedidos aqui. Mas, há alguma coisa que é igual num e noutro. Então, a gente já pode melhorar e é evidente que no 3º local, a gente espera ter mais experiência, e temos certeza que estamos tendo, e então, já podemos trabalhar com mais segurança, né, ' mais experiência, mais conhecimento mesmo. Eu vou fazer assim,usando pouco da palavra, prá deixar vocês falarem mais, eu vou fazer ' assim um resuminho do Projeto Circo no todo.

Quando eu assumi a Secretaria, eu fiquei sabendo que em Uberaba tinha um circo; que esse circo era um espaço cultural. Então, acho que na primeira semana eu fui a Uberaba, ver o circo de lá. Fui, perguntei, especulei bastante, achei que o negócio funcionava e voltei. Voltei e conversei com os funcionários mas, eu não' consegui passar para os funcionários o mesmo entusiasmo, o mesmo ' interesse que eu tive. Então, foi preciso assim... deixar amadurecer a idéia e aí eles foram algumas vezes, prá depois eles começarem a pensar que o negócio era interessante. Até que resolveram a fazer o projeto: o Projeto Circo. Prá fazer esse projeto alguns ' funcionários viajaram, foram a Curitiba, Belo Horizonte, São Paulo ... são cidades que tem o mesmo projeto e que funciona bem.Que há

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLANDIA

outras que tem mas, que a gente tem notícia que não funciona tão bem ou, pelo menos, naqueles moldes que a gente achava que seria o mais interessante. Um processo mais democrático, mais aberto, mais participativo por parte da comunidade, né ? E também, as idas à Uberaba aumentaram. Aí, de vez em quando, alguém queria ir a Uberaba para ver como é que estava o projeto, foi... agora como é que passamos para a comunidade.

Nós fizemos uma primeira reunião na Secretaria, ela funcionava ainda ali na Vital José Carrijo, onde nós convidamos os presidentes das associações, compareceram uns dez, mais ou menos. A gente então falou da... assim, da filosofia de trabalho da Secretaria e convidamos para anunciar um projeto que a gente tinha em mente mas, para anunciar nós gostaríamos que os presidentes convidassem as diretorias. E marcamos o dia e convidamos o responsável pelo circo em Uberaba, para ele vir mostrar uns slides do circo em Uberaba. Prá ver se o pessoal achava que valia a pena o circo. Assim fizemos e o pessoal achou que valia a pena. Então, começaram as discussões. Prá onde que vai o circo, né ? Um Sr. Ivo, do Aclimação, achava que o circo devia ir prá lá porque era o bairro mais pobre. Mas, outro já achava que o seu bairro era o mais pobre. Outro achava que ele tinha mais gente. Então ficou aquele impasse. Prá onde vai ? Nós resolvemos então que as associações é que iam decidir o processo de escolha. E as associações reunidas... várias reuniões foram feitas, né ?... reunidas decidiram que seria por sorteio. Então, o sorteio para o primeiro caiu no Santa Mônica. Caiu no Santa Mônica e a equipe que trabalhou no projeto, que ficou encarregada então de desenvolver o projeto, foi para o bairro e lá ficou bastante tempo. Ficou inclusive mais tempo do que aqui, não por preferência, é porque a firma que fez o circo não cumpriu o trato. Então, ficou demorando toda vida; a comunidade começou a duvidar que aquilo não existia nada, né ? E o pessoal tinha que manter a chama acesa. Então, tinha reunião semanal, lá no Santa Mô

nica, até o circo chegar. O circo chegou, ficou os 3 meses; e quando ele chegou a comunidade estava realmente preparada para receber, já nós sabíamos todos os cursos que queriam, tudo estava, né? ...lá, a preparação funcionou um pouco diferente daqui. Teve, vamos dizer assim, o auxílio de vários elementos, de várias entidades. O Santa Mônica é um bairro mesmo diferente, é muito populoso, e tudo. Aqui, com as suas características peculiares. Então, tudo bem. Viemos prá cá por um sorteio, como o Ademar já explicou...era prá ir para o Tocantins e o Tocantins não tinha condição (como ' não tem até hoje), negociamos com eles que o dia que eles tiverem condições, a gente vai prá lá. Então, chegamos aqui. A equipe do circo: o Rubens, o Fernando, a Dulce e mais os outros elementos ' que estão aí, que vocês já conhecem, muitos já conhecem, né ? Hoje já tem a Patrícia... mas, sobremaneira esses tres prepararam então a chegada do circo junto com a associação. Evidente que a gente, ' por mais que fale o que que é o Projeto Circo, a gente já sabe que a comunidade não sei... não vai até aonde que realmente ele é. Então fica assim meio... será que é, será que não é ? Prá que que será esse projeto ? Prá que que será que a Prefeitura vem prá cá ? ' Que história que é essa ? Esse pessoal da cultura, como é que é ? Será que isso vem mesmo ? Será que isso vai dar certo ? Até que o circo chegou, começou a funcionar e parece que está indo muito bem, né ? Vocês é que vão dizer daqui a pouco, não é ?

Mas, o que eu gostaria de colocar é porque que a gente pensou em um circo...né, por que não noutro espaço ? Por que um circo ? Primeiro, porque é um espaço bastante simpático, né ? Sempre ' que se fala de circo a gente pensa em alegria, pensa em criança , né, pensa em palhaço... e a gente acrescentou algo mais, acrescentou aquilo que a gente pensa que deve ser um trabalho de cultura ' com as comunidades, com a cidade de um modo geral. Bom, nós gostaríamos que esse espaço que está aqui hoje,né, com tudo isso aí que vocês estão vendo, todo equipamento, o som, a iluminação, mesa, ca

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLANDIA

deira, o pessoal, né ? Veja bem, o pessoal que chega, e chega prá valer e se coloca de corpo inteiro. Gente, eu gostaria que isso tivesse em cada bairro. Mas, infelizmente, como isso custa dinheiro, e custa muito dinheiro, a gente não tem condição de ter um em cada bairro. Então, nós decidimos por esse espaço, prá ele permanecer 3 meses num bairro, para que ele pudesse durante esses 3 meses, veja bem, descobrir valores do bairro; pudesse permitir que a comunidade daquele bairro, durante aqueles 3 meses, desfrutasse de todo esse equipamento que eu falei, que não é nosso, não é ? É da comunidade, é de Uberlândia, é de todo o mundo. Então, e é agasalhado , né ? Porque se num circo é agasalhado... se está chovendo lá fora, a gente aqui não está molhando. E se o sol está muito quente, também pode até estar fazendo calor aqui dentro, mas, o sol não está direto... Então, é alguma coisa assim que reune uma série de conveniências prá nós, não é ?

A gente se pergunta, muitas pessoas perguntam : mas e aí , fica só 3 meses, como é que fica isso ? E o espaço, o equipamento, pois é, a gente gostaria que esse equipamento ficasse em cada bairro mas, nós não temos condição, não é ? Então a gente vem, fica aqui, ajuda a comunidade a descobrir os seus valores; e já pelas avaliações que vocês fazem semanalmente, pelo que eu converso com a equipe do circo, a gente já percebeu como tem valores artísticos culturais no Alvorada. E é uma riqueza que fica de certo modo escondida, né ? Então, a gente vem, aflora, quer dizer, aponta isso aí. É como se semeasse, colocasse uma semente na terra, né ? Ou... essa semente já existe, a gente simplesmente ia dar um jeito...uma ... colocar aí uma aguinha, qualquer coisa assim, prá ela desenvolver. E a gente espera que essa semente então desenvolva, né ? Nasça uma bela árvore e que os frutos sejam muito abundantes, para o benefício do Alvorada, do bairro. Agora, por que essa preocupação nossa de colocar esse equipamento todo em benefício da comunidade? Nós dizemos que isso é uma democratização do equipamento. É aquele

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLANDIA

direito que todo mundo tem de usar o que é seu, né ? Se não dá prá ficar o ano inteiro, fica pelo menos 3 meses. E por que isso ?

Porque nós achamos, nós da Secretaria Municipal de Cultura achamos o seguinte : que o importante de tudo que a gente faz é a pessoa humana. Tudo o que nós fazemos tem sentido se tem pessoa humana envolvida. E por que a gente pensa assim ? Nós pensamos assim, naturalmente, porque pertencemos a uma equipe de um prefeito que também pensa assim. Porque se ele pensa desse jeito, ele chamou a gente prá trabalhar com ele... gente que pensa desse jeito : que acha que o que é importante na vida é o bem estar da pessoa humana. E se a gente se preocupa com o bem estar da pessoa humana, a gente tem que se preocupar com o lazer da pessoa humana. E quando a gente traz um espaço cultural desse prá cá, a gente traz pelo lazer ' sim, porque nós somos corpo e alma, corpo e espírito, corpo e psiquismo, como vocês quiserem... corpo e energia. E esse corpo não aguenta um trabalho a vida inteira sem um mínimo de lazer, né ? Então, além desse despertar, fazer aparecer a riqueza de cultura que está aí... há escritores, né, que nós sabemos, compositores, músicos, tanto valor que tem aqui... então, além disso, também o lazer prá aqueles que ainda não despertaram para isso mas, que tem prazer em vir aqui e assistir. E mais, a alma, o espírito, a energia, necessita também de esclarecimento, necessita também de desenvolvimento, né ? Eu tenho sido convidada para falar com as mulheres nos bairros, eu tenho colocado o seguinte... porque o tema que já me convidaram para duas vezes é " a educação fora da escola ". E eu tenho, não vou fazer aqui hoje, porque senão tomaria muito tempo.. eu tenho dito o seguinte : que a educação, ela se realiza dentro ' de uma troca, e a troca, aquilo que a gente troca é a cultura. Então, quando essa equipe sair daqui, do Alvorada, ela está muito ' mais rica do que quando ela entrou. Assim como quando ela saiu do Santa Mônica, saiu mais rica do que quando ela entrou. Porque lá nós aprendemos muito e, aqui, também nós estamos aprendendo muito.

Então é essa troca que é cultura. Quando a gente troca uma receita de cozinha, quando a gente troca um conhecimento, por exemplo : eu fiquei sabendo hoje aqui, que o guarda aí da polícia está fazendo trabalho de macramê... veja que coisa bonita, gente ! Uma pessoa que desenvolve o trabalho manual juntamente com a mente. Porque enquanto a pessoa está fazendo aquilo ali, ela se concentra de tal maneira, que até os batimentos do coração dela, a pulsação dela abaixa um pouco, porque ela concentra naquilo ali. Então veja bem , isso aí é uma troca. Ele está aprendendo alguma coisa mas, ele está também dando alguma coisa. Dá inclusive segurança prá gente.

Então, todos os que estão aqui, estão trocando alguma coisa, as crianças, os adultos, a associação, todo o mundo está se enriquecendo mais. E eu acho que quem mais se enriquece com tudo isso, é a Secretaria, somos nós. Que a gente vai aprendendo, né, de cada lugar que a gente passa. Isso dá prá gente um prazer muito grande, porque nós valorizamos o homem. Então dentro daquele espírito que eu dizia, do prefeito... dentro daquela valorização do humano, do social... que o homem para ser feliz, ele precisa de ter as mínimas condições de habitação, de alimentação, de saúde, de educação, de lazer. Então, nós estamos nada mais, nada menos que seguindo uma política, política no bom sentido, política no sentido geral, política no sentido de " arte do bem comum " ... nós estamos seguindo uma política, uma filosofia de uma pessoa, de um governo, que tem em primeiro lugar o homem, em primeiro lugar o bem estar da comunidade. É por isso então que a gente tentou e está , graças a Deus, realizando com êxito esse projeto... porque foi um jeito que a gente encontrou de até saborear a cultura de cada bairro da cidade. Por que não ? Quando a gente sai daqui, vocês podem ter certeza, que nós vamos sair querendo bem o bairro, querendo bem as pessoas, a gente troca inclusive sentimentos, a gente troca inclusive afeição. Isso eu tenho a impressão que já começou a dar prá transparecer e, tenho certeza, que quando chegar o final, isso

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLANDIA

já está bem mais acentuado. Eu acho que era isso aí que eu tinha a dizer... vocês queriam que eu dissesse mais alguma coisa ? Acham ' que ficou faltando alguma coisa ? Então eu acho que agora, todos ' estão convidados a se manifestar, não é Ademar ? Só que o pessoal' está pedindo que fale... pode falar nesse ou naquele ali... qualquer microfone, tá ? Para o pessoal ouvir bem e porque nós estamos gravando também, viu ?

-

- Gente, é o seguinte : a finalidade aqui, hoje, acho que já está bem clara. O que nós queremos é ouvir de vocês o que vocês estão achando do Projeto Circo... Até que ponto ele está sendo importante ou não na vida de vocês ? Até que ponto vocês querem o ' circo ? O que mais vocês querem saber sobre ele ? Por favor, fiquem à vontade, usem o microfone, façam perguntas, façam depoimentos, questionamentos; nós estamos aqui para isso, tá bom ?

... Circo com fins culturais em Uberlândia, no momento, só existe esse, tá ? Aquele outro circo que esteve no Santa Mônica , ele não está mais lá, ele ficou lá mais ou menos uma semana, é um circo que foi contratado exclusivamente para se fazer uma campanha política. Não é que nem esse, não tem nada a ver com esse. Esse ficou lá 3 meses e já está aqui, tá ?

- Secretário da Associação de Moradores

- Gente, eu quero só fazer um esclarecimento aqui... há ' dias eu ouvi um comentário aí, a turma falando " esse circo veio prá cá, porque o prefeito tem que trazer prá cá mesmo. É obrigação dele levar nos bairro ". Então, eu quero esclarecer o seguinte : '

que não é bem assim. O circo veio prá cá e vai prá outro bairro é se o pessoal lutar, trabalhar por ele. Então, quero esclarecer por que esse circo veio prá cá : porque nós lutamos prá ele vim prá cá, trabalhando prá ele vim. Então é por isso que ele está aqui. E eu estou muito feliz dele ter vindo prá cá, porque eu juntamente com os colegas, os companheiros da associação, da diretoria, lutamos muito prá trazer ele prá cá. É o que eu queria dizer.

- Reginaldo (morador, 18 anos, bóia-fria)

- Que o circo trouxe prá gente aqui, acho que muita alegria, né ? Amizade, muita coisa boa. Eu acho que todo mundo aqui , que tá reunido hoje aqui, é só um objetivo... de falar bem, né,não criticar mal. Eu acho que é uma coisa muito importante esse circo aqui prá nóis. Trouxe muita amizade, muito carinho e muito amor também, né ? Prás pessoas aqui... o circo aqui é como uma mãe prá gente, ensinou muita coisa. Coisas que talvez muita gente não sabia que existia dentro da gente, é o sentimento que existe dentro da gente. O talento, acho que muita coisa, né ? Tô meio nervoso.. porque é a primeira vez, sei lá... bom...

Muita gente não tava gostando do circo, né, pensava que era só prá criança, palhaço, esses... então, sei lá, muita gente não pois fé no circo, né ? Até eu não pus fé no circo... até eu ! Bom a primeira vez que eu vim aqui, foi ver um desfile, vim prá valer mesmo e vim prá vaiar o desfile. Vim prá vaiar mesmo, sinceramente. Sabe ? Vim prá vaiar, vim prá bagunçar, eu era muito criança, não tinha conversa com ninguém aqui e isso ajudou bastante. E hoje eu tou aqui, defendendo e faço parte também do grupo, hoje . Critiquei muita gente, né ? Então... sei lá... eu queria que ele ficasse mais tempo aqui. Não, eu não vaiei... quando eu vi, sabe , quando eu vi o nível, vi no rosto de cada um ali, né, o nervosis -

mo, a tentativa de acertar... eu aplaudi, né ? Tive que aplaudir , que meus colegas ali em cima... demais mesmo ! Sei lá e trouxe muita coisa boa prá gente. Muita coisa boa. Muitos moleques aí acabaram virando homem, né ? Acabaram tendo sentimento. Sei lá... tem alguns aí que vem só prá fazer bagunça mesmo, só prá falar mal, só prá avacalhar o circo. Mas, a maioria aqui tem muito amor a ele.Se fosse prá ele ficar a vida toda... podia ficar. Nossa Senhora !... Demais... sei lá, acho que é isso mesmo. Num tô aguentando falar ' mais não. Depois, quando eu relaxar, eu falo mais...

- Supervisora da Escola do Bairro

- Como funcionária da escola do bairro, como membro do corpo docente da escola, o que a gente observou com as palestras que foram realizadas aqui, com os teatros, com as danças... e a gente' que faz um trabalho diário com adolescente na escola, e que tem ' muita vivência de anos de sala de aula e de escola... nós observamos que o nosso aluno, que antes falava muito sobre sexo(reforçando o que o jovem disse, por isso que eu resolvi falar agora) falava muito sobre sexo de uma forma errada ou, às vezes, quando a gente chegava para a escola só tinha rodinha nas esquinas, e era um papo assim que a gente via que não era bem pro adolescente que a gente queria formar aqui... Quando o Projeto Circo chegou até o Alvorada, a gente participou da abertura das palestras e, depois, a delegada de ensino não liberou que a gente suspendesse as aulas todas as palestras, a gente mandou então representantes dos alunos , prá acompanhar pelo menos os temas discutidos e reforçar mais na ' escola. O assunto do jovem mudou. Na escola eles discutiam desfile, o teatro que ia ter, a dança do domingo, os cursos que estavam fazendo, os jogos, a parte esportiva que o circo desenvolveu, a parte cultural... e a gente percebeu que o assunto deles mudou. Sa -

be ? Então a gente viu a importância de um projeto bem elaborado na vida do adolescente. É preciso que isso não acabe. Nós devemos comunidade/escola e a associação, que fez um trabalho maravilhoso, junto com a equipe da cultura e da prefeitura, que continuasse.... não por essa lona ir embora... mas, que aqui na sede da associação, continuasse os trabalhos, continuasse a desenvolver e a descobrir o que essa juventude tem dentro de si prá dar. Na escola a gente tenta tirar tudo que eles tem mas, o espaço nosso é pouco, o tempo é muito pouco. A gente mora longe, prá vir aos sábados, aos domingos, fazer um trabalho mais intensivo... e o Projeto Circo fez tudo isso. Então, como representante da escola e como supervisora que sou, e acompanho todos os alunos da escola, durante quase as 24 horas do dia, eu acho que vocês fizeram um trabalho excelente.

Não temos nada a criticar... e acho que as palestras poderiam ter sido mais trabalhadas. Por exemplo, o dia que nós viemos aqui, falou-se muito pouco e era um tema muito importante, né ? Doenças venéreas, falou muito pouco... outra palestra que foi feita aqui, que os alunos procuraram, se interessaram demais, foi daquela médica japonesa. É... foi muito rápida também... um tema excelente, que os meninos precisavam, eles tinham perguntas assim... mais avançadas prá fazer e o tempo foi pouco. Da próxima vez, a gente vai tentar... né ?... fazer um trabalho melhor. Infelizmente, eu adoeci, tive que viajar, não participei de duas ou tres. Mas os alunos participavam, levavam até a gente o que estava sendo discutido e, lá, a gente dava um reforço, nas aulas de ciencias, porque nós vimos que a meninada realmente estava interessada no trabalho do circo. Quanto ao desfile, as meninas da escola levaram as fotos prá gente ver... foi maravilhoso ! Foi uma pena que não foi durante a semana, que a gente pudesse assistir, né ? Mas foi muito bonito. E a meninada adolescente daqui, da comunidade, que despertou agora prá tanta coisa boa, não deixe isso morrer. Cutuca o pessoal da associação, que aumente os trabalhos lá na sede... a lona vai

embora mas, o ideal fica, né ? Não pode é deixar morrer. É isso aí.

- Pai de Família, morador do bairro

- Bem, eu como pai de filhos... meus filhos, né, tão participando e vão participar até o final do curso do circo aqui. Ajudei até que fizesse uma divulgaçãozinha não muito boa mas, da maneira que eu tive condições de fazer, que eu pude fazer. Primeiramente, eu quero agradecer a todos os pais que aqui vieram, porque eu acredito nisso aqui, que isso aqui é muito importante prá nós. Eu digo nós... é o povo todo da comunidade todinha do Alvorada. E só sinto não ter... não estar vendo todos os pais aqui. Mas já foi válido. Foi válido porque isso nos dá força, dá força pros pais , vendo os filhos unidos, eu quero que vocês continuem com esse trabalho; não só agora quando o circo tiver aqui mas, quando, às vezes, ele for embora. E nesse tempo também nós vamos contar com a participação da Secretaria de Cultura, porque elas tem muita coisa a nos dar. E a prova tá aí. Nós tivemos aqui dentro do Alvorada, surgiu tanta coisa que nós não conhecíamos. Eu não conhecia que meu filho pudesse desfilar numa passarela e eu vi. Eu não sabia que meu filho pudesse participar entre os jovens, conversando coisa boa, coisa sadia; e isso aí prá mim é muito importante, eu acredito que seja importante para os pais. E agradecendo também ao povo da Secretaria de Cultura, essa importância que tão dando prá nós. Porque isso foi válido prá nós. E eu, na categoria de pai, eu só tenho que falar bem do Projeto Circo. Projeto Circo foi aquela chavinha que faltava no peito de cada um . Aquela chavinha que abriu... e aquela porta se abriu e pôs tudo prá fora, o que ele tinha dentro dele. E através desse trabalho, eu acredito que muito jovem, com a ajuda do nosso presidente, com a diretoria da comunidade, venha a corrigir até... venha corrigir não, corrigiu....
(troca de fita)

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLANDIA

... ainda há ainda... mas com o nosso trabalho que nós vi-
mos desenvolvendo, que o Projeto Circo veio nos dar : essa força ,
essa orientação, essa beleza que nós estamos vendo... possa acabar
com isso, porque só vem a prejudicar todos os jovens... vai acabar
com a sua saúde, com a sua vida, é lógico !

E o Projeto Circo trouxe prá nós aqui também a união dos '
pais. Eu, por exemplo, não tinha o contato que eu tenho hoje. Eu
não conhecia o nosso presidente, eu não tinha o contato com eles ,
com todos os pais que vem aqui. O meu negócio era só trabalhar, '
cansar, esgotar minhas energias... e não tinha aonde eu jogar para
fora essa energia que eu usava durante o dia. Era só trabalhar, '
trabalhar, trabalhar e vinha do serviço para casa e de casa para o
serviço. Depois eu fui vendo, eu moro em frente... e demorei até '
um pouco a vim. A minha esposa me " cutucando ", me cutuca, cutuca,
vem, vai, vai, vamo lá, vamo lá... aí eu falei : " eu não vou me -
xer com isso não ". Mas eu vim e gostei. E gostei e vou continuar
com o trabalho. Se eu ver que há alguma coisa de errado então, é
lógico, que eu não vou continuar. Mas, pelo menos, eu acho que eu
não vou ver não... Não vou ver porque o trabalho que o circo fez '
lá prá nós, foi um trabalho de pureza, um trabalho de cultura, de
sabedoria, veio nos trazer força prá nós melhorarmos o meio ambien-
te que existia aqui dentro do Alvorada. E melhorou e vocês estão '
de parabéns e eu gostaria que esse circo ficasse até o fim do ano,
né, prá nos ensinar mais alguma coisa. Para nós cultivar mais essa
sementinha que, né, que tava plantada aí como a... a... eu esqueci
o nome dela... D. Iolanda falou. Faltava aquele adubozinho, aque-
la água, né ? Para que nós pudesse regar ele, cultivar direitinho;
então, os jovens eu dou um parabéns pros jovens, porque vocês estão
de parabéns... Vocês mostraram alguma coisa que eles sabiam que vo-
cês tinham e vocês puseram prá fora. E o circo nos deu tudo isso .
E muito obrigado a vocês, por vocês estarem aqui junto conosco.

- Isso aí, foi o que os alunos da escola mandaram pedir... que o circo permanecesse pelo menos até o Natal aqui.

- Criança do Bairro

- Eu queria mais era falar sobre a equipe-mirim, né, que a gente assim teve muito apoio da Patrícia. A gente tentou se fazer alguma coisa, tentou fazer os campeonatos assim, promover alguns campeonatos, assim... foi coisa que a gente tentou, né... O apoio da Patrícia mas, às vezes, assim não deu certo mas, foi coisa... que a gente tentou, né, assim... que a gente nunca tinha iniciativa assim para fazer. Por exemplo, uma maratona em volta do bairro, a gente nunca tinha pensado nisso. Nós estamos com idéias, assim, a gente troca idéia dentro da equipe-mirim... muita coisa boa também, né ?

- Moradora do Bairro, mãe de família

- Boa noite a todos ! É... de repente a gente escuta os lamentos das pessoas, né ? Cada um se lamenta de uma maneira. E eu também tou lamentando. Parece que o circo está saindo daqui. Ainda não chegou e já está saindo. Prá gente que começou a sentir o sabor do... de viver, porque de repente a gente estava apagado, a gente... esquecidos, às vezes, e veio despertar na gente uma alegria tão grande de viver. Olha para trás e veja quantos jovens. Os jovens estão aí. E a alegria do amanhã é o jovem. É a esperança de nova vida, é um crescimento na comunidade. É um despertar do amanhã, é uma coisa que dá vontade da gente viver com mais alegria. Então, nós estamos batalhando, tentando fazer alguma coisa, para

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLANDIA

alegrar mais a comunidade. Mas sem o circo não era possível. Eu , pelo menos, era uma pessoa que não participava de reuniões e coi - sas assim. E o circo veio trazer esse... despertar essa coisa na gente. A vontade de misturar com o povo e conhecer cada um, olhar no olho de cada um e sentir a necessidade de cada um, e conhecer ' os valores que aqui tem. Que são muitos ! São infinitos os valores que tem aqui, de crianças, de jovens, de velhos, velhos... vamos ' falar, pessoas mais amadurecidas; que tem muitos valores aqui, que estão brotando por aí. Então, essa semente... como a D. Iolanda ' disse, foi lançada na terra e ela está aí brotando.

Posso dizer assim que... que está brotando com uma força ' tão grande, que nós não queremos que esse circo vá embora... assim de repente... que ele prolonga mais os seus dias aqui. Mas , com isso não quer dizer que nós vamos parar com esse trabalho, que foi iniciado aqui dentro do Projeto Circo. Ele veio dar uma força tão grande, que nós tamos com coragem de caminhar com passos fortes e levar isso prá frente, porque afinal nós não vamos morrer. Ele ' veio trazer essa força. Então nós tamos pensando em algum local ' quando esse circo for embora, a gente poder reunir, fazer os nos - sos trabalhos, nossas apresentações. Imaginamos o Centro Comunitá- rio... nós tivemos discutindo mas, lá é muito pequeno, não compor- ta o povo que estão participando em massa, principalmente em apre- sentações, né ? Então, eu estive imaginando assim, a quadra... se há a possibilidade de cobrir a quadra, prá gente fazer nossas apre sentações, os nossos shows, as nossas apresentações lá. Então se - ria uma... não sei, fica no ar essa, essa idéia, né ? De se tives- se condições de cobrir a quadra... então já tinha um problema re - solvido prá nós: as apresentações podiam ser feitas lá.

Eu como morador do Conjunto Alvorada, eu tenho que parabe- nizar a associação pelo esforço que fizeram em trazer o Projeto ' Circo, lutar para que ele venha estabelecer aqui junto com a gente por esse período. Quero parabenizar também a Secretaria de Cultura

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLANDIA

por esse apoio que tá dando prá gente. O Rubens, sempre alegre, ' sempre sorrindo, sempre dando aquela maior força. As meninas que eu não posso dizer o nome delas que eu não sei por nomes, né ? Que também sempre tem aquele carinho tão... sei lá, tão aconchegante , aquela maneira de tratar a gente, tratando a gente como gente, que vive no meio de gente, né ? Eu acho assim... de repente, a gente ' tá se sentindo importante, grande. E antes a gente sentia tão longe, um bairro afastado do centro... e hoje não, nós estamos lá no centro da cidade. Nós sentimos assim, porque aqui nós podemos trazer qualquer tipo de pessoa lá do centro, para a gente discutir ' qualquer problema e resolver os nossos problemas aqui, através dessa associação, através da Secretaria de Cultura e outros meios também de comunicação... que pode vir aqui fazer a divulgação prá ' gente.

É um valor tão grande e eu quero parabenizar também, na ' pessoa do Zaire Rezende... também que tá dando a maior força, é ' uma pessoa simpática, que a gente também tem que apoiar. Isso é uma coisa que se porventura venha, amanhã, não existir mais esse circo... é uma grande perda. Alguém se falou aí de pessoas viciada em drogas, isso aí acontecia e a gente vê que tá eliminando essas coisas, as pessoas tá achando um lugar para se ocupar, para se divertir, para se apresentar... mostrar o que ele tem. Então, isso é importante demais ! Acho que cada um de nós tem que olhar para dentro e ver que isso é um valor grande, não só aqui para o bairro Alvorada, Conjunto Alvorada, mas todos os bairros de Uberlândia. Taí um dos problemas que podia ser sanado no Brasil inteiro, se existisse esse tipo de trabalho em todas as cidades. Porque a gente vê as crianças já participando, mostrando seus valores, tá deixando ' de fazer as suas briguinhas, brigar na rua... mostrar o seu carinho com o outro amigo" vamo lá no circo , lá tem coisas boa ". ' Quer dizer, é transmitindo as correntes positivas que tão saindo ' daqui de dentro. O Bené, a Bernadete, todos aqui, o... como que '

chama aí, o Ademar, tá dando apoio, todo mundo: Sirlon, a esposa dele, o filho dele e todos tão aqui reunido mostrando os... abrindo o coração: venha, aqui é nossa casa. Então essa casa tem que ser ali depois que esse circo for embora. Então, para isso nós tamos pensando nessa maneira da gente achar um local prá que a gente se reuna e trabalha.

... Eu acredito não... que todo mundo tá conscientizando ' disso aí, viu ? Eu acho que, eu particularmente, eu acho que toda a turma da associação, que fáz parte da associação, sempre teve o seu trabalho aí; nós que fomos covardes e não apoiamos às vezes na hora exata, que eles precisavam que a gente desse a mão prá eles e muitas vezes, gritaram sozinhos aí. Eu tenho certeza disso porque, muitas das vezes, eu vi papelzinho lá na minha casa lá : " ó temo reunião da associação para isso, para aquilo e para tal coisa... " ... e no entanto, às vezes a gente passava por aquilo e nem sequer dava bola. Mas, taí o fruto do trabalho aí ó... Não vai ser esquecido. Eu gostaria de deixar no ar só estas palavras e, de repente, pode surgir mais alguma coisa... se tiver oportunidade ... muito obrigado.

-

- Eu queria perguntar uma coisa... que eu cheguei atrasado e não fiquei sabendo. Ficou resolvido... o circo vai ficar aqui ' até... até o final do ano ou não ? Até janeiro...

- É nós não estamos ouvindo muito essa pergunta não... como é que é o seu nome ?

- Maurício.

- Maurício, você já reparou que a gente não está ouvindo ' muito essa pergunta ?... o pessoal tá falando, a gente tá passando entendeu ? Depois, no final, a gente tenta se lembrar que ela foi

feita, tá bom ?

- Bom, o que eu queria saber é se o que acontece aqui dentro do circo... é o que realmente acontece na comunidade ? Porque o que eu acho é o seguinte : que o que acontece aqui no circo não acontece lá fora... essa reunião de conversar e a pessoa apoiar os outros, e querer saber realmente quais são os problemas da pessoa.

- Eu acho que esse é o processo mesmo, sabe ? E ele é longo. Então isso aí, a gente vai adquirindo aos poucos, não é de uma vez. Então, nós vamos chegar, ou a curto prazo ou a longo prazo... quem sabe, nós ainda sejamos uma grande família... que aqui, no Alvorada, nós temos essa condição, são poucas casas, né ? Então, se isso ainda está acontecendo, Maurício, eu acho que é do processo mesmo. Mas, ainda nós podemos chegar lá... do que acontecer aqui dentro, acontecer lá fora também.

-

- Eu queria agradecer o pessoal do circo, porque deu uma força enorme na parte do esporte, arrumando... porque antes, aqui não tinha rede de volei... tinha mas, a associação do bairro , foi a primeira a ser feita quando inaugurou o bairro, esculachou...não essa aqui, a antes dessa que teve... esculachou, desapareceu os material tudo, rede rasgada... e agora, entrou a nova associação, forneceu os material prá nós, né ? O pessoal do circo também deu essa força e em relação também os alunos da escola : todo mundo tão querendo participar das reuniões, o desfile também foi muito importante, essas coisas tudo nova que tá acontecendo, moradores.. do circo ... estão vindo fazer suas músicas aqui, saiu até uma banda nova daqui, né... o " Fato Consumado " que, quem sabe daqui uns

dias pode estar estourando nas paradas de sucesso, né ? E o pes - soal do circo tá dando essa força enorme; a gente queria tentar ' que o circo ficasse aqui, pelo menos, até o ano que vem... a gente ... é ... é a vontade de todos. A gente começa a criar um, vamos ' supor, um animalzinho, um ursinho. A gente vai pegando estima com ele. Vamos supor... um dia, que ele... tem que soltar ele, não pode criar preso a vida inteira, um dia ele tem que ir embora... aí é como uma mãe da gente, a gente sente falta depois, né ? Que ninguém, ninguém vive para sempre, então, o pessoal do circo um dia ' vai ter que partir. Mas eu espero que podia ficar até o ano que vem com a gente... Tomara que... apesar ... ele pode ir prá outros bairro mas, eu te garanto que o pessoal do Alvorada vai ter plena' participação também. Eles usa os meninos daqui, do desfile, das música... vão ter interesse em outros bairro, prá poder participar , mostrar os trabalho que foram feito aqui, né ? É isso que eu tenho a dizer e obrigado a todos.

- Criança do bairro

- Também é que... agora falar... assim a gente tá sentindo assim falta, tá pouca gente assim coordenadora, assim como a Pa - trícia, a Dulce... a gente assim, era assim... era preciso de mais coordenadora. Assim só... elas assim, a gente sente falta, né ? ' Que a gente tá aprendendo muita coisa com elas... se fosse pos - sível, até 24 horas por dia, né ? Aí ia ser bom até demais. Falta' às vezes, assim... a gente não tinha os materiais para os esportes; a gente até tinha... mas, deu uns problemas aí, sumiram tudo e nunca mais vi, né ? Mas aqui no circo tá tendo, a gente vê que tá tendo material. Mas ainda é pouco. Mas a gente não sabe se tem condição de ter mais bola; por exemplo, só tem uma bola de volei; só ' uma prá futebol. A gente queria ver se tem condição, às vezes, de-

pois... não sei quando, né, de ter... reclamar... não é bem reclamar, falando que tá faltando... .

-

- Eu acho assim... que quando a gente fala em Projeto Circo, a gente nunca chega a entender mesmo o que que é esse Projeto' Circo. É só com o tempo passando, é que a gente passa... e as coisas acontecendo, é que a gente passa a entender melhor. E eu acho que eu ainda não estou entendendo bem ainda não, eu acho que eu ' tou começando... Porque as pessoas que participam, né,das reuniões de avaliação, da segunda-feira, puderam perceber que eu, pessoal - mente, tava muito ansiosa com o Projeto Circo... que eu tava pen - sando numa coisa e, até na última reunião, eu fiquei meio chateada com o pessoal que não aceitou quando eu sugeri que, na sexta-feira, amanhã, fosse discutido " Constituinte ". E que o pessoal não aceitou e quiseram dançar, né ? Eu fiquei chateada na hora. Mas, acontece que depois eu fui pensar melhor, né ? Porque o pessoal tá querendo mais é lazer... agora, a necessidade do nosso bairro, a nossa realidade é essa. Então, precisa de lazer; os nossos jovens não tinham aonde ir, o que fazer, os adultos também, as crianças, né ? Então é a necessidade nossa, no momento, é lazer. Então ela tem que ser dada prioridade. Que lazer é saúde, é educação, é vida. E nós estamos necessitando é de lazer mesmo, no momento; porque, vai chegar... e a medida que o tempo for passando, o circo vai embora, mas nós vamos ficar aqui. E nós vamos fazer alguma coisa prá que isso continue acontecendo e nesse... com essas coisas acontecendo, vai chegar num ponto que as pessoas vão sentir necessidade de algo mais, né ? E que vai ser incrementado, que a coisa tá mudando e ' vai mudar mais. Agora não podemos é esperar que ela muda de repente. E eu acho que o Projeto Circo é isso aí... em cada lugar, ela

vai acontecer de uma maneira, de uma forma e a nossa aqui, é do jeito que tá acontecendo mesmo. Não pode ser diferente, né ? Então eu acho que o circo tá cem por cento bem, olhando por esse lado , que é o que eu não estava achando mas, quando eu pensei melhor ... eu acho que é isso mesmo: ele tá cem por cento bem. Agora, o que nós precisamos, que eu comecei a pensar também, é que a gente continuando esse projeto, nós vamos necessitar de muita ajuda da Secretaria de Cultura e, com isso, vem aquela questão do orçamento . Quando o prefeito nos convida para discutir o orçamento, que nós ' vamos discutir ele mesmo, que da próxima vez, o próximo ano que ' nós formos convidados, que nós vamos e que discutamos cada secretaria em separado, e que nós pedimos equipamentos e uma série de coisas, até mesmo melhores salários para os nossos funcionários, porque isso aí vai reverter em nosso benefício mesmo. Que ela existe' é prá nós, e que se nós exigimos que o prefeito pague melhor os ' funcionários, que cada secretaria tenha o seu equipamento, a sua verba disponível prá nos fornecer essa ajuda, então aí, nós vamos ter essa ajuda. Agora, se nós não exigimos que a secretaria tenha' equipamento, né, nós não vamos ter também essa ajuda. Porque é o que acontece, né ? A secretaria não tem equipamento, como é que ' vai ajudar ?

- Pai de Família

- O que eu quero agradecer é a presença dos ouvintes que estão aqui. E quanto aquilo que o Amadeu falou... é ninguém antes' dava a mínima pelo convite de reunião. Hoje, por incrível que pareça, a quantidade que se apareceu mostrou que o circo tem um valor. Quando se trata de Projeto Circo, projeto que eu entendo... é uma coisa que está a caminho de ser elaborado... porque se fosse um ' circo de show, espetáculo, estaria escrito lá por fora : Circo Mu-

nicipal ou, então, Circo da Prefeitura... não seria Projeto Circo. Quanto à equipe de apoio, tem desenvolvido um trabalho excelente , e o pedido de alguns quanto... o Artur, o Maurício, pedindo para ficar até o ano que vem... o circo ainda não está indo embora não, eles ainda vão chegar até lá prá ver o que vai dar isso aí. E é só isto. Obrigado, hem ?

-

- Agora, eu queria reforçar o pedido, sobre reuniões assim ... que quando a associação mandar o convite prá vocês participar' de reunião, mesmo que não seja Projeto Circo, que vocês compareçam prá ajudar a gente, a associação, porque sem a ajuda de vocês a associação não é nada. Então, eu pediria prá vocês participar com a gente, nas reuniões da associação prá ver se a gente consegue melhora para o bairro.

- Tesoureiro da Associação de Moradores (21 anos)

- Que alegria : Projeto Circo- Emoção! Projeto Circo é participação ! Esse aí é o lema que eu criei e eu fiquei muito feliz' de ter uma boa recepção da comunidade, pelos jovens, por todo mundo. Isso é característico, isso faz parte do Projeto Circo, né ? ' Todas as noites, todas as horas a gente fala nisso aí. Eu tenho ' tanta coisa prá falar que eu não sei se vou conseguir expor essas palavras de uma maneira organizada... que vocês consigam captar ' aquilo que eu quero expressar. Primeiro, eu gostaria de fazer um pequeno testemunho e depois uma avaliação... e no final, uma proposta. Eu estou com 21 anos (novinho, né gente ?) e eu comecei o trabalho artístico com 12 anos. A primeira vez que eu pisei num '

palco de escola, peguei o microfone e sempre desenvolvi trabalho ' assim de última hora, de não preparar, de sair aquela coisa de improviso... e foi daí que eu comecei e fui aperfeiçoando mais, sempre falando em público e tudo mais. E sempre aparecendo oportunidades, pessoas acreditando no meu trabalho, depositando confiança, cheguei a ser orador de formatura, quando me formei... fui escolhido como orador oficial da formatura. Cheguei no Alvorada... aliás tava no seminário, né ? Saí do seminário, mudei para Uberlândia , cheguei aqui no Alvorada. A associação de moradores, não sabia o que era, me despertou curiosidade, eu entrei. Entrei e comecei a trabalhar. Entrei como orador. E comecei a trabalhar com a comunidade e sentia aquela coisa comum, aquele espírito de comunidade... como a gente fazia para unir as pessoas, prá esse pessoal trabalhar... no sentido, no objetivo comum.

E com o Projeto Circo, ele deu aquele toque diferente, ele deu um espaço não só prá mim, deu espaço prá todos participarem. E apareceu a música, ela teve boa recepção; apareceu a dança, ela teve boa recepção... não só em palco, como também a integração das ' pessoas aqui em baixo nas arquibancadas. Aqui, no tablado todos ' participando... e no trabalho que eu desenvolvia de apresentador e animador, eu fiz o possível prá... estou fazendo e continuarei fazendo prá que desperte o valor, que as pessoas acordem, pô..." meu espaço é aquele, eu tenho que subir, eu tenho que criar coragem ' não é só prá subir no palco, eu tenho que criar coragem prá subir' e mostrar o que eu sei fazer. Prá subir e divulgar a cultura, aquilo que tá aqui dentro e que ninguém viu " . Que muitas pessoas ' aqui dentro se revelaram, estão se revelando e vão se revelar. Em termos profissionais também. Tem o Amadeu que estava encoberto, ' tem 12 anos de experiência em teatro... tem jovens que estão começando. Desfile - quando eu falei desfile, aqui todo mundo ficou ' assim, né ?... Sim ou não ? Mulheres... me veio a idéia, por que não homens ? Por que só mulheres ? A mulher desfila a feminilida -

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

de, né, aquele toque feminino. Por que não... homens subir na passarela e mostrar o lado masculino também ? Uma vez que... é não seria cabível... a palavra gays, né, andam ocupando esse espaço...' e as pessoas tem preconceito quanto a um homem subir numa passarela. E foi difícel pegar os cinco primeiros, os dois primeiros, o primeiro... prá colocar na inserição, prá ensaiar. A partir do trabalho, primeiro as pessoas viam... " se você for , eu vou... a não, eu não vou..." Viu o colega entrando, acreditou, " despreconcei - tuou " . É o que eu queria que acontecesse. Achei que seria muito' difícel e, no entanto, não foi tão difícel assim... e no caso do Reginaldo, ele veio prá vaiar. Ele veio prá vaiar e, hoje, ele tá no grupo e vai desfilar. E tem mais jovens entrando, tem gente.... quer dizer, tudo isso é " despreconceituação " . Tudo isso é uma conscientização que eu faço questão de no trabalho com desfile, ' com música, com divulgação, com apresentação, conscientizar as pessoas. Por que fazer sempre isso, sempre isso, por que os outros fazem ? Por que não fazer aquela coisa que a gente tem vontade de fazer e que não foi feita ainda ? Só por que andam fazendo, a gente' vai fazer ? Eu acho que não. A gente tem que fazer as coisas por - que tem vontade, porque aquilo tem um sentido.

Quanto à avaliação, eu acho muito válida a participação de todo mundo aqui. Filmes, foi excelente a recepção. O primeiro não, o segundo teve boa recepção, foi bem aproveitado, trouxe uma mensagem. A organização das pessoas... tem gente que anda conversando ' nas reuniões mas, a maioria não conversa, a maioria presta atenção, participa, dá opinião, dá sugestão, né ? E do trabalho, principalmente do grupo de desfile que é o número maior... que eu dediquei' mais com a turma, hoje está com aproximadamente 43 pessoas, já fechou em torno de 43. Eu tava liderando o grupo assim... eu fazendo tudo, de repente, eu despertei assim : eu não posso ficar fazendo assim, que as pessoas vão ficar de braços cruzados e não vão fazer nada. Organizamos equipes. Essas equipes estão fazendo divulga

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

ção, essas equipes estão indo atrás de roupas prá desfilar, essa ' equipe está desenhando, essa equipe tá ensaiando os próprios colegas... quer dizer, que despertou o lado cultural e despertou também o lado de ensinar as pessoas, o lado de participação, de organização, que é muito mais importante, que eu fiz questão de frisar com as pessoas... que desfilar, não é só subir na passarela, ' que desfilar tinha um outro sentido, tinha o sentido cultural, tinha o sentido pessoal, tinha que ter uma organização prá acontecer isso. E está acontecendo... isso tá entrando na cabeça de cada um devagarzinho, na medida que entra na cabeça de um, o outro colega' sente e passa prá frente isso.

Agora o Projeto Circo vai embora, em janeiro, se Deus quiser. Porque eu tenho certeza absoluta que vocês tão aqui presentes ... se vocês quiserem, o Projeto Circo fica até o dia primeiro. ' Uma pessoa sozinha, pode ter o maior ideal do mundo que ele não ' consegue se realizar. Mas se tem mais um companheiro e tem mais ' uma companheira, e isso vai crescendo... esse grupo é abrangente , a união faz a força. Isso acontece. Aqui tem aproximadamente 60 ou 100 pessoas. Isso é a voz da comunidade. Um sozinho chegar aqui e implorar: eu quero que fica, eu quero que fica... talvez, não fica mas, se todos falam e se todos pedem, estamos unidos, é isso que queremos, acontece. Tem que ter união. E tem que ter participação' também. Agora, o Projeto Circo vai embora dia 1º de janeiro... depois do dia 1º, como que vai ficar o Alvorada ? Nós temos aqui hoje, o Centro Comunitário, embora esteja em lugar não muito adequado, aqui, em volta de bares assim... né ? É um lugar que nós temos. Depois, temos a quadra e temos esse terreno que " sagrou " como o local cultural do Alvorada, né ? Se sagrou com um projeto assim, é porque ele ficou " sagrado ", né ? As pessoas quando se fala em apresentações, direto já se lembra desse... (troca de fita).

... vamo ver se o pessoal tá preparado prá continuar esse trabalho cultural quando o circo for embora. Nós vamos fazer sába-

do, à partir das 20 horas, lá no Centro Comunitário, uma apresentação de trabalhos artísticos, começando com teatro, passando para dança em palco, com Catira - Dança Jovem, depois apresentação de música sertaneja... o Fato Consumado também vai apresentar; nós vamos encerrar com o desfile do grupo Nativo. Essa comissão que tá organizando é composta pelo Sr. Sirlon, o Wellington, seu filho; o Amadeu... tem uma assinatura que eu não entendo... o Evaldo, popular " canela "; o Reginaldo, o jovem; o Lúcio - que faz parte do conjunto musical; a Sandra, que faz parte do grupo Nativo e do grupo musical; o Valdir, faz parte do grupo Nativo; o Valdemon, o jovenzinho; o Rubens, tá apoiando a gente por enquanto, eu... e a gente quer que entre também mais pessoas prá gente fechar isso ' aqui em torno de 15 pessoas. Que isso aqui seja uma estrutura de organização desse movimento cultural. Que seja registrado essa entidade cultural, prá gente se afirmar mais ainda esse trabalho, ' que tudo tem que ter base, não basta fazer, vamos apresentar, não; tem que ter uma base prá isso continuar, tem que ter uma preparação. Participe, viu gente ? Tem que se unir, tem que participar , a gente vai prá frente, né Carlinho ?

-

- Gente, eu queria só dar um lembrete " proceis " ... É o seguinte: ... falando muito em cobrir a quadra, prá continuar o trabalho... eu quero passar prá vocês o seguinte... que a prefeitura nos doou um terreno, que fica entre a 6 e a 7. Acho que todo ' mundo conhece o terreno. Eu devo assinar a escritura dele, segunda ou terça-feira. Então, esse terreno é prá construir o Centro Comunitário nosso, e esse terreno tem um prazo prá ser construído, né? Se a gente não constrói dentro daquele prazo, então ele volta automaticamente pro Estado, pro Município, né ? Então, eu acho assim a idéia de cobrir quadra muito bonita, tal... mas, eu acho que a gen

te deveria de unir e pedir ajuda prá construir o nosso próprio centro, prá gente não perder o terreno. E quero lembrar também, quando a Bernadete colocou que a gente tem que... quando o prefeito convida para fazer o orçamento, que a gente tem que ir, pedir coisa. Eu quero lembrar que o Alvorada pediu verba prá cultura... me parece, não sei... me parece que foi só duas associações que pediu... então, a Secretaria de Cultura, prá 87, ficou sem... porque foi a minoria que pediu, né ? Quero lembrar, deixar claro prá vocês, que o Alvorada pediu né, no orçamento, verba prá Cultura mas, como foi minoria, não foi prioridade. Então, ficamos sem prá 87, né ?

- Secretária de Cultura

- É... isso aí, eu ia até falar no final mas, até foi bom a Bernadete ter levantado o problema, porque realmente aconteceu isso. Vocês imaginem bem, que como a gente já tinha experiência do Santa Mônica, nós, entre os vários projetos que nós colocamos prá 87, colocamos um 2º circo. Por infelicidade nossa, exatamente porque as associações não... só duas se referiram. E foi por prioridade. Se entre 60, 58 pede educação, pede saúde, pede transporte e 2 pede cultura, é evidente que isso nem entra, nem entrou na lista. Quando muito, lá nos últimos lugares, entrou como lazer. Então, o que que aconteceu ? Todos os nossos projetos realmente foram podados. E o circo, ainda que nós consigamos ganhá-lo, veja bem, porque nós podemos batalhar, né ?... possamos ganhá-lo, nós não temos no orçamento dinheiro prá contratar nenhuma pessoa. Como é que funciona um circo sem uma pessoa da prefeitura ? Como é que nós fornecemos a infra-estrutura ? Então, ainda que a gente continue com a mesma garra de sempre, né, como nós ganhamos esse aqui,mas, nós não temos condição, de nenhuma... então, é muito importante isso ,

que já foi colocado pela Bernadete e pelo Ademar. No orçamento é preciso que vocês coloquem as prioridades. Então, embora a gente ' sabendo que o benefício que o circo vai trazer, nós não vamos po - der... a não ser que aconteça alguns milagres, né, em orçamento e que o prefeito diga : " não, você pode contratar ". Aí, eu posso ' tentar ganhar o circo. Como a gente já tinha até... prá dizer a verdade, nós já tínhamos até ganhado, viu ? É... mas, não temos ' condição de levar prá frente a promessa da pessoa. Viu ? Isso aí é muito importante mesmo prá nós e acho que prá comunidade.

-

- O que eu tenho a dizer é em cima daquela pergunta que eu fiz... o que tá acontecendo aqui no Alvorada, é que o pessoal tá ' com medo que o circo vá embora. Porque é o que realmente acontece' essa reunião de pessoas, conversando, esclarecendo as idéias, tro- cando idéias, só acontece aqui. Então, eu vou fazer um pedido prás pessoas do Alvorada : que quando ele for embora, que se eu tenho ' um problema, você tem um problema, a gente... do mesmo modo que vo cê pensa, que você pode resolver o meu problema, talvez eu saiba ' coisa que você não saiba, e eu possa resolver o seu problema. Como eu acredito que tem muita coisa que você sabe e possa resolver o meu problema. Então, eu vou fazer um pedido: prá que quando for em bora, todo mundo, mesmo quando ele for embora, todo mundo quando ' se encontrar na rua, bar, troque idéias. Não tem nada a ver... a gente sentar numa praça, num banco de praça e trocar idéias, escla recer problemas que eu tenho, que você tem. Isso aí vai ser uma ' ajuda, vai ser mútuo, né ? Do mesmo modo que você pode me ajudar , eu posso te ajudar... então, esse medo do circo ir embora, eu acre dito que seja isso... que só tá acontecendo essa reunião aqui.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

- Pai de Família, morador do bairro

- Eu não sei como mas, eu vou tentar. O Benedito fez um ponto de apoio aqui, baseado prá que nós pudéssemos encostar, na ' diretoria, no presidente da comunidade do Alvorada. Mas, isso não depende somente do Benedito. Depende só também de nós, que é a equipe de apoio. Essa equipe de apoio e a diretoria da comunidade ' do Alvorada, só vai funcionar através da sua colaboração, da colaboração de todos. Porque o circo plantou prá nós aqui e nós, então nós tamos cultivando... A sua preocupação é que continue isso, não é isso ? Então, eu convido você e todos os jovens, todos os pais , que a partir de hoje... mesmo, agora mesmo, o meu amigo que eu não sei o nome dele, ele falou isso aí, chama-se reuniões. É através ' dessas reuniões é que vem surgindo... não, não é preciso ser na casa de alguém. Nós temos o Centro Comunitário lá. Nós podemos fazer lá. Então, o Ademar com a turma da associação... prá começar a trabalhar nisso.

Como eu sou um pai e eu quero ver o desenvolvimento do trabalho dentro do Alvorada, quero ver a cultura, o meio ambiente, a saúde, o desenvolvimento, o reflorescer das idéias das nossas ' crianças pequenas que vem por aí, né ? Prá mudar o sistema de vida que nós estávamos vivendo aqui e que o circo veio despertar isso ' prá nós. Então, a única maneira de nós agradecermos, não é falar ' obrigado para o Rubens, e nem prá D. Iolanda, e nem pro nosso presidente, não. A maneira de nós falarmos obrigado a isso é dar continuidade a esse trabalho. Mas, isso não depende só de nós, depende de todo o povo do Alvorada. Como está dependendo do povo do Alvorada pedir que o circo fique até o final do ano. Então, se é essa a sua preocupação, preocupação de todos, que o circo fique e que esse projeto continue, basta que nós lutamos com garra. Porque tudo é possível. Tem aquele ditado : " A montanha não vem a Maomé, né, mas Maomé vai a montanha ". Então, nós vamos ser Maomé, não... é o tal negócio que eu te falei... nós vamos fazer reuniões, nós '

vamos discutir, nós vamos debater, né ? Prá que isso se sucede, ' porque não é sozinho, porque é muito difícel... você acha que é brincadeira o Ademar chegar lá na prefeitura e falar : " ô seu prefeito, eu quero montar o circo lá no Alvorada." Ele falou : " Quem é o senhor ? " " Eu sou o presidente lá do Alvorada." " Mas, só ' ocê veio aqui ? " Primeira coisa que ele vai falar procê, né Ademar ? Então, vamo lutar todo mundo junto; essa é a nossa comunidade, essa é a nossa saúde, essa é a nossa vida ! Eu tô com 42 anos mas, esses menino aí tá com 12, 13 anos. Tem criança aí que vem subindo... então, vai depender muito de nós. Então vamo lutar por isso, vamo dar valor, vamo agradecer o circo dessa maneira, né ? ' Esclareci ? Foi bem esclarecido ou não ?

-

- Mas, a nossa proposta, a minha proposta quando eu lancei né, não sei se você tá sabendo... o problema das carteira aí, a minha preocupação justamente é isso, é prá gente dar continuidade. Então, quando a gente pediu... formar sócio, é porque a associação não tem verba, não tem condição de levar um trabalho sozinho. Escrito aqui tem acho que 21 já, né ? Não, nós precisa da comunidade inteira, ocê entendeu ? Então nós tamos começando assim, né... se nós temos 21 hoje, amanhã nós podemos ter mais 30... eu quero que' ... ver se pega, ao menos, 5 mil, que é o que tem aqui no Alvorada. Então, porque a gente gasta, né, porque aqui eles tem um gasto, a prefeitura, a Secretaria de Cultura arca com esse gasto que tem ' aqui. A associação não tem condições de arcar com o gasto, se não formar associado, né ? Inclusive, lançamos aí, e tem muitos jovens que tá achando que até é pouco... mas depois, a gente pode sentar' junto e discutir se quer dar mais, né ? Tudo bem, a gente muda o processo : que ela tá lançada com 5 cruzados por mes. Mas se todo

mundo, né, associar, a gente consegue fazer'alguma coisa. Então, a preocupação nossa é de dar continuidade mas, nós precisamos de associado, mesmo não tanto pelo dinheiro, mas prá participar e trocar idéias e ajudar a gente a levantar, pedir... a gente precisa ' de construir o Centro, nosso, porque o terreno é grande. São 400m², Dá prá nós fazer um Centro lá, que dá procê fazer muita coisa lá dentro, né ? Então, a gente junto... a gente consegue a ganhar a coisa, batalhar, se nós não temos condições de construir ele agora, podemo sentar, discutir e fazer um ranchão lá, e fazer as atividades lá, enquanto vai juntando material para construir. Prá fazer a inscrição é só trazer, vim trazer o nome, do pai e mãe... tá fazendo aqui com a Mara. A Mara é que tá fazendo inscrições prá ' gente. Traz a foto, né ? Não, quando eu te entregar a carteira, ' ocê paga. Certo ? A idade é de 13 anos acima. Pois é, ocê pode procurar a Mara aqui, ela fica aí durante o dia. Aí ocê vem, traz e faz a inscrição. Eu tenho 80 carteira pronta, né ? Cortada... é só preencher e mandar plastificar, aí no dia que eu te entregar ela , ocê me paga, e o seu vencimento passa a vencer daquele dia que eu te entreguei, entendeu ?... Não, isso aí é o que a gente pôs...também, você fala com o seu amigo, traz seu amigo, traz seu pai, sua mãe... vamo associar todo mundo. Se nós associar todo mundo do Alvorada, nós faz coisa aqui incrível. Porque tem muita gente e um pouquinho de cada um, que tire de cada um, vai dar prá gente fazer muita coisa.

-

- É... eu queria falar o seguinte : tem muitas pessoas falando aí, de se cobrir a quadra. Então, o ano atrasado, não trocou o secretário ainda, né, é o mesmo secretário... então, o ano atrasado, mediante tantas reivindicações para melhoria da nossa praça,

inclusive a construção de banheiro, então houve uma conversa, entre a associação e a secretaria, de se cobrir a quadra. Então, não é alguma coisa impossível, não. Eu acho que a gente podia retomar' isso aí. E tem uma outra coisa que foi falado muito, na outra reunião de quinta-feira passada, é do projeto da horta comunitária . Então, ficou da gente ver isso aí, arrumar uma comissão e plantar' essa horta, antes do circo ir embora. Que aí a gente tem mais força prá fazer isso aí.

- Manoel, jovem do bairro

- Bom, por exemplo, eu nunca falei assim na comunidade.... bom igual vocês está falando a respeito assim de problemas da comunidade, né ? Bom, igual vocês falou assim a respeito de toda comunidade, eu acho que muitos jovens aqui não está sendo bem recebido a comunidade, certo ? Então, tem muitos jovens aqui que, por exemplo assim... a pessoa vai conversar com uma pessoa, então, ela já " dispende " e não quer mais falar com você. Então, é o seguinte: tem muitas pessoas assim que, por exemplo, tá assim... com " exceção " da comunidade. Como muitas pessoa aqui, eu como trabalhador' também tenho o direito assim de participar na comunidade. Então,eu acho que não tou tendo essa participação, como eu, como muitos jovens não tem participado da comunidade por falta de oportunidade . Certo ? Então eu acho que a comunidade e como a... (como é que fala aquele negócio da comunidade, da exceção... como é que é ? Que participa do bairro, comunidade do bairro, né ? Não num tô excluído do bairro não, não tô excluído do bairro)... a associação não' dá muito apoio a muitos jovens aqui do conjunto. Então, por isso ' tem muitos jovens aqui, que nem mais participa assim da comunidade do bairro. Então, isso aí é um problema muito sério, eu acho. Prá mim, por exemplo, que eu por exemplo sou um trabalhador e como muitos trabalhadores aqui que não participam do bairro, sabe ? Por

falta de oportunidade. Então, as pessoa da associação não dá oportunidade de muitos jovens que queriam participar, certo ? Então eu penso assim que... eu acho que todos como você, a Bernadete, o Ademar, o Sirlon ou qualquer um, ou o rapaz da mesa lá, do bancário ' sei lá qual que é... então tem que dar oportunidade de se colocar' prá falar,' porque muitos jovens... o que eles tem prá falar, eu tenho prá falar também... eu tenho a oportunidade, tenho o dever e ' tenho o direito de falar. E muitas pessoa aqui não tem oportunidade de falar e tem muita vontade da falar, e não fala por falta de oportunidade, certo ? Então, isso aí eu acho que é uma coisa muito grave assim... sobre a sociedade do conjunto.

Porque muitas pessoa aí assim excede as pessoa que já tão' assim meio isolada do bairro. Então... eu acho que todo mundo deve assim ter uma oportunidade. E eu acho que eu, por exemplo, nunca ' tive uma oportunidade no bairro prá falar. Essa tá sendo a 1ª vez, oportunidade... sempre porque eu insisti, hem ? Prá falar... Então tem muitas pessoa aí que fala, fala mas, fala muito mas... não tá ... acho que prá mim, pela 1ª vez que eu tou falando assim sobre a sociedade de todo mundo e que eu tou falando aqui, eu acho que eu sou uma pessoa excedida do bairro, assim uma pessoa exceção, eu sou... quer dizer que por mim eu não moro mais no bairro. Então , muitas pessoa... que eu tenho várias idéias, que eu acho que prás' minhas idéias pode muito ajudar muitos jovens aí que tá na comunidade e não participa, por falta de oportunidade. Eu acho que a associação deveria ter mais oportunidade a dar para os jovens. Que tem muitos jovens aí, por exemplo, em falta de ... assim... de drogas, por exemplo, tem muitas pessoa assim que eu acho que nesse ' conjunto que tem... a maior parte desse pessoal aí que excede os jovens aí, por parte de drogas. Eu acho que nem todo mundo aqui ' usa drogas. Então o pessoal excede, põe por exceção que ele não ' faz parte do bairro, sabe ? Então, eu acho assim que o pessoal tinha que dar uma... um apoio aos jovens que, por exemplo, ou usam ' ou deixam de usar, usou ou vai usar... ou sei lá o que que tá '

acontecendo... então, eu acho que eles devem dar um apoio assim , que tem muitos... muitas pessoas que não usam ou deixa de usar, então... que é a mesma coisa de outra pessoa aí que... tem muitas pessoa aí que não usa, nem deixa de usar e nem faz nada na vida , que é inútil no bairro. Eu, por exemplo, eu acho que eu não sou um inútil no bairro. Mas tem muitas pessoa aí que acha que eu sou inútil... não é só como eu, vários jovens aí que acha que é inútil no bairro. E eu acho que eu não sou, e nem vários jovens aí que não é sabe ? Então eu acho que a associação deve ter assim mais um pouco de apoio com os moradores, com os jovens, assim que tá isolado da associação. Por exemplo, eu sou isolado da associação e vários jovens aí, também, são isolado da associação, certo ? É só isso que eu tinha prá dizer. Muito obrigado, a todos.

- Benedito

- Não é o " China " não ? Qual que é o nome dele ? Manoel? Primeiro, eu quero elogiar a sua participação, tá ? Isso é participação. Que que acontece ? Quando a gente fala : vamos participar , muita gente fica de braço cruzado... é isso que tem que acontecer A gente não tem condição de pegar um por um. Às vezes, pega um , pega dois e comete a falha de não pegar todos. As pessoas tem que se deslocar, tem que ir atrás, tem que buscar. É isso que ocê tá fazendo. Agora, aqui no bairro tem necessidade de formar um grupo de jovens, que não seja com objetivo talvez... religioso como acontece... mas, com objetivos sociais, com objetivo de integrar a sociedade, a comunidade. Com o objetivo comum de resolver os problemas individuais, de participação. Eu lembro também que está acontecendo o Projeto Circo... é da associação que conseguiu, trabalho junto com a associação. E tem a oportunidade agora das carteirinhas da associação, o associado vai se tornar membro da associação,

tem uma responsabilidade, tem um lugar, tem um espaço seu. É importante ocê participar também.

- Manoel

- Certo Benedito ! Mas você tem mais argumento que eu, sabe, prá falar assim... porque eu nunca falei em público. Ocê tá ligado qual que é ? Então é o seguinte, você tem... você fala com todo mundo mas, tem muito jovem que tem vontade de falar mas não tem oportunidade de falar, certo ? Então, esta é a primeira vez ' que eu tenho oportunidade prá falar e assim mesmo é porque eu insisti, certo ? Então é o seguinte : você fala muito bem no palco ' aí... então, é o seguinte : você... tem muitos jovens aí que tem vontade de falar aí em cima, então você dá a oportunidade prá eles. Mas, você dá oportunidade prá eles, mas quando ele vai falar na frente... todo mundo vai vaiar ele. Então, ele já vai no medo...então, não vou porque o seguinte... não vou porque eles vão me vaiar. Então ele não vai... então, é falta de humanidade da comunidade do Alvorada, certo ? Qual que é ? Entendeu ? Muito obrigado.

-

- Manoel, eu quero dar... tornar a mais público, já foi ' tornado público na reunião da equipe de apoio, quero lembrar o exemplo, é típico o que está fazendo... vou dar o exemplo aqui. O ". Spok " tá aí ? Spok levanta por favor. É um jovem, um adolescente que ficava nos bastidores bagunçando. A gente pedia prá sair , quase que brigava com ele, na última hora assim, quando não suportava mais... ele não saia, ele tava desorganizando. Ele queria ocupar o espaço dele, só que ele não assim tinha argumento prá falar, ele não tinha um meio de manifestar. Não sei como que aconteceu...

nós devemos dar apoio prá ele. Eu disse prá ele : " fica na cortina, você vai abrir e fechar a cortina prá nós ". Ele tá abrindo e fechando a cortina, tá atrás das cortinas, muitas vezes ninguém vê. Ele tá tirando o pessoal, muita gente que tá bagunçando... ele pede prá sair os coleguinhas dele. Ele é um desorganizador a menos e um organizador a mais. É mais um participante. Agora, a gente tem que se deslocar, tem que vir e eu acho muito interessante ocê falar... questão de argumento, não quer dizer nada não. O importante é que ocê quer falar. Eu tenho certeza que todo mundo que tá aqui dentro, principalmente a mesa, tem uma maior facilidade de captação assim... não desprezando os outros. É... reconheceu o que que tá dentro de você, esse desabafo seu, né ? É válido ! Ocê não sabe o que fez aqui agora. Você não imagina... você se integrou ainda mais com a comunidade, né ? Os adultos que tão aqui, vão " despreconceituar " quanto você ou outras pessoas... o jovem que fica um pouco arredio, um pouco afastado. Eles vão " despreconceituar " , vão te aceitar. Porque eles estão vendo esse seu lamento, tão vendo a sua... sua pressão, entendeu ? Isso tem que acontecer. É sua participação. A gente tem que deslocar, tem que ir atrás... eu acho interessante também o respeito. Eu brigo muito por causa disso, né ? E quando ocê sobe aqui em cima, não precisa ter medo de vaia não... porque tem alguém aqui em cima que tá te apoiando, né, no meu caso... eu prefiro ser vaiado do que um colega meu ser vaiado. Eu fico contente quando sobe alguém aqui, ele é aplaudido e eu sou vaiado... eu prefiro... eu que tenho uma estrutura prá aguentar uma vaia, que sei acatar uma vaia e ele não tem condição ainda. Agora, ocê tem colegas aqui, ocê tem amigos, seus amigos não vão te vaiar, né ? Desde que ocê venha mostrar alguma coisa boa aqui em cima, uma coisa que é positiva, ninguém vai te vaiar, vão te aplaudir.

- O que eu tenho a falar é que o nosso amigo aqui, ele.... nós tem que agradecer muito esse circo. Porque ele falou aí que não tinha coragem de falar, porque ninguém dava oportunidade. Mas, através do circo é que ele teve essa oportunidade de falar e de tirar qualquer coisa que tava dentro dele, tava prendendo ele, e não tinha aquele... com quem argumentar, com quem falar, entende ? Então, aconteceu, o circo ajudou, entende ? Então, nós temos que agradecer demais o circo. E se algum dia... que eles tão falando : que o circo vai embora, o circo vai embora, o circo vai embora ... eu acho que eu não tou com nenhum medo do circo ir embora. Cabeça erguida... se entende... e talvez, ele... a gente faz uma forcinha dele ficar, tal... mas se caso não ficar, então nós vamos lutar , né ? Aí é com nós ! Então nós vamo lutar. Pelo tempo que ele teve aqui, ele ajudou muito a gente a ver as coisas que tava prá trás, que não chegava na gente. Que a gente conseguiu a chegar até aquele ponto. Eu, principalmente, eu ficava aqui e tal, pensando o que que eu ia fazer... tinha que fazer qualquer coisa prá ajudar no circo. Então, o que que eu pensei um dia : eu vou arrumar uma dupla, um grupo de catira grande, de gente grande. Mas, depois pensei... não... não vai trazer benefício quase nenhum. Então, eu peguei e pensei num grupo de catira de criança. Inclusive eu conversei com a D. Iolanda um dia, de trás do bastidor aí, ela até me deu um apoio muito grande, uma força muito grande e eu agradeço a senhora, viu ? Que através daquele apoio, que a senhora me deu lá, eu esforcei, eu fiz, né ? Fiz a ver... e apresentei aqui e eu acho que a turma gostaram, ocê entende ? E num sei, não foi assim uma apresentação bacana mesmo, né ? Mas foi jóia, né ? E eu acho que o circo trouxe boas coisa prá nós, aqui, do bairro.

Trouxe união, que nenhum tinha união, ninguém tinha união, então nós estamos unidos hoje porque... por causa desse circo, né?

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

A gente pouco tinha contato : eu mais ele aqui, eu mais ele ali... a Bernadete, nóis tinha muito contato quando nóis ia lá, né ? A turminha tudo daqui, cada um era... " um prá si e Deus prá todos ". Agora não, tou vendo que nós tamos todos unidos, né ? Nós tamos ' unindo através de que ?... do circo ! Então vamo agradecer o cir - co. Vamo agradecer , e vamo agradecer o pessoal da associação, o pessoal da Secretaria da Cultura e toda nossa associação do Conjun to Alvorada. E mais... o que eu tenho a dizer é só isso, e eu te - nho um convite muito especial aqui a D. Iolanda... que eu não sei' se ela possa vim mas, espero que ela vai... vai... é, como se diz ... vai ouvir o meu convite, né ? Eu quero que a senhora, se a sra. puder vim ao circo no domingo que vem, né ô Rubens ? Domingo que vem... passando esse agora, no outro, né ?... É que eu quero mos - trar o catira prá senhora. A senhora me cobrou o catira e falou : " ó prá que dia que ocêis vão tá com esses meninos prontos ? " En- tão... então eu quero fazer esse convite prá senhora, aqui, ao pú- blico, certo ? Que depois... espero que a senhora venha e que eu vou ensaiar mais um pouco os menino, prá eles ficar bem bonitinho' mesmo, fazer o que puder prá eles ficar bem afinadinhos, viu ? Prá apresentar prá senhora... e mais um muito obrigado, pela atenção ' de todos aí e fica aqui, uma palavra de... como é que se fala ... de... como ? É assim, um tipo assim... o cara tá assim meio decaí- do, então... de apoio... uma palavra de apoio. É exatamente. Cus - tei mas falei, né ? É uma palavra de apoio, que se o circo for em- bora, se não tiver condições de ficar aqui, mais 5, mais 10, mais' 15 dias... que não lamente, não chore e nem nada. Vamo erguer a ca beça e lutar. É isso aí.

-

- ... falar que o Projeto Circo veio estimular a gente a

fazer as coisas culturais e, também, veio trazer a gente assim um lado bom, prá gente por prá fora aquilo que a gente tinha aqui por dentro. Porque eu acho que esse lado cultural tava morrendo dentro da gente, a chama tava se apagando. Aí então, veio trazer a... como se diz... a força prá gente apresentar isto. Aqui, a gente também desenvolveu várias coisas que quase tava morrendo. Aqui, no Alvorada, não tinha nada, a rotina era a de sempre, às vezes, muito' cansativa... mas, o Projeto Circo veio e, como se diz, e estimulou a gente a fazer o que a gente queria. Eu, por exemplo, comecei a escrever... sempre gostei mas, também gostei de fazer outras coisas também. Mas, acho que é só o que eu tenho prá dizer... e muito obrigado.

-

- Bom gente, em primeiro lugar, né, eu gostaria de parabenizar a Secretaria de Cultura, por esse projeto que foi maravilhoso, acho que não só aqui para o bairro Alvorada mas, vai ser pros outros bairros também, né ? A equipe que trabalha aqui no bairro , né, o pessoal tá se dando bem, né, em termos gerais mesmo... estão todos de parabéns ! E acho que tudo assim... que eu gostaria de dizer, acho que todo mundo já disse, foi ótimo, maravilhoso ! Eu estou encantada com o projeto. Só isso... que fique até mais... lá prá janeiro...

-

- Um esclarecimento... porque na fala do Manoel, ele me citou... então, o que eu quero falar prá vocês é o seguinte : que as pessoas vivem enganadas comigo. Eu nunca tive nenhum cargo den-

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

tro da diretoria da associação, do Alvorada. Eu nunca, nenhum ano, eu tive cargo nenhum. Porém, desde quando eu mudei prá cá, da inauguração do conjunto, eu sempre trabalhei pelo bairro, eu sempre ' assim é... (troca de fita)

... e na verdade, eu não tinha nada daquilo, eu queria era outra coisa. Eu lutava por uma outra coisa. Por uma vida melhor , né ? E eu nunca fiz discriminação de nenhum jovem, viu Manoel ? ' Nunca fiz... e eu sempre tentei chegar até vocês. Agora, às vezes, essa maneira de chegar é... a gente peca com ela, porque a gente ' aprende é apanhando mesmo, sabe ? É no dia a dia. Então, isso aí foi mais uma coisa boa que eu senti no Projeto Circo, né, é que através dele, eu entrei devagarinho e eu tou tendo um contato maior com os jovens, através do teatro, das minhas vindas aqui, das reuniões de avaliação... e eu estou acreditando muito que tá desfazendo essa imagem ruim que vocês fizeram de mim, com o passar do tempo. Agora, eu espero que isso aí acabe mesmo e que vocês passem a me conhecer, como eu acredito que já tem jovens aqui que já estão' me conhecendo melhor. Eu estou conhecendo eles melhor, né ? E que a gente possa viver bem e que vocês entendam que até hoje eu já batalhei muito pelo bairro, e não foi por mim não, foi por todos nós, porque eu tenho filhos e eles estão crescendo, eles também vão ser iguais a vocês, amanhã, né ? Então, era isso que eu queria falar.

-

- Bom gente, eu fui ali dentro da salinha... ali... eu tô meio nervoso, ainda... fui dentro da salinha ali e escrevi um negócio aqui. Não é bem um poema não... mas, é uma forma de se expressar o que eu sinto... ou o que todos sentem aqui, né ?

Eu vou tentar ler aqui :

Mod. 9

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

" Ele chegou...
veio e ninguém acreditou na sua importância.
Muitas críticas surgiram
mas ele chegou de mansinho.
E sem que muitos percebecem
aos poucos, foi se tornando maior
importante.
Importante prá cada um de nós.
Ninguém acreditou
mas, hoje ele faz parte de nós
ele está dentro de cada coração.
Ele abriu suas portas prá quem quisesse
e todos queriam...
Como uma mãe acolheu seus filhos.
Nós aprendemos a conhecê-lo melhor
nós aprendemos a respeitá-lo
a ter carinho por ele.
E agora está chegando a hora dele ir
e nós não podemos fazer nada
só vê-lo partir...
e tentar continuar um sonho
que ele veio e deixou prá ser realizado.
Ele vai mas, a saudade vai ficar
e o seu sonho será realizado.
Jamais esqueceremos que um dia
ele passou por aqui...
e deixou muita alegria, muitos talentos
e muita força de vontade.
Ele nos ensinou muita coisa
mas, o mais importante
foi a consciência de que todos nós somos alguém
e que todos estamos aqui para alguma coisa.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

Vamos descobrir aos poucos...
e tentar mostrar o que aprendemos
com força, união e garra.
Vamos realizar o seu sonho
um sonho de cultura. "

-

- Quero só dar uma palavrinha : eu quero agradecer, né, a todos aqui presente; aqueles que ouviram o convite prá vim participar, que veio e tá participando. Esse convite é feito prá toda a comunidade, às vezes, muitos não participam... às vezes, ficam reclamando que não tem oportunidade. Sim... mas, todos tem... aquele que vem participar, ele tem a oportunidade. Eu quero deixar, aqui, uma palavrinha assim prá todos os jovens e agradecer os jovens, ' que eles todos teve a oportunidade de participar na diretoria... ' teve a oportunidade de participar com o seu voto, todos maiores de 18 anos, 16 anos já votaram... isso é uma participação muito grande dos jovens. A gente quer deixar esse agradecimento e pedir eles que continuem participando, votando, vindo nas reuniões... que é muito importante. Não é importante só prá mim ou pro meu filho não, é importante prá todo mundo. Aquele que participa mesmo, gente...é muito importante. E quero também pedir, fazer um pedido a D. Iolanda, né, assim... tá todo mundo pedindo... " vamo fazer um abaixo - assinado pro circo ficar até o dia 1º ... vamo pedir, né ? " ... a diretoria lá da Cultura, né... os jovens, as pessoas tão todas ' pedindo, né, que ele fique até o dia 1º de janeiro... porque a gente tem conversado assim com a equipe, se tem possibilidade dele ficar. Porque se ele for embora, prá outro bairro, será que... ele vai ficar desarmado mesmo esse período, né... porque eu acho que não tem possibilidade dele se montar noutro bairro, prá passar Na-

tal e Ano Novo, né ? Então, que ele ficasse aqui conosco, né ? Que a gente é um bairro assim distante, eu acho que não tem... muita gente não tem possibilidade de levar a família pro centro da cidade, prá assistir alguma coisa... é muito difícel, né ? Coletivo caro, né ?... e for prá sair uma família, fica caro, não fica barato ... que a gente pensa, também... não é só o dinheiro do coletivo e sim o lanche pras crianças, né ? Então, a gente deixaria aí com a senhora esse pedido... que ele fica conosco até o dia 1º de janeiro, né ? E é só o que eu tenho a dizer.

- Artur, jovem do bairro / Patrícia (secret. de Cultura)

- Você está atuando junto com a associação dos moradores ? Assim, em setor de esporte ?

- Junto... você fala... como assim ?

- ... o conjunto. É só você sozinha ou tá em conjunto ?

- Não... eu tou em conjunto, né. Assim, você fala com a associação em si ? Não, não... com a associação nós ainda não chegamos bem, né, em termos de esporte. Inclusive, eu e a Bernadete estávamos conversando hoje, sobre isso... sobre talvez se promover um gremio, aqui, né ?

- Isso... porque vocês podiam ver assim... enquanto o circo está aqui. Que o circo tá dando um apoio no esporte... o volei. Outro dia, eu cheguei pro Rubens e perguntei : " e a bola de volei ? " Ele falou : " Furou... " Aí eu perguntei se não tinha outra; ele falou que não tem, que tava batalhando... ver se arruma , que não é fácil, né ? E já parece que arrumou... hoje, eu vi as menina treinando... Vocês podiam fazer assim um jogo de futebol de salão : pai contra filho; solteiro contra casado e o volei mixto , ou masculino contra feminino...

- É realmente... como é que você chama ? Artur... essa é

uma ótima idéia que você tá dando prá gente, um espaço muito bom , o que tava acontecendo... inclusive que a gente conversou na reu - nião de segunda-feira, foi que os torneios que a gente tava fazendo aos domingos, não tava acontecendo. Por exemplo, a gente fazia' inscrição e o pessoal não vinha no domingo. Talvez... seria o caso de que o domingo é o dia que o pessoal desce, o dia que o pessoal' dorme até mais tarde, né... gandaia no sábado... então, assim a gente tá vendo uma forma de realmente passar isso pro sábado. Agora, a gente tá olhando também o problema de monitores... que a gente quer que caminhe com a gente, em todo esse processo, prá que ele fique aqui no bairro e possa continuar esse trabalho, né ? Agora, eu também não tenho visto você por aqui... você tem vindo assim nas atividades nossas ?

- Isso... inclusive eu admirei bastante essa maratona que você deu pros meninos, né ? Participou a categoria masculina e feminina, né ?

- Foi.

- Eu gostei muito da participação dos meninos... menino pequeno, de categoria de 5 a 10 anos, de 10 a 14, de 15 a 20 parece, né ? Teve uma plena participação. Achei muito bonito, por isso que eu tô falando prá você dá uma força maior nos menino, né... que o esporte, o lazer é uma forma de unir todo mundo. Todo mundo gosta' de participar, né ? Então, o esporte... acho que une todo mundo.

- Inclusive Artur, nós já tivemos um campeonato, já fize - mos uma gincana, né, no dia da criança. Já tentamos fazer um tor - neio de futebol infantil, né ? Não deu certo porque o pessoal não compareceu, porque teve que descer... e fizemos um torneio aberto' de volei. Foi um dos primeiros torneios que a gente fez... inclusive, não compareceu ninguém, né ? Foi um apelo que eu fiz pro pes - soal, prá que realmente comparecesse e viesse participar. Então , agora, o problema é o seguinte : essas atividades podem ser desenvolvidas apenas no fim de semana, né, prá todo mundo poder partici

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

par, então, a gente assim... nós em reunião com a equipe de apoio mirim, que você poderia participar, porque acho que você tem boas idéias, né, a partir daí fazer assim uma lista de fim de semana, o que vocês gostariam de fazer, é essa a proposta que eu tenho prá equipe de apoio mirim, né ? Essa idéia de jogos de pais e filhos , eu acho excelente mas, eu preciso muito de vocês prá me ajudar nisso, porque eu tô sozinha, você entende ? Então, eu preciso dessa equipe de apoio, prá me ajudar, prá orientar, prá me ajudar a fazer divulgação e tudo... Sabe, então é onde eu também tô te pedindo, Artur, se você tiver mais idéias, venha até nós pela equipe de apoio, participe mais, né ?

- E eu queria dar uma palavra aos de maior de idade... que em 15 de novembro, vamo votar consciente, não beber antes das eleição prá ter um voto mais certo, que vocês tá elegendo o nosso futuro. Só isso. Obrigado.

-

- Com licença, vou ter que levar os alunos na escola, que já são 22:50 ...

-

- Ô gente, vocês quer fazer... comentar mais alguma coisa ou nós podemo encerrar ? Não... pois é... mas a resposta eu vou passar prá Iolanda, ela vai dar a resposta prá nois...

- Não, não... pera aí. Antes, antes... um momentinho...

- Calma, um momento só. O negócio é o seguinte : se vocês querem ainda continuar ou querem a resposta da D. Iolanda... Por-

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

que parece que já tá um pouco tarde... Então, o Sirlon vai falar ' um pouquinho, depois a gente passa a palavra para a D. Iolanda prá gente encerrar, porque já é quase 11 horas.

- Sirlon

- Bem, todo mundo reivindicou prá D. Iolanda e eu vou fa - zer minha reivindicação prá senhora também. Como pai, né ? Eu gostaria que a D. Iolanda e todo o que participa do corpo... é que fizesse prá nois... que foi feito muito pouco, inclusive a nossa ' professora aqui do bairro, a diretora falou... ela começou a falar ... eu gostaria que a senhora ficasse, prá me dar uma força. Eu queria que a senhora apoiasse e fizesse prá nois, através do Rubens, de todas as meninas, que aqui participaram com nois, tão participando com nós, nos ensinando, dando força prá nóis... é que fizesse prá nois os slideszinhos sobre o sexo, sobre a doença " venérica ", sobre o entorpecente, né ?... a maconha, por exemplo. Eu queria que... até o Mané começou a falar ali... Mané, você me deu força prá isso... Eu gostaria muito que acabasse essas coisas aqui, dentro do Alvorada, porque essa comunidade passou a ter brilho depois que o circo veio prá cá. Então, eu como pai, eu gostaria de receber isso aqui prá nois. Mais afetivamente, já que vocês vão ficar aqui até no fim do ano, né ? E em nome da turma do Alvorada , eu agradeço, se a senhora nos dá essa graça... e que fizesse isso ' prá nós. Porque os jovens tão crescendo e nós queríamos, queria ' não... queremos que essa saúde, essa reivindicação fosse aceita ' por... pela senhora e por demais corpos, né ? E era só isso que eu tinha a dizer. Muito obrigado.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

- ... já que começaram a falar sobre drogas, então o se - guinte : então, igual o Sirlon falou sobre os slides, né, passasse assim sobre drogas, maconha, lança-perfume... e tudo. Isso aí, então, prá despertar mais os jovens, que tem muitos jovens que pensa que isso aí é o fim do mundo... Então, passar um pouco de slide ' prá tirar um pouco de preconceito das pessoas, então... prá mostrar ' qual que é, o que que tá acontecendo. Então, que eu pedisse ' um pouco assim de apoio... que muitas pessoa... que esse negócio ' não é fácil de conseguir... então assim, desse uma orientação as pessoas, que isso aí é um alerta muito grande para os jovens, sabe ? Então, eu sou um jovem, muitas pessoas aqui são jovens... por que tem várias pessoas que interessam muito por isso. Que desse assim um pouco de apoio, mostrasse os slides pro pessoal... que muitas pessoas que pensam mal, sabe ? Que falam : não, pessoa assim ' fala... usa isso e isso... então, que... que a senhora desse uma ' força prá mostrar assim realmente como é que é a coisa, como é que funciona isso aí, sabe ? Então, era só isso mesmo. Obrigado.

-

- Gente, um segundinho... eu gostaria de pedir que todos ' permanecessem ainda presente prá assinar o livro de ata. Parece ' que hoje, por incrível que pareça... vai dar um grande volume de assinatura de pessoas presentes na reunião... segundo o que tá comentando aqui, parece que vai ser recorde. Então, eu gostaria que isso permanecesse, porque isso prá nós é importantíssimo, heim ?

-

- ... só complementando aqui... quando a gente registra ' ali, gente, tá... é um documento que ocê compareceu a reunião, '

ocê teve presente, né ? É... entrando mais no assunto de finalização da reunião, a gente tá aqui esperando a resposta, a gente aflita querendo ir embora... tem razão, já é tarde, tem que trabalhar' e estudar amanhã. Como argumento, e não também como argumento só, mas como realização... nós temo que encarar, a partir de hoje, como que a gente vai agir no Alvorada, sem o Projeto Circo. Eu já falei que tem uma comissão cultural, em torno de 13/14 pessoas... a gente tá querendo fechar em 15 pessoas, né ? E essa comissão, nós tamo organizando prá ver se o bairro tem consciência, tem condição e se as pessoas estão conscientizadas o que que é o trabalho... sábado, a gente vai fazer uma apresentação cultural, no Centro Comunitário. É um lugar pequeno, em volta de bares e tudo o mais, vai ser a prova prá ver se as pessoas tão realmente preparadas, cons-' ciente, em não brigar, em conversar... em vez de brigar. E participar e saber acatar esses movimentos culturais, e nós estamos planejando, vou só lançar a idéia, a gente vai discutir isso a fundo , em reunião da equipe de apoio... aqui, em Uberlândia, nunca ouvi ' falar... se houve, eu não fiquei sabendo... de um encontro de ar - tistas, onde discutisse, em lugar fechado, diversos tipos de artes, né ? E se enriquecesse mais isso... E lancei a idéia nessa comis - são, da gente fazer no final do circo, espero que seja final de dezembro... e nós precisamos de certo tempo prá organizar, esquematizar tudo isso, né, com o teatro, com música, com jazz, com ginástica... todos os movimentos culturais, tudo cultural que tá acontecendo aqui. A gente tá pensando fazer o seguinte : essa idéia tem que ser amadurecida, bem esquematizada ainda... a gente fazer num' dia de domingo, que o tempo... o dia tá livre, virmos em torno de 100 pessoas para o circo. Fecha o circo; aqui dentro acontece : ' slides, acontece debates, acontece palestras em sentido de enriquecer culturalmente, né, uma preparação cultural. Depois dessa pri - meira parte, a gente já parte prá um movimento prático, né ? Prá parte prática, que seria... é uma comparação que o Amadeu fez que eu gostaria de colocar... um diamante a gente usa não é como ele '

tá, como ele é extraído não, tem que lapidar, tem que polir e tudo mais. Existe esses grupos de música e tudo mais, de teatro, e tem que ser polido, tem que ser modelado, né ? Tudo isso. E nesse' dia, aconteceria essa lapidação, essa integração do movimento cultural. Então, nós precisamos de tempo prá preparar esse trabalho e isso não é só a nível de Alvorada, acontecimento Alvorada... nós queremos a divulgação municipal, prá que as pessoas despertem também, prá fazer esses encontros, acontecer esses encontros, esses ' movimentos culturais, em Uberlândia, a nível alto também... de pessoas que tem uma formação, que tem um curso, nós tamos fazendo um movimento popular, né, cultural popular. Nós pedimos, essa nossa ' reivindicação, né... Sirlon, Amadeu... nós tamos preparando esse ' movimento, esse encontro e ele tem que ser muito bem estudado. A gente quer uma coisa muito badalada mesmo, né, muito bem organizada. Nós precisamos de tempo. É também por isso que a gente quer ' que o circo fique; prá que isso aconteça.

-

- Ô gente... eu queria só dar um toque. O seguinte : que o circo indo embora daqui ou final de dezembro ou no dia determinado, isso não quer dizer que a gente vai ficar afastado de vocês. Que o circo vai embora e vai ficar o Alvorada sem o circo... eu acho que a gente tem uma ainda que pequena... uma estrutura, que a gente pode, a partir do momento que vocês peçam alguma coisa... um apoio ' maior, uma ajuda, a gente vai poder tá aqui. Não o tempo integral, né, mas de alguma forma, ajudando. Quer dizer, nós não vamos sair daqui e esquecer o Alvorada, tá ? O Alvorada vai tá presente demais. A gente vai poder assim... a partir assim... que a gente possa mesmo dar o apoio que vocês quiserem, tá ?

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

- Dilce

- Eu vou falar... rapidinho gente, só assim... eu queria falar um pouco em relação ao cursos, também, nessa questão da continuidade, né ? Existe uma preocupação muito grande da gente de não parar por aqui, né, um esforço também no sentido da continuidade. Existem os cursos que tão acontecendo aqui, de uma maneira muito positiva, principalmente o curso de corte e costura, de cabeleireiro, pintura em tecido, agora... tô muito satisfeita com o curso de macramê, né, que tá aí todo mundo se movimentando... Então, existe também aquela nossa preocupação de também tá escutando, né, sugestões, opiniões, críticas, prá gente enriquecer quando a gente passar prá outro bairro. Eu só queria também deixar aberto, o que precisar contar com a gente, né, pro que der e vier, que a gente tá aqui... o coração da gente fica. Eu tô sentindo assim que quando chegar no final de dezembro ou dia 13, ou que dia que for... realmente vai ser um dia muito triste, como foi em Santa Mônica. A gente vai deixando um pedaço do coração da gente... Então, é uma questão... eu tô sentindo, particularmente, que aqui vai ser muito mais difícel do que o Santa Mônica. Porque a gente vai criando esse lado afetivo, com as crianças, com os jovens, com os adultos... é um trabalho muito gostoso, que é cansativo, que é desgastante mas, que dá muito prazer.

-

- Gente, eu vou falar muito pouco... acho que já falaram tudo que precisava, né, então a única coisa que eu quero dizer é o seguinte : que eu estou emocionado, feliz com tudo isso que vocês disseram, né, que foi coisa assim sincera... e coisas que realmente assim engrandecem muito o trabalho da gente. A gente vai, a partir de hoje, ter assim muito mais garra, mais vontade... prá realizar esse

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

trabalho com vocês, uma vez que ele tá sendo tão bem aceito e que vocês querem que ele continue. E continuem participando, venham ao circo, participem das reuniões e conquiste o seu espaço aqui no circo. Aproveite, tá ? Muito obrigado.

- Secretária Municipal de Cultura

- Sei que vocês tão querendo é uma resposta assim... batata : sim ou não, né ? Eu garanto que o circo fica aqui até o dia 13 de dezembro, viu ? Todo mundo pode ficar aí tranquilo... Mas, eu gostaria de fazer alguns comentários; não vou fazer todos que eu anotei não, porque senão eu ia demorar muito... mas, alguns eu acho que eu não poderia deixar de fazer não... Eu acho que... eu perguntei para o Fernando, quando ele me perguntou se eu poderia vir aqui, hoje... eu falei : Por que uma revisão ? É... dois terços do processo, né ?... que são 3 meses, nós estamos vencendo 2 meses, por que agora ? A gente faz uma revisão semanal, como eles fazem com vocês, e nós fazemos a revisão final. Por que agora ? Ele me explicou as razões, tudo bem... então, vamos lá, né ?

Eu acho que foi assim muito, muito rica; eu acho que essa avaliação hoje, ela foi muito importante para que nós pudéssemos aproveitar mais do que resta do circo. Vocês devem se lembrar que na noite de inauguração, eu dizia: aproveitem o circo, desde o começo, prá que quando não chegar no final, queiram que ele fique mais. A gente tem que aproveitar, com unha e dente, aproveitar desse pessoal o máximo, enquanto o circo está aqui. Mas, isso de certo modo até é bom prá gente, prá gente saber que ele tá sendo importante mesmo prá vida do bairro, né ? Essa vontade que ele fique mais ...

Eu acho que foi importante a revisão por uma porção de coisas. Por exemplo : foi dito aqui... é que já estão pensando num local prá continuar o trabalho. Sugeriram que cobrisse a praça, sugeriram o Centro Comunitário... eu acho que o Ademar já disse mais ou

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

menos, o que eu queria dizer, com relação à cobertura da praça. Com relação a dinheiro, já disse também o que que aconteceu com nosso ' dinheiro pro ano que vem: a nossa verba foi reduzida a um terço. Então, nós fizemos os nossos projetos prá " X " , isso foi reduzido a um terço. Então, nós nem sabemos ainda... a não ser prá manter o que a gente já tem, o que que a gente vai poder fazer a mais. Isso foi uma pena que tivesse acontecido mas, o pessoal da secretaria ' tem uma garra muito grande. No dia, foi um esmorecimento muito grande mas, a gente já suplantou esses primeiros tempos e... vamos ver o que que nós podemos fazer para o ano que vem. Mas, esse problema' de cobrir a quadra, eu acho que há que ser discutido com vocês. Será que aquela quadra deve ser realmente coberta ? Mesmo que não tivesse o espaço; que vocês tem que lutar todos unidos para construir alguma coisa no espaço que a prefeitura cedeu... eu acho que tem ' que discutir se vale a pena cobrir a quadra. Ver os prós e os contras. O Benê toda hora fala no problema do Centro Comunitário é perto dos bares... mas e daí ? Eu acho que tem que tentar... tem que tentar fazer lá essa reunião, que ele tá falando que já tá marcada' e verificar o que que vai acontecer. Depois, é o seguinte : a população do Alvorada, pelo que eu vi aqui, com uma surpresa muito grande prá mim, ela já modificou alguma coisa, prá bem, né, prá melhor. Então, eu acho que tem é que tentar...

Um dos objetivos do circo, eu não disse no começo mas, é esse também : é descobrir... ajudar a população a descobrir espaço no local, viu ? Então, eu acho que foi muito válida, foi excelente a avaliação. Eu ouvi coisas assim, por exemplo, de alguém dizer aqui: que a partir do circo, sentiu-se como gente. Isso é muito, muito sério... pensar que antes não sentia... é muito bom ouvir um depoimento desse tipo, né ? Que então se sente como gente, quer dizer, gente que é valorizada. Depois de ouvir o depoimento do Manoel, que falou que foi a primeira vez que ele falou, eu acredito que ele até ' pode ter tido outras oportunidades, talvez tenha faltado o incentivo nas outras oportunidades dele falar... mas, isso foi assim um

negócio muito importante, muito sério. E depois, esta confissão de ... acho que foi do Evaldo, que falou... alguma coisa, o Manoel tirou daqui de dentro, né, ele rompeu isso aí. Isso aí foi um negócio muito positivo, viu Manoel... foi das coisas muito boas, muito sérias que a gente ouviu aqui, foi o seu depoimento.

Outra coisa que eu achei assim muito profunda, foi a preocupação do Maurício, e eu acho que tem a ver... a sua preocupação. Enquanto tá aqui dentro é uma família. Será que depois que o circo ' for embora, a família vai continuar reunida, vai continuar a existir ? Isso é muito sério. Eu acho que isso aí não deve ficar nem como resposta, hoje, mas como uma indagação aqui, prá todo o mundo , né ? E quando o Evaldo falava que não vamos chorar a saída do circo, eu quis dizer o seguinte, que eu puxei palmas... é isso mesmo, a ' gente não veio aqui, pensando que em 3 meses fosse resolver a problemática do bairro não, fosse trazer a colaboração que a gente pudesse não... a gente veio aqui, talvez, mais numa vontade assim de mostrar : olha, vocês são capazes ! Olha, vocês são valores ! Olha o que que tá aí... que talvez não estejamos enxergando, e vamos enxergar isso aí, agora. Então, quando eu puxei aquelas palmas foi ' nesse sentido. Foi no sentido de... foi dito também aqui, eu não ' sei se pela... por quem que se referiu à lona. A lona, o mastro, é' tudo... aqui, as cadeiras... o que a gente quis vir aqui e fazer , foi isso, foi deixar essa semente, a semente de discussão, de diálogo, de amizade, de compreensão, de família... de um bairro que pode se tornar, né ? Um bairro como o Alvorada se tornar numa grande família! Eu acho que não é o circo saindo daqui, que isso vai acabar' não. Eu acho que precisa, ao contrário, é continuar, prá que aquela semente vire então uma árvore, dê novos frutos, novas sementes e novas árvores, não é ?

Eu gostei muito de ouvir aquela frase que também foi do Evaldo : " o circo vai embora, não tô me preocupando com isso não ! Isso significa que alguma coisa ficou do circo. Ele vai embora, o espaço físico vai embora mas, o essencial ficou, né, que foi isso '

aí tudo que eu já falei...

Com relação aos slides... a gente... eu estava perguntando' pro Ademar, se já foi feita aqui uma... alguma palestra sobre sexo, droga... ele tá me dizendo que não mas, que tem uma preparada. Eu vou tentar descobrir alguma coisa sobre isso, tá ? Eu vou ver se ' tem preparado... porque preparar eu não sei se a gente vai conse - guir. Mas, eu vou tentar descobrir isso aí, então, depois a gente ' dá um retorno e a equipe da secretaria dá um retorno, né, prá vocês.

Eu achei uma coisa muito profunda, que eu nunca tinha é ... pensado nela, eu não sei aqui se a equipe pensou... foi aquela re - flexão que o senhor fez sobre o Projeto Circo. É isso mesmo. Veja bem, não sei se consciente ou inconscientemente, é isso aí que a gente quis mesmo : é um projeto. Ele está em andamento, ele está em execução. Porque sai daqui o espaço, não é que acabou não, viu ? E não é circo do município mesmo não, é circo do povo, é circo nosso, é circo do bairro, é circo de todo mundo, viu ? Mas, o que eu achei muito positivo, foi assim quando o senhor colocou o problema da união dos pais, né ? Foi o problema de perceber que houve um trabalho, houve um despertar prá alguma coisa aí e que isso não pode morrer, isso tem que continuar. Outra coisa, foi da escola, né ?... falar, vejam bem, a supervisora da escola, notou a diferença no com - portamento dos estudantes, dos jovens. Isso é muito importante. Agora, não podemos é deixar parar aí, viu ? Eu acho que... assim como' no começo eu disse que cultura é troca, que nós aprendemos muito ' com vocês... hoje, aqui, foi uma aula, foi uma conferência, foi uma escola, tudo que a gente viu aqui no circo. E acho que entre vocês' também a troca foi muito grande. Eu acho que para a associação, a responsabilidade de vocês aumentou... Ademar, viu ? Porque eu acho que vocês vão ter um papel muito importante daqui prá frente... e a responsabilidade aumentou... não foi a do Ademar não, viu ?... e ' nem a da diretoria da associação, foi de todos vocês ! Porque as cobranças vêm para a associação mas, a associação pode realizar é com o apoio de todo mundo, viu ? Aquilo que a Patrícia falava aí '

nos esportes, tem que ser... (troca de fita)

... né ? Mas, que a gente pode oferecer algum apoio e tudo , vejam bem, ela vai prá onde o circo for. Ou então, o mesmo duro que ela deu aqui, ela vai dar lá. Mas isso não impede, que alguns minutos, uma assessoria... agora, é preciso que prá ela dar uma asses - soria aqui e continuar o trabalho no outro circo, e depois no outro, e depois no outro... ela precisa deixar monitores aqui. Prá deixar' monitores aqui, vocês tem que trabalhar junto dela. Prá que ela possa então transmitir alguma coisa, que ela aprendeu na escola, ela tem obrigação de saber, por isso ela ficou lá muitos anos prá aprender... então, ela pode transmitir para os monitores e os monitores' depois continuarem o trabalho aqui, com uma assessoria da gente. Às vezes, uma reunião semanal, alguma coisa assim...

Eu achei assim um negócio maravilhoso que aconteceu com o ... como que é o nome dele ?... com o Reginaldo, quer dizer, vocês viram o artista que o Reginaldo é... Primeiro, a transformação : ' ele veio aqui prá vaiar, vaiar um desfile... ele hoje é elemento ' participante desse grupo do desfile. Depois, ele se sentiu um tanto emocionado... não disse tudo que ele falou, se retirou ali um pou - quinho, de repente vem aqui com um poema que é uma beleza, né ? É uma demonstração de assim ... duma criatividade, de alguma coisa ' que tá aqui dentro, muito grande, e que não só fez um bem danado a ele de exteriorizar isso mas, como também a nós... porque foram ' duas páginas de beleza, né ?... que a gente ouviu aqui.

E agora, o assunto que tá todo mundo curioso aí prá saber , né ? Então, veja bem, o que que eu tenho a colocar: eu não vou decidir nada aqui; nem vou dizer aqui que o circo vai ficar, depois do dia 13. Essa é uma decisão que vocês tem que tomar junto com essa equipe... e eu gostaria só de lembrar o seguinte : que se o circo.. se chegarem a uma conclusão, e aí é a equipe, não sou eu, viu ? ... O nosso trabalho realmente é feito dentro de uma democracia muito ' grande e eles podem atestar isso aí. Eu não vou decidir isso aqui

não. Agora, é preciso que vocês saibam o seguinte : eu só não quero é que eles fiquem... gostaria que eles não ficassem sacrificados... porque se o circo for ficar aberto na noite de Natal, na noite de 31... eles vão ficar sacrificados, da folga, da noite de Natal, do dia de Natal, das vésperas do Natal, de também passar com suas famílias, de fazer aquilo que eles poderiam fazer,né , naqueles dias de folga. Então, eu gostaria que vocês também raciocinassem nesses termos... que são pessoas também como vocês, que querem também desfrutar das festas natalinas junto com os seus, né ? Então, é uma discussão que tem que ser feita ainda e que a resposta não vai ser dada aqui, agora, apesar de estar todo mundo ansioso prá ouvi-la, tá bom ? Então, o que eu tinha prá falar é isso aí e acho que nós temos que encerrar, né, porque... o Fernando tá dizendo que segunda - feira decidem.

Agora, uma outra coisa que é assim muito sério prá nós... eu falava junto aqui pro Rubens... se nós tivéssemos um segundo circo, e aí que a gente lamenta essa história do orçamento, isso realmente ficou atravessado aqui em nós... se nós esticarmos o prazo, nós vamos prejudicar alguém. Então, eu gostaria que vocês raciocinassem nesses termos também... quantos bairros Uberlândia tem... e cada tempo que a gente atrasar num local, o tanto que nós vamos prejudicando prá frente, não é ? Se nós usufruimos muito do circo, e parece que nós usufruimos, a gente também não pode ser egoísta e querer prejudicar outros, né ? Eu espero então, que na segunda-feira, vocês discutam e que cheguem aí num bom termo de tudo, tá bom ? Eu tenho certeza que nós vamos chegar a esse bom termo, viu ?

ANEXO C - Roteiro das entrevistas realizadas com ex-funcionários da Secretaria Municipal de Cultura.

1 - Você poderia nos contar há quanto tempo trabalhou (ou trabalha) na Secretaria Municipal de Cultura e quais funções exerceu ao longo desse período?
2 - Como se deu seu envolvimento com o Projeto Circo (CCI)? Em que etapas ou funções você atuou dentro do projeto?
3 - Durante quanto tempo você esteve envolvido(a) diretamente com o Projeto Circo?
4 - Quais eram os principais desafios enfrentados na execução do Projeto Circo, tanto do ponto de vista técnico quanto institucional?
5 - Há alguma situação ou experiência marcante relacionada ao Projeto Circo que você gostaria de compartilhar?
6 - Na sua experiência, como cada gestão lidava com o CCI? Houve apoio institucional ou mudanças de orientação?
7 - Você estava na Secretaria no momento em que o Projeto Circo foi encerrado? Se sim, como essa decisão foi comunicada e recebida pela equipe e pela população?
8 - Na sua visão, o que poderia ter sido feito para garantir a continuidade ou institucionalização do Projeto Circo?

ANEXO D - Roteiro da entrevista realizada com membro da sociedade civil.

1. Você pode contar um pouco sobre quando e como conheceu o Projeto Circo, e o que te motivou a participar das atividades?
2. Quais cursos ou atividades você realizou no projeto e como era a sua rotina por lá?
3. Houve momentos ou experiências marcantes durante sua participação no Projeto Circo? Quais memórias você guarda dessa vivência?
4. De que forma sua participação no projeto influenciou sua vida pessoal, como autoestima, comunicação ou visão de mundo?
5. O projeto teve algum impacto nas suas escolhas educacionais ou profissionais? Influenciou no seu trabalho ou nos seus estudos de alguma forma?
6. Como sua família e a comunidade ao seu redor reagiram à sua participação no projeto? Você percebe mudanças nessas relações a partir da sua vivência no Circo?
7. Pensando hoje sobre o projeto, que avaliação você faz? O que você destacaria como mais importante e o que recomendaria para iniciativas semelhantes no futuro?
8. Como você soube da descontinuidade do projeto? O que esta informação provocou em você?

ANEXO E - Parecer para instalação do Projeto Circo no bairro Ipanema.

PARECER

REF.: BAIRRO IPANEMA

Diante da solicitação da Associação de Moradores do Bairro Ipanema quanto à instalação do Centro Cultural Itinerante-Projeto Circo naquele local, temos a informar:

1. A Equipe do Projeto Circo esteve no local analisando e levantando as áreas institucionais disponíveis para montagem do Circo.
2. Foram encaminhadas para a CEMIG todas as áreas disponíveis para análise técnica e liberação da carga (KWA).
3. A 1a área analisada pela CEMIG foi a Praça Bandeirantes S/n e a mesma foi indeferida.
4. As outras duas áreas analisadas também foram indeferidas por incapacidade de carga.

Assim sendo, a Equipe do Projeto Circo propõe uma programação cultural alternativa para atender o Bairro Ipanema, e tão logo haja área liberada pela CEMIG, o Centro Cultural Itinerante irá se instalar por um período de 04 meses com toda a programação (oficinas, shows, debates, filmes, cursos semi-profissionalizantes, etc.)

PROPOSTAS DE PROGRAMAÇÃO

16 de maio - domingo - manhã

. Rua de lazer com mini-gincana
. Karaokê
. Teatro (valores do bairro)
. Dança Aeróbica

OBS: palco móvel

Aprovado
Graciete
Graça
10/5/93

Circo

19 de Junho - Sábado - noite

- Quadrilha
- Grupo de Forró
- Exposição de trabalhos do bairro (Doce, Pescaria, Comidas Típicas, Bingo, etc.)

OBS: Palco móvel

25 de Julho - Domingo - manhã

- Gincana Cultural , lazer e esportiva
- Apresentação de Dança de Rua e Acadêmica

OBS: Palco desmontável

21 de Agosto - Sábado - noite

- Banda Municipal
- Mostra de Poesia (valores do bairro)
- Grupos de MPB/ROCK
- Grupos de Dança de Rua

OBS: Palco desmontável

Av. Segunda 1270 ... 1 show ... cidadania

Uberlândia, 27 de abril de 1993.

Denise Vieira Alves Martins

DENISE VIEIRA MARTINS

Coordenadora do Projeto Circo

②

①

Diagnóstico apresentado ao Consultor Cultural - Pedro Brás - dia 20/01/95. sobre o Projeto Circo.

O Centro Cultural Itinerante ou Projeto Circo, passa atualmente por um período de transição. Após oito anos de sua implantação, percebemos a necessidade de uma reestruturação organizacional procurando acompanhar e atender as mudanças sociais e culturais que ocorreram neste período.

O Projeto foi criado durante um governo socialista, onde as associações de moradores de bairros possuiam força política e liderança ativa apoiando e solidificando a atuação do Projeto Circo. Hoje encontramos outra realidade, onde o Projeto, teria que exercer também estas funções aglutinadoras, além dos objetivos gerais de promoção, valorização e democratização dos bens culturais.

Há necessidade urgente de priorização e consolidação das etapas de trabalho, para que estas atividades sejam agentes provocadores de mudanças nos comportamentos levando as pessoas a um crescimento gradativo. Para isso propomos:

* reorganização administrativa
* divisão em áreas
* criação de subcoordenações
* reestruturação das atribuições, definindo melhor o papel de cada funcionário.
* melhor qualificação dos serviços prestados nas oficinas, procurando dar principalmente formação.
* captação de recursos financeiros através da iniciativa privada.
* logomarca facilitando a veiculação dos trabalhos.
* criação de uma equipe dentro do P.C. que mobilize a opinião pública do Bairro de Cidade fazendo uma integração com o Projeto.
* motivação da área cultural oferecendo mais informações e provocando reflexões de temas como drogas, Aids, alcoolismo, cidadania, violência etc...

O projeto possui uma capacidade

~~Todos os anos~~ Frequentemente recebemos projetos das diversas áreas artísticas, querendo participar dos atividades do Projeto. Qual o critério a usar para esta expansão?

Atualmente pensamos em expandir a área de música por ser a mais solicitada pela comunidade. A criação de uma Banda Mirim seria o começo desta expansão musical, mas seria Banda Marcial, uma Bateria ou Fanfarra? Ou as três?

Quanto à Escola Circense vemos mais definido o caminho que seria o resgate cultural e formação de novos profissionais da área.

Outra proposta para o ano de 95 seria a implantação de Casas de Cultura nos Bairros. Achamos que este trabalho deveria ser criado pela S.M.C. e não pelo Projeto Circo, no qual participaríamos, mas com uma coordenação separada para evitar acúmulo de funções.

Sentimos que a população da periferia anseia por lazer, alegria e principalmente fazer arte. Contamos com o apoio da Secretária de Cultura que é sensível a estes apelos.

Temos um projeto implantado e consolidado. A nosso ver restam alguns retoques, pequenos ajustes e depois... crescer.

7 - Pós-créditos

Decidi que minha dissertação terá pós-créditos - nos moldes da Marvel em seus filmes de super-heróis - para dar lugar a uma das peripécias de coleta de dados e considerar tudo o que fiz para essa pesquisa. Tudo mesmo! Sendo assim, a escrita dessa parte se dará de maneira mais informal, mas eu, porém, gostaria de informar que a seriedade para realizar essa peripécia foi a mesma do texto levemente pesado que veio antes. A culpa é das estrelas (sol e lua em sagitário, ascendente em aquário[25]!).

Conhecer a obra de Pierre Bourdieu e Alain Darbel (2016) me causou um misto de felicidade com pitadas de desespero, e gotas de revolta e vergonha por, somente no auge dos 30+, após passar por uma graduação com disciplina que aborda o mercado de trabalho e sociologia, conhecer esse livro que traz uma reflexão tão importante para a construção do nosso trabalho enquanto artista. Como uma forma de procrastinar - comportamento clássico de todos nós, veio uma vontade louca de querer realizar uma pesquisa para saber se os moradores de Uberlândia, que atualmente conta com 713 mil habitantes segundo o censo do IBGE (2022), frequentam os espaços culturais ofertados pela prefeitura, ou se preferem a Netflix mesmo quando a assinatura está atrasada ou uma novela xoxa, capenga, anêmica e inconsistente das 19h na TV Record. Mas como descobrir isso sem ter que bater de porta em porta, perguntando: *"Oi, tudo bem? Você foi ao teatro municipal este ano?"*

A realização de pesquisas que buscam compreender hábitos e percepções da população sobre equipamentos e políticas culturais exige o uso de métodos estatísticos que garantam representatividade aos resultados. Nesse sentido, a amostragem probabilística apresenta-se como a técnica mais adequada, pois assegura que todos os elementos da população tenham a mesma probabilidade de serem selecionados (GIL, 2008). Como não tenho uma habilidade, digamos, invejável com matemática e estatística, entrei em contato com o Chat GPT com o seguinte prompt: *para fazer uma pesquisa de censo em uma cidade com 713 mil habitantes, considerando uma amostragem aleatória, com uma confiabilidade de 95%, margem de erro de 2%; quantas pessoas deveriam responder para a pesquisa ser considerada um retrato da cidade?* Eis que, para determinar o tamanho da amostra, a fórmula de amostragem aleatória simples para populações finitas, segundo a IA, seria:

[25] Não acredito em signos, não tenho nada contra os que acreditam!

$$n = \frac{Z^2 \cdot p \cdot q \cdot N}{e^2 \cdot (N-1) + Z^2 \cdot p \cdot q}$$

Onde:

- **n** é o tamanho da amostra;
- **Z** é o valor z associado ao nível de confiança desejado (para 95%, Z=1,96);
- **p** é a proporção estimada da característica em estudo (utiliza-se 0,5 quando não há estimativa prévia, maximizando o tamanho amostral e garantindo maior segurança);
- **q** é 1 - p;
- **N** é o tamanho da população (neste caso, 713.000 habitantes);
- **e** é a margem de erro admitida (2% = 0,02).

O texto elaborado pelo chat para me responder diz que, ao utilizar p = 0,5, considera-se o cenário de maior variabilidade, produzindo a amostra mais conservadora, ou seja, a que assegura o máximo de precisão possível dentro do nível de confiança estipulado. Aplicando a fórmula ao caso de Uberlândia, com população estimada de 713 mil habitantes, nível de confiança de 95% e margem de erro de 2%, chega-se ao seguinte cálculo:

$$n = \frac{(1,96)^2 \times 0,5 \times 0,5 \times 713000}{(0,02)^2 \times (713000-1) + (1,96)^2 \times 0,5 \times 0,5}$$

$$n \approx 2.392$$

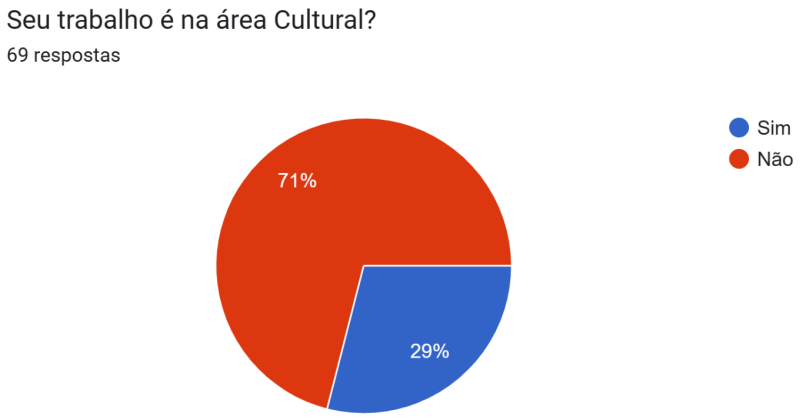
Dessa forma, para que uma pesquisa que investigue, por exemplo, a frequência da população aos espaços culturais municipais ou a participação em concertos de música de câmara, tenha representatividade estatística, seriam necessárias aproximadamente 2.392 respostas.

Fácil!

Ao aplicar esta metodologia, facilitaria a fundamentação da análise de indicadores de acesso e participação cultural, assim como para embasar propostas de políticas públicas culturais com dados que reflitam, de forma fidedigna, a realidade do município estudado.

Pois bem, no auge da megalomania, solicitei um orçamento com uma empresa especialista em pesquisas censitárias, e pela ausência de capital econômico, respectivamente R$20 mil, não foi possível brincar de IBGE de forma muito séria (lê-se: com a representatividade estatística necessária). Porém, o orgulho ferido de só conhecer "o amor pela arte" não se curou assim, pela ausência de capital econômico, e ficou martelando na minha cabeça. Atrelado a isso, comecei a me perguntar se a percepção de que a Cultura oferecida na cidade é deficiente, tão aquém do que poderia ser, é real ou um problema apenas das pessoas que fazem parte da minha bolha. Comentei com meu orientador e ele me relembrou uma pesquisa realizada pela Secretaria de Cultura e que os resultados foram apresentados na última Conferência Municipal de Cultura. Para minha surpresa, a pesquisa realizada pela secretaria apresentou 63 respostas (ótimo, agora só faltam 2.329 respostas!). Ainda assim, um dos resultados da pesquisa realizada pela Secretaria me incomodou: o fato de a maioria das respostas ser de artistas. Para tanto, resolvi distribuir um novo formulário via o seguinte link: https://censo-cultural.vercel.app/. Nele, as restrições que utilizei para garantir a aleatoriedade foram: restrição para apenas uma resposta por CPF. O questionário contava com perguntas abertas e fechadas. Com a intenção de deixar a pessoa que estivesse respondendo mais à vontade, optei para que as respostas fossem anônimas. Outro fator que difere da pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, é a coleta de dados demográficos e sociais.

Com este questionário, obtive 69 respostas, sendo 71% de pessoas que não desenvolvem um trabalho na área cultural, como demonstrado no gráfico a seguir:



Infelizmente, não será possível efetuar uma comparação dos resultados das pesquisas neste momento Anexos - Mestrado. Quem sabe numa próxima…

[O pós-crédito não costuma concluir e nem finalizar as coisas, é uma grande reticência.]